

Vale do Forno
é a solução
para o lixo
da capital

Pág. 7

Diário de Lisboa

ANO 66

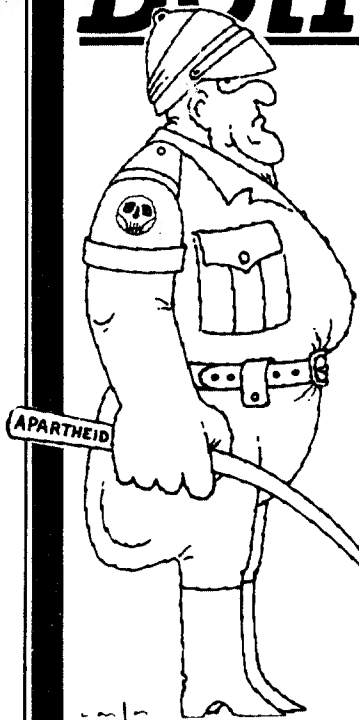
N. 22 212

Terça-feira, 11 de Novembro de 1986

Preço 40\$00

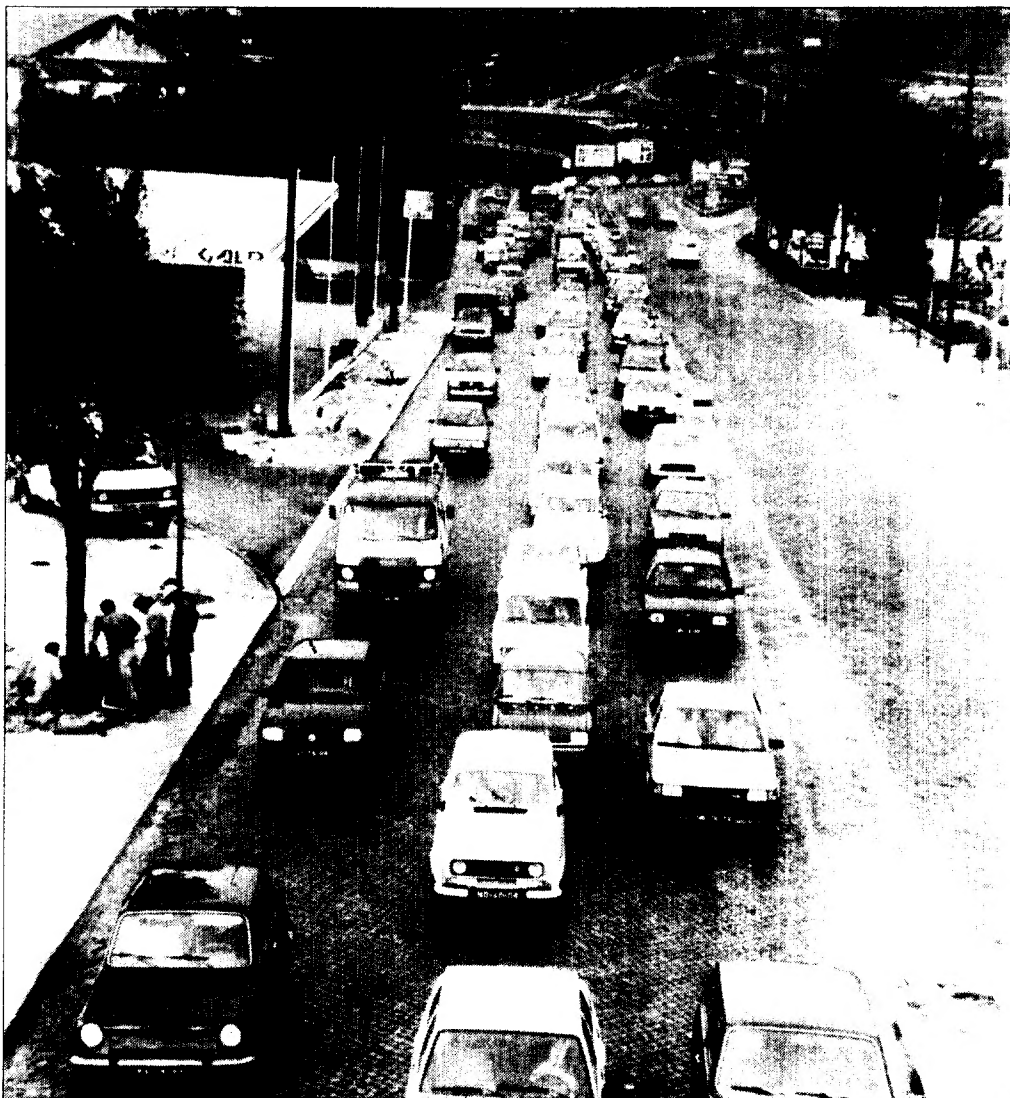
Botha na Madeira

MAL-ESTAR NO GOVERNO PROTESTOS DA OPOSIÇÃO



É evidente o mal-estar no gabinete do primeiro-ministro Cavaco Silva na véspera da visita à Madeira do chefe do regime do apartheid, Pieter Botha. Enquanto partidos da Oposição, como o PS, PCP e UDP protestam, o gabinete de Cavaco Silva, à laia de compensação, limita-se a indicar aos jornalistas que procuram esclarecimentos, que o chefe do Governo de Lisboa felicitou o presidente angolano, José Eduardo dos Santos, na passagem de mais um aniversário da independência daquele país...

Pág. 4



PRIMEIRAS CHUVADAS Trânsito inundou as ruas de Lisboa

A intensa chuvada que se fez sentir em Lisboa durante a madrugada de hoje teve os já habituais reflexos: dezenas de apelos aos bombeiros e entupimento do trânsito em diversas zonas da capital. Para além do ritmo dos pedidos de auxílio, que chegou a ser um por minuto cerca das seis horas, há a salientar o alagamento do viaduto das Amoreiras levando à formação de bichas intermináveis naquele acesso à capital. Na Avenida da Liberdade, um desfile da Liga dos Combatentes, comemorativo do armistício, deu uma ajuda.

Pág. 24

BENFICA EM POLVOROSA



Mortimore no fio da navalha

Embora se mantenha na primeira linha da luta pelo título nacional, o futebol praticado pelo Benfica não agrada aos seus adeptos que, muito especialmente depois da eliminação em Bordéus, contestam fortemente os esquemas táticos de Mortimore.

Pág. 15

Ainda o caso dos "terroristas" angolanos interceptados em Roissy

Na edição do semanário «Témoignage Chrétien» de 27 de Outubro/2 de Novembro, Alain Echegut, jornalista que habitualmente informa e comenta sobre a política portuguesa, refere-se à questão dos governantes angolanos interceptados num aeroporto de Paris por motivo dos seus nomes figurarem em listas de «terroristas portugueses». O «Diário de Lisboa» denunciou, oportunamente, o lamentável acontecimento e os indecisos desmentidos só contribuíram para dar relevo a esse escândalo.

No «Témoignage Chrétien», Alain Echegut concretiza: «Por duas vezes pelo menos, personalidades angolanas (dois ministros e o chefe do Estado-Maior da Força Aérea), foram interpelados no aeroporto de Roissy. Os seus nomes figuravam nos registos da polícia francesa com a classificação «terroristas portugueses».

Após inquérito, as autoridades de Paris aperceberam-se que esta lista tinha sido fornecida aos ministros do Interior da CEE (no dia 25 de Setembro passado em Londres) pelo representante do Governo português.

Segundo escreve Alain Echegut a lista tinha sido elaborada, em 1961, pelos serviços da PIDE.

Pela nossa parte, não fazemos comentários. Os factos valem o que valem. Os «desmentidos ministeriais» têm a credibilidade que merecem.

Para acertar agulhas

Pires de Miranda vai reunir embaixadores de Portugal na CEE



O Ministério dos Negócios Estrangeiros vai promover de 12 a 14 do corrente uma reunião com os embaixadores portugueses nos onze países da CEE, com o Primeiro Ministro, os ministros da Agricultura e Pescas, da Indústria e Comércio, do Trabalho e Assuntos Sociais, do Plano e Administração do Território e das Finanças, além do secretário de Estado da Integração Europeia e do presidente do Instituto de Investimentos Estrangeiros, que terão encontros separados com os embaixadores. Neste encontro estará também presente o representante permanente de Portugal junto das Comunidades Europeias, Leonardo Mathias.

Segundo o Ministério dos Negócios Estrangeiros, com esta iniciativa pretende-se dar «uma visão integrada da política interna, em ligação com a política externa, e ouvir de cada um os problemas mais importantes que se verificam nas capitais onde exercem funções».

Outro dos objectivos é fazer o balanço de um ano de adesão e estabelecer orientações para 1987.

Pires de Miranda considera positivo o balanço deste primeiro ano de adesão à CEE, a missão portuguesa em Bruxelas está a funcionar e os agentes económicos a responder às oportunidades.

O ministro dos Negócios Estrangeiros informou também que, relativamente aos fluxos financeiros, as transferências líquidas das Comunidades para Portugal ultrapassaram os 30 milhões de contos, acima portanto das previsões e, quanto às re-

lações com a Espanha, resolveram-se os problemas que se encontravam pendentes nas áreas das pescas e dos textos, neste caso envolvendo também a EFTA.

Mas nem tudo corre bem. Fontes do MNE citadas pela ANOP admitem que «há preocupações» para o futuro, sendo possível que na próxima cimeira da CEE, em 5 e 6 de Dezembro, Portugal se manifeste por causa da política agrícola comum e dos fundos que absorve, prejudicando o desenvolvimento de outras políticas, nomeadamente as destinadas a conseguir uma maior coesão europeia, ou seja, um maior equilíbrio em termos económicos e sociais entre os doze membros da Comunidade.

As mesmas fontes afirmaram mesmo à ANOP que «Portugal só apoiará a concretização do mercado interior, no caso de se concretizarem as ajudas para uma maior coesão europeia».



Balsemão pressiona abertura à TV privada

Pinto Balsemão pressiona: a TV privada é o seu objectivo. De pois de ter sido ouvido no Parlamento, o dinamizador da «Sociedade Independente de Comunicação» (SIC) esteve ontem com o Presidente da República, avistando-se hoje com o primeiro-ministro e com o presidente da Assembleia da República.

A Mário Soares, tal como hoje a Cavaco Silva e Fernando Amaral, Pinto Balsemão entregou uma cassete-vídeo e um dossier fundamentando a sua proposta, tendo explicado ainda que o seu projecto «visa travar o caminho à pirataria e às televisões estrangeiras, defendendo a produção nacional».

Neste momento, Balsemão mostra-se convencido de que «há vontade política para avançar com a televisão privada em Portugal», o que, a confirmar-se, seria vantajoso para o projecto que lidera e no qual, para além da empresa proprietária do jornal «Expresso», estão também envolvidos outros títulos da imprensa portuguesa, como «O Jornal», o «Sete», a «Nova Gente», o «Tempo», o «Motor», o «Diário de Coimbra» e o «Diário de Aveiro», além da editora «EMI-Valentim de Carvalho» e das empresas cinematográficas «Castello Lopes», «Costa do Castelo» e «Telecinemo».

No aniversário da independência

Embaixador convida empresários portugueses a investir em Angola

O embaixador de Angola, Mawete Baptista, reafirmou a vontade do seu país no estreitamento das relações com Portugal e desafiou empresários abertos e dinâmicos a terem em conta as possibilidades de investimento num território de mais de um milhão e meio de Km² e apenas com 8,5 milhões de habitantes. O representante de Luanda, que falava numa sessão comemorativa da independência da RPA, promovida a noite passada pela Associação de Amizade Portugal-Angola, manifestou-se ainda optimista quanto ao futuro das relações luso-angolanas e convidou os deputados que em Estrasburgo receberam Savimbi a contactarem a realidade angolana e nomeadamente as sequelas da «guerra de agressão» levada a cabo por Pretória: 50 mil mutilados, número incalculável de mortos, mais de 600 mil pessoas deslocadas e 12 bilhões de dólares de prejuízos materiais.

Jorge Sampaio, responsável pelas Relações Internacionais do PS, enviou à sessão uma mensagem de solidariedade e dos «melhores êxitos» para o Governo angolano e para o MPLA-Partido do Trabalho, lida por Gualter Basílio. Na sua mensagem, o dirigente socialista denuncia o «sistema iníquo» do apartheid e manifesta a esperança num futuro de paz para Angola e para toda a

África Austral.

A sessão, que registou ainda a intervenção de Domingos Lopes, vice-presidente da Associação e um momento musical com dois intérpretes angolanos, teve a presença de outros membros do Corpo Diplomático, incluindo o representante da Fretelin em Lisboa e figuras destacadas da vida portuguesa, como Vasco Gonçalves, Rosa Coutinho e o em-

presário como Bernardo Guedes da Silva.

«O MPLA nunca se enganou quando decidiu que o colonialismo não cairia sem luta», acentuou também, na sua intervenção, Mawete Baptista, ao exaltar a independência do seu país feita «com sangue e sacrifício» e a continuação dos «ideais da autodeterminação, independência e integridade nacional, apesar das pressões políticas, diplomáticas, económicas e militares».

«Sinais positivos»

Entretanto, em encontro realizado durante a manhã com jornalistas, o diplomata angolano salientou a existência de «sinais positivos» no relacionamento luso-angolano, nomeadamente o convite feito por Mário Soares ao seu homólogo Eduardo dos Santos para visitar Portugal. O convite, recordou, foi aceite e a visita será decidida em «data oportuna».

Mawete Baptista considerou ainda «muito significativa» a participação de 81 empresas portuguesas na III Feira Internacional de Luan-

da, que conta com a presença de mais de 450 empresas estrangeiras, de 15 países.

O embaixador angolano denunciou, por outro lado, nova invasão de território do seu país por parte das tropas sul-africanas, desde 6 de Novembro, e referiu que as FAPLA (Forças Armadas de Libertação de Angola), iniciaram já uma contra-ofensiva para repelir o inimigo.

«A comunidade internacional, preocupada com a evolução da situação na África do Sul, e as constantes agressões dos racistas de Pretória contra os países vizinhos, sabe perfeitamente que Angola não representa nenhuma ameaça para a estabilidade dos países da África Austral, nem sequer para Pretória, com a qual não tem fronteira comum e que as FAPLA não intervieram nunca fora dos limites do território angolano», sublinhou o embaixador.

Mawete Baptista acusou a CIA de montar, desde os 11 anos da independência e guerra, os mais diversos planos para neutralizar a força do MPLA, mas sem resultado. Defendeu, a propósito, a continuação do apoio militar

cubano enquanto permanecem as agressões sul-africanas e a ajuda e o financiamento norte-americano aos «fantoques» da Unita. «É já conhecido-disse um calendário para a retirada das tropas cubanas em Angola se a África do Sul cessar as agressões».

Botha na Madeira

Interrogado sobre a visita do Presidente sul-africano à Madeira, o embaixador angolano considerou tratar-se de um «assunto interno» de Portugal. Disse ainda competir ao Governo de Lisboa avaliar a conveniência e oportunidade da presença dos mais altos responsáveis de Pretória em território português, numa altura em que «toda a comunidade internacional intensifica as pressões sobre Pretória para pôr fim à política de segregação racial».

Sobre as propostas de Savimbi de conversações com o Governo angolano, apresentadas em Setembro no congresso da Unita, Mawete Baptista foi seco e preciso: «ignoramos isso».

A democratização das Forças Armadas em Espanha

A Espanha teve, também, os seus «capitães de Abril». Um grupo de oficiais que intentaram a democratização das Forças Armadas e que com esse objectivo fundaram, em plena vigência da ditadura franquista, a Unión Militar Democrática (UMD). Luís Otero Fernandez, Fermin Ibarra Renes, Restituto Valero Ramos, Manuel Fernandez Lago, Jesus Martin Consuegra, José Fortes Bouzán, Fernando Reinle e António Garcia Marquez foram presos em Julho de 1975, cinco meses antes da morte do generalíssimo Franco, acusados de pertencerem à UMD. Em consequência do processo que lhes foi instaurado foram expulsos do Exército. Um comentador situado à direita do governo de Madrid, Salvador Lopez de la Torre, («ABC», 31-10-1986) escreveu que os oficiais da UMD «em nome de ideais que poderiam ser perfeitamente respeitáveis a título individual, mas que constituíram dentro do Exército um evidente surto de indisciplina, apoiado com uma organização incipiente mas bem montada, [tinham] propósitos de acção no interior das Forças Armadas para dentro delas levantar uma rebeldia que, por seu turno, desembocasse na modificação do Estado, segundo um determinado modelo.»

Parece que o exemplo dos militares portugueses, da sua conjura vitoriosa, da estrutura e actuação do MFA, terá sido fonte de inspiração organizativa e política para os oficiais espanhóis. Que a finalidade da constituição da UMD excedia a mera democratização da organização militar e visava, globalmente, a sociedade espanhola, é o que se deduz da leitura de textos emanados da UMD. Por exemplo, um texto da UMD pergunta: «quantos anos demorará Espanha a chegar a ser uma democracia como a França, a Suíça, ou a Inglaterra?». E logo a resposta: «Parece claro que com semelhante ritmo de evolução se demorariam muitos decénios, pelo que devemos concluir que o regime espanhol não pode evoluir, dado que o final da evolução não o verão os nossos olhos, e, portanto, para os espanhóis de hoje tal evolução carece de relevância prática (...) Tendo-se em conta a necessidade de conseguir a liberdade para Espanha e a inviabilidade da evolução, é fácil deduzir que não há outra solução que a ruptura democrática.»

E o texto da UMD prosseguia interrogativamente: «Mas, deve o Exército participar nesta ruptura? Devem as Forças Armadas colaborar na tarefa patriótica de libertar a Espanha da ditadura?, ou, devem, pelo contrário, inibir-se, abster-se e contemplar um país que tem um regime que não deseja, que não reconhece as liberdades básicas, que conta com mais de 2000 presos políticos sem se decidirem a intervir?»

O desafio político à ditadura levava os militares agrupados na UMD a definir a sua atitude em termos políticos de decisão revolucionária: «Possivelmente cabem muitas respostas a estas dolorosas perguntas que todas nos inquietam, mas com o coração na mão, queremos companheiros, nós vos dizemos que em consciência cremos que temos o difícil, perigoso e quicá incluso suicida, mas insofismável dever de intervir, como tantas vezes fizeram os nossos maiores no século XIX, como fizeram os nossos companheiros em Portugal, na Grécia, na Abissínia e em tantos lugares mais, onde os oficiais readquiriram a sua dignidade e dado sentido às suas vidas, devolvendo a liberdade à pátria ou morrendo ao seu serviço(...) Porque, diga-se o que se disser, o certo é que os que hoje dirigem o país roubaram ao povo a liberdade para impor a ditadura.»

Não podemos transcrever o texto da Unión Militar Democrática. Era um ataque ao governo de Franco, um desafio à hierarquia das Forças Armadas. Oficiais jovens — um major e oito capitães foram presos —, organizaram-se para actuar contra a ditadura e não apenas para a criticar, para a censurar em termos de filosofia política.

No pós-franquismo a questão da UMD voltou a ser debatida. A amnistia de 1977 libertara os militares das penas de prisão, mas a hierarquia militar pressionou no sentido de não voltarem às fileiras. Eles tinham-se integrado na vida civil, tinham reorganizado as suas vidas.

Mas, o governo de Espanha, consciente da sua responsabilidade na democratização do país e das Forças Armadas, desde a legislatura passada que decidira dar completa e justa solução ao problema dos oficiais expulsos do Exército por pertencerem à Unión Militar Democrática (UMD). A plena reabilitação e a integração nas Forças Armadas dos membros da UMD foi agora objecto de um projecto de lei apresentado às Câmaras. O projecto governamental prevê a reinserção nas fileiras militares dos oficiais da UMD com a patente que teriam hoje se não tivessem sido afastados.

Decisão do governo socialista dando cumprimento a uma promessa eleitoral? Sim. Mas decisão

que mereceu a simpatia e o apoio do rei. Com efeito, D. João Carlos tem sido, como chefe de Estado e como comandante supremo, um garante da estabilidade democrática e um apoiante da democratização das Forças Armadas.

A decisão de reintegrar no Exército os «capitães de Abril» espanhóis, as altas hierarquias reagiram desfavoravelmente. Registaram-se pressões militares contra a medida governamental. Estão essas pressões, essa resistência à decisão do governo apoiada pelo rei, na origem da remodelação da Junta de Chefes de Estado-Maior (JUJEM). O governo de Felipe Gonzalez e o ministro Narciso Serra enfrentaram as pressões dos chefes militares, desbloquearam a questão da UMD, nomeando uma JUJEM (Junta de Chefes de Estado-Maior), o mais alto órgão hierárquico das Forças Armadas. Foram escolhidos oficiais gerais de perto ligados a Juan Carlos: o tenente-general Gonzalo Puigcerver, originário da Aviação, e que exercera o cargo de chefe da Casa Militar do rei Juan Carlos, assumiu o cargo de chefe de Estado-Maior da Defesa; para as chefias dos Estados-Maiores do Exército, da Aviação e da Marinha foram designados o tenente-general Miguel Iniguez, o tenente-general Federico Michavila, o almirante Fernando Nardiz. São oficiais-generais que não combateram na Guerra Civil, que não pertencem aos meios reaccionários e tradicionalistas, são técnicos reputados, colaboradores do ministro da Defesa socialista.

Alguns altos comandos terão recebido mal estas nomeações, terão reagido ao facto de serem preteridos e ultrapassados. O movimento das nomeações do governo Felipe Gonzalez promove as nomeações dos comandos e as altas chefias a oficiais-generais mais novos e que não sofreram o traumatismo da Guerra Civil. E se não é certo que os UMD, os «capitães de Abril» de Espanha, voltem às fileiras para fazer uma carreira militar, é incontestável que o governo lhes prestou justiça e parece decidido a proceder a remodelação das Forças Armadas.

Essa vontade política expressou-se, igualmente, no facto de ter sido confiada a um civil, Luís Roldán, membro do PSOE, de 43 anos de idade, a suprema direcção da Guarda Civil.

São notícias que chegam de Espanha e nas quais devemos meditar confrontando-as com a experiência portuguesa: a que resulta da contradição: 25 de Abril-25 de Novembro.

Em Espanha procede-se à democratização nas Forças Armadas. E em Portugal? Somam-se os regressos. Registam-se casos como os de Pedro Pezarat Correia e Amadeu Garcia dos Santos.

Lobos e cordeiros na verdade dos factos

Antonio Modesto Navarro

— «E, assim, uma biblioteca não é um instrumento para distribuir a verdade, mas para retardar a sua aparição? — perguntei espantado».

— Nem sempre e não necessariamente. Neste caso é».

Há quem passe a vida a fazer citações. Todos conhecemos um rapaz ou uma rapariga inteligente que é, ele próprio, em cada época, a citação da moda. Negociará e mudará de posição e de citações políticas com alguma frequência, o que poderá ser exemplo de atenção à vida e à evolução das coisas...

Esta citação acima saiu inteira do livro «O nome da rosa», de Umberto Eco. Serve justamente para ajudar a tecer algumas considerações sobre o filme «A verdade dos factos», o papel da BBC e aspectos da realidade em que vivemos.

Filme inteligente e apto, ele próprio, a leituras cada vez mais

aprofundadas, provoca-nos, a partir de certa altura, a sensação «de já termos visto aquele filme noutro lado»... ou seja, no nosso quotidiano cinzento e português, na Rádio como nos jornais, nas empresas como por exemplo na Função Pública.

Rapazes e raparigas inteligentes, oriundos de camadas diversas, frequentadores em muitos casos de universidades valiosas, entram no mercado do trabalho pela porta do lugar às vezes conseguido a golpes interessantes e conhecidos. Não têm pai nem mãe, ou têm, é conforme, são conservadores ou socialistas (é conforme a situação concreta, também...), olham para o relógio, mesmo no enterro de um ente querido, para não deixarem passar a hora do projecto pessoal que têm em curso, servem todos os padrões que paguem e deem condições de acesso a cargos mais acima, deitam-se até com a

mãe da «amada» para conseguirem os intentos, traem-se uns aos outros mesmo quando são amigos do peito, escrevem artigos, livros ou manuais onde a verdade é retardada ou iludida, tentam, em suma, contribuir para o bem comum da civilização ocidental e duradoura sem esquecerem nunca a quinta ou a pequena horta onde cultivam o «sucesso» à custa do próprio aniquilamento (ou seja, do mais íntimo dos sonhos e da dignidade mínima).

Desumanização, apenas

A BBC ainda tão incensada entre nós sai muito maltratada deste filme. Olhamos para aquele monte de tecnocratas da informação e de repente sentimos que a real desumanização está ao nosso lado, neste quotidiano bem mais comecinho, do emprego e do trabalho que desejamos fazer e não fazemos, ou do trabalho mitigado e controlado que diariamente vamos conquistando.

Em tempos, este país era muito vigiado e reprimido. No geral, as técnicas usadas eram chapa 4 ou 5; quando havia incomodidade e resistência, produto, entrava-se na fase seguinte, a da destruição. Não encapotavam isso. Despediam, perseguiram e prendiam, despediam e voltavam a perseguir e a prender. Os campos eram claros até em demasia. Depois, nos últimos anos do fascismo, as coisas complicaram-se. Novos métodos, mais complexos e coincidentes com a evolução da nossa realidade económica, social e política, foram introduzidos no quotidiano das empresas e doutros sectores. No entanto, pode dizer-se que, em alguns casos especiais, de certas empresas, era então possível o aproveitamento mais nítido de qualidades de gente que, embora incómoda, tinha ideias e queria trabalhar e ajudar a inovar.

Nos últimos anos, já nesta década, sentimos que se asfixia cada vez mais a criatividade das

pessoas, atingindo níveis sofisticados e impensáveis no fascismo. As empresas são controladas ferreamente ou destruídas. A informação, nos jornais, na rádio e na TV, não passa, salvo raras excepções, de sombra dela própria. O aparelho de Estado, a nível central, é anulado no que de inovador foi introduzido depois de 1974 e deixa de dar respostas minimamente eficazes para imitar da pior maneira o tempo de antigamente.

O que tem interesse não tem interesse, seja na Imprensa, nas empresas ou na Função Pública. Pessoas com provas dadas são cilindradas em cada sector, mais ou menos habilmente, ou abertamente, conforme as situações concretas. Os projectos (já «realistas» em demasia, em atenção às condições difíceis) não seguem ou são «adaptados» de tal modo que resultam apenas na cabeça fechada de quem os controla. Não há participação, não há abertura à discussão conjunta, não há relacionamento claro

entre os grupos (privilegiados) e serviços. Tudo se passa em segundo eivado de pequenas e grandes traições, mesmo entre amigos do peito. Tudo o que de positivo foi enovado através de uma prática inovadora é destruído sem contrapartida que não seja o bafio das soluções impostas e cómodas para quem preza acima de tudo o sossego pessoal e a própria carreira. A burocracia e a tecnocracia dão as mãos para conservarem situações que seriam ridículas se não destruíssem áreas importantes e pessoas. Joga-se inclusive com acenos e promessas de projectos individuais, para afastar ou calar quem é incómodo.

Destruição «científica»

Digamos que um jornal, ou um sector produtivo, ou áreas do aparelho de Estado, não servem (mais do que seria admissível nas circunstâncias...) «para distri-

Continua na pág. 4

VISITA DE BOTHA À MADEIRA

Protestos do PS, PCP e UDP mal-estar no Governo

A visita de Pieter Botha à Madeira foi contestada vivamente pelo PS, PCP e UDP, enquanto o CDS, pela voz do seu presidente, se manifestava de acordo com a atitude de João Jardim. Ao mesmo tempo nas hostes governamentais o sentimento de mal-estar era evidente, com o gabinete do Primeiro-Ministro a remeter-nos para os Negócios Estrangeiros e, aqui, o seu porta-voz, embaixador Brito e Cunha, a mandar dizer por interposta pessoa que o que tinha a dizer já havia sido dito à ANOP. Isto é: já tinha dito o que toda a gente sabia — que a viagem do sr. Pieter Botha era considerada «estritamente particular e que «não haverá contactos com quaisquer representantes do Governo português».

As perguntas, feitas ao gabinete do Primeiro-Ministro e ao porta-voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros, quanto ao significado real desta visita; quanto à questão de se saber se João Jardim tinha convidado o representante máximo dos racistas sul-africanos à revelia do Governo central ou com o seu conhecimento; quanto às possíveis repercussões da visita de Botha no relacionamento de Portugal com os países africanos (entre outras questões) ficaram sem resposta. Pelo menos até ao momento em que fechávamos esta edição.

No contacto com o gabinete do Primeiro-Ministro fomos, no entanto, informados que Cavaco Silva tinha mandado um telegrama ao presidente angolano, José Eduardo dos Santos, felicitando-o, e ao povo angolan

lano, pela passagem de mais um aniversário da independência de Angola.

«Reiteramos o empenho e a disponibilidade do Governo de Portugal em reforçar e estreitar as relações que unem os nossos dois países e os povos de Portugal e da República Popular de Angola» — terminava o telegrama de Cavaco Silva.

Apesar dos sucessivos telefonemas para o PSD, não nos foi possível conhecer a posição deste partido face à visita de Botha.

Que política externa?

O PS classificou como «um claro abuso dos direitos conferidos pelo Estatuto Autônómico» a visita que o presidente Botha inicia amanhã à Madeira.

Em comunicado, o Secreta-

riado do Partido Socialista afirma que «a visita de Botha ao Funchal, a qual se diz 'privada' mas cuja recepção terá 'honras oficiais', vem uma vez mais pôr em relevo que Portugal está sem política externa coerente e que o Primeiro-Ministro não é capaz de assegurar a unidade da política externa do Estado português».

Os socialistas acusam ainda o Governo de «sistematicamente» se calar «quando os dirigentes partidários das Regiões Autónomas tomam posição no domínio internacional, abusando do Estatuto Autônómico».

Para os socialistas, «o Primeiro-Ministro prefere abdicar da unidade da política externa portuguesa para não criar problemas no seio do PSD».

«Tal como recentemente o Governo se manteve mudo perante posições do PSD açoriano e mudo se mantém quando o chefe do Governo Regional dos Açores admite ter cooperado com os separatistas locais, também agora o interesse nacional é esquecido face às conveniências internas do partido no poder» — acrescentou.

O PS protesta ainda contra o que classificou como «permanente duplicidade do PSD e falta de sentido de Estado que o em-

baraçoso silêncio do Governo revela».

Por sua vez, em declarações à Anop, o dirigente socialista Jorge Sampaio disse que o Governo português «deve esclarecer» qual o significado da visita particular do presidente Botha.

A visita, sublinhou Sampaio, permitirá «obviamente que as autoridades sul-africanas» tirem «efeitos políticos a seu favor» pelo que o PS «não pode aceitar que uma visita de inegáveis repercussões mundiais passe à revelia do Governo da República ou seja possível com a sua complacência».

«Ou a visita do senhor Botha à Madeira, mesmo privada, é concebida pelo Governo português como algo de significativo no contexto da sua política para a África do Sul em particular e para a África Austral no seu conjunto, ou então o Governo deve esclarecer se é compatível com a unidade do Estado e univocidade da sua política» — disse.

O dirigente socialista apelou para que o Governo «mostre qual é a verdadeira estratégia de Portugal» e interrogou, em comunicado, se «há uma política regional para os negócios exteriores da Madeira e uma política de negócios estrangeiros para Portugal».

Júdice não se demite

As direcções das organizações distritais de Lisboa do PSD e do CDS reunem-se hoje em Lisboa para analisar os problemas do distrito.

Até ontem à tarde estava em dúvida a presença de José Miguel Júdice na referida reunião, o que veio a ser assegurado após uma conversa telefónica com o Presidente do PSD.

De acordo com afirmações de Júdice, ficou então esclarecida a posição assumida pela distrital de Lisboa e por ele próprio sobre o trabalho do Governo e a possibilidade de alterações no seu elenco.

José Miguel Júdice que chegou a admitir a possibilidade de se «demitir» do cargo que ocupa na distrital de Lisboa, afirmou hoje ao «DL» que «já não o faria» porque a conversa com Cavaco Silva «esclareceu a situação». Daí que se vá manter à frente daquela estrutura partidária até Março do próximo ano, (altura em que se procederá à eleição dos novos dirigentes), mas não se recandidatará. José Júdice afirmou-nos ainda que esta sua posição já havia sido comunicada a Cavaco Silva aquando das anteriores eleições.

Jardim critica posição de Eanes sobre autonomia

O Governo regional da Madeira criticou, em nota oficial: ontem divulgada, as posições de Eanes em matéria de aplicação de legislação nas regiões autónomas. Segundo o Executivo de Jardim, a posição do presidente do PRD de «estender a todo o território nacional toda a legislação dos órgãos de soberania, significa a negação da autonomia e está em contradição com a autonomia progressiva que, e muito bem igualmente defende».

Para Jardim, ao Poder Central caberão apenas as matérias relativas a direitos, liberdades e garantias do cidadão, defesa nacional, política externa, sistemas e autoridade dos respectivos magistrados, mas com transferência para as regiões autónomas das competências e tutelas do ministério da Justiça.

O chefe regional, que recebe amanhã, com honras oficiais, o presidente sul-africano, Pieter Botha, critica no continente o facto de «numa ocasião em que se semeiam confusões, ninguém com responsabilidades na área da Informação tome a iniciativa de promover uma elucidação dos portugueses».

Lobos e cordeiros na verdade dos factos

Continuação da pag. 3

buir a verdade» e para ajudar as populações a avançar. Ali se utilizam hoje formas diversas de aniquilar, caso a caso, projecto a projecto, pessoa a pessoa, proibindo agora e admitindo mais tarde, sorrindo ali e sonhando além. A perseguição política, social e económica é às vezes mais hábil de que nos velhos tempos e, por ser mais complexa e íntima, castra tanto ou mais de que estar submetido a perseguições antigas, à tortura ou ao isolamento. Gente de esquerda, com ideias assentes, embora cumpra no seu trabalho e queira até rasgar novos horizontes, é posta de lado. Cria-se «ghetos» diferentes para os incómodos e exigentes. Não há hoje um gesto que seja para classificar negativamente ou prejudicar alguém conhecido pelas suas opções de extrema-direita, mas qualquer democrata capaz de tomar posição clara na vida e no trabalho está hoje sujeito a ver-se colocado no *index*, numa prática que segue cada vez mais de perto aquela tão tristemente famosa lei da República Federal da Alemanha.

Capacidades reconhecidas, nas diversas áreas da produção como na informação, como noutros serviços ou na função pública, são aniquiladas lenta ou rapidamente, conforme as con-

dições existentes. Os anos passam e, em vez de se avançar, em cada área é sector da nossa vida instalam-se o comodismo e o desinteresse, corrompe-se e destroem-se as ambições legítimas e naturais de avanço, prejudica-se afinal, e fortemente, os interesses das populações e do País.

Não interessa o que acontece lá fora, seja no litoral ou no interior, no Norte, no Centro ou no Sul. A realidade é ignorada ou escamoteada, a favor de habilidades ou fantasmas de «projectos», quando existem, que não servem para outra coisa que não seja fingir que algo se faz (quando é necessário fingir). «Dirigentes» e responsáveis que até podiam ter ajudado a despoletar acontecimentos positivos, em situações diferentes, são eles próprios amarrados a um quotidiano que afinal aceitam e ajudam a gerir. Não são ouvidos, recebem ordens e cumprem-nas sem sequer esboçarem o mínimo gesto de as analisar e sobre elas opinarem. Na produção e na informação, nos serviços e na Função Pública (com raras excepções logo liquidadas, e cada vez mais rapidamente), impera o deixo andar, o aceitar o segredo e a traição (mesmo entre amigos do peito, repetimos) em silêncio, desde que não seja o pior. E o pior, para certa gente, é ficar sem o cargo

ou o emprego. Querem a todo o custo ser «lobinhos» mas perdem o coração e às vezes a pele. Estamos portanto numa situação de tristeza e de empobrecimento acelerados, que levarão de seguida outros mais novos, os que estão a chegar ao mercado do trabalho, ao estádio de que fala a personagem central de «A verdade dos factos»: uniforme aceitação, cumprimento atento de ordens (para fazer manuais «educativos» ou notícias que ocultem o mais importante, como para liquidar projectos ou companheiros de trabalho), desinteresses pelos sonhos de outros tempos. Substituem esbustuirão assim os velhos quadros do fascismo, que já de nada serviriam, na nova e complexa realidade entretanto criada. Os métodos são outros e é preciso inteligência até para destruir o que já não somos mas fomos, a nível pessoal e colectivo.

De facto não são «lobinhos»...

Depois, pegamos por exemplo em jornais que são feitos entre nós e deparamos com uma informação recheada de rapazes e raparigas que conhecemos noutros tempos, idealistas e catequizadores como eles eram, e que hoje não passam de papagaios hábeis ou inábeis. Na BBC como

nos jornais, Rádio e Televisão da nossa cinzenta tristeza. Depois, tomamos conhecimento de como sectores importantes da nossa economia são destruídos e também aí se descobrem facilmente os dedos de executores ainda jovens e já mortos, que dão assim seguimento hábil a projectos de «reconversão» e corrupção. E se passamos para outras áreas, por exemplo da Função Pública, vemos como rapazes e raparigas ainda novos se transformaram lentamente em meras imitações deles próprios.

O tempo vão vai estimulante, é um facto. Chove de vez em quando e o Outono principia a arrefecer-nos, matando o resto do calor de Agosto. Nos cinemas de Lisboa aparecem alguns filmes interessantes. A gente vai vê-los e fica de repente siderada. Tudo aquilo que ali se passa, passa-se a nosso lado, lá fora, no trabalho e no quotidiano. Depois, ao lermos as críticas de jornais, por exemplo, acerca de «A verdade dos factos», descobrimos que há rapazes e raparigas ali retratados capazes de dizerem até que se trata de uma obra-prima indispensável, a não perder de todo em todo... Não se reconheceram, é claro. Nunca nos reconhecemos naquilo que a nossa capacidade crítica já não detecta e abarca. É que, para desaparecermos (ou para desapa-

recerem os sonhos mais belos), é preciso que desapareça a consciência dos factos.

De contrário, a consciência ainda funcionaria e não seria possível executar como se executa e mata, às ordens de outros (os lobos reais), assim, lenta ou rapidamente, ao sabor das conveniências e dos enganos.

Pequenos e médios monstros

Curiosamente, de repente ficamos com a sensação indefinível e incómoda de que, se isto mudasse de repente, eles procurariam, hábil ou inabilmente, adaptar-se à realidade dos factos... Como em 1974 aconteceu com outros (lembra-se?). Por isso valeu e vale a pena alinhar agora algumas considerações sobre «A verdade dos factos» e a nossa vida (comezinhá mas importante, porque é a nossa, mesmo tendo a sensação de que o amargor de factos posteriores, assim criados, possa vir a obscurecer este prazer de contribuir, minimamente embora, para a luz e a justiça de factos necessários a qualquer realidade futura que se preze.

Remetendo-nos à citação do início deste texto, diríamos ainda, porque se impõe dizê-lo, que as gentes intermédias de que aqui se fala são, com raríssimas

excepções, até ao fim da vida, meros suportes de outros poderes. Não são o inimigo principal dos trabalhadores mas são trabalhadores que ajudam a prejudicar-se (veja-se o caso dos jornalistas portugueses e os baixos salários que lhes impõem, do mesmo modo que aos quadros na Função Pública) e ajudam a prejudicar quem já é prejudicado e destruído.

Hoje como nos anos finais do fascismo, alguns apercebem-se lentamente de que são usados ou postos de parte, conforme as conveniências de quem efectivamente comanda. Assim estão, no meio, em sanduíche, optando por um ou outro dos lados. Algumas vezes (ou alguns) optam pela maioria e pelo futuro. Outros pensam que não são obrigados a optar, servem como os que aceitam claramente que optaram pelo passado e assim se enganam porque querem. São todos afinal a biblioteca (o saber mal utilizado) que contribui para retardar a aparição da mudança (do que é irreversível).

Falámos, na verdade dos factos, de lobos que nunca aparecem e de «lobinhos» que o não são mas sim cordeiros «especiais» e colaboradores. Fase intermédia esta, preocupante mas superável, como outras foram. O mais importante será derrotar quem gera pequenos e médios monstros na nossa realidade.

BPA

em MIAMI



"Miami Center" — o edifício onde está instalada
a Agência do Banco Português do Atlântico

*Ampliámos a nossa presença
nos ESTADOS UNIDOS
abrindo uma
Agência em MIAMI*

*100, Chopin Plaza, Suite 1910
Telef.: 305-577-9793 • Telex: 215885
MIAMI, FLORIDA 33131*

*Para apoiar
ainda com maior eficiência
o intercâmbio económico
luso-americano
e também
para estarmos mais perto
das Comunidades Portuguesas
da América Latina*



BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO

Sempre na primeira linha

Locais de diversão sujeitos à aprovação das câmaras

A abertura de qualquer local de diversão, seja boite ou discoteca, bar ou casa de jogos vai passar a depender da obtenção do parecer prévio da câmara municipal do concelho em que se situar a actividade a licenciar. Isto mesmo consta de um projecto de lei da autoria do deputado social-democrata Silva Marques, que o Parlamento vai votar esta tarde e que conta à partida com os votos favoráveis do PS, PCP e, claro, do próprio PSD.

Salvo a rejeição pura e simples da actividade a licenciar pelas autoridades a quem habitualmente compete a concessão — governos civis —, a câmara municipal deverá entregar o seu parecer no prazo máximo de 60 dias e, caso não o fizer, presume-se como favorável a sua posição.

Numa justificação inicial desta sua iniciativa, Silva Marques sublinha a necessidade de «atribuir ao poder local, sobretudo aos municípios, a capacidade politico-administrativa para o governo efectivo das suas comunidades, segundo a vontade maioritária dos cidadãos democraticamente apurada». Assim, prossegue, «uma das áreas onde hoje mais se justifica esta intervenção de opção governativa é a que diz respeito ao jogo e às modalidades de diversão pública, porque ela se situa caracterizadamente numa zona de valores comunitários».



vidade para os docentes universitários e a possibilidade de criação de associações por menores de 18 anos.

Terça, quarta e quinta-feira da próxima semana vai ser discutido o Orçamento de Estado na generalidade e depois, até dia 28, é o debate na especialidade a cargo da Comissão de Economia.

A seguir, de 2 a 4 de Dezembro realiza-se, no plenário da Assembleia, o debate e votação das receitas na especialidade, o qual termina com a votação final global do Orçamento, marcada para dia 4 do mesmo mês.

Petição motiva recurso do Presidente
O Presidente da Assembleia da República, Fernando

Amaral, recorreu ontem à Procuradoria Geral da República para a realização de um inquérito a uma petição que lhe foi enviada por um grupo de funcionários da Assembleia.

Isto porque, diz o Presidente, a petição contém informações que «pelo seu carácter difamatório, injurioso e gravemente desrespeitoso, são susceptíveis de integrar responsabilidade criminal e disciplinar».

Por isso mesmo, Fernando Amaral determinou a realização do inquérito e pediu ao Procurador Geral a nomeação de um juiz auditor.

A referida petição, por seu turno, acusou o Presidente de «imoralidade política», de «ofender direitos dos trabalhadores» e de se ter constituído «numa situação de marginalidade legal».

Em relação aos seus funcionários, a administração do Parlamento continua recolhida à «sobranceria do poder e ao desprezo dos direitos dos trabalhadores», diz ainda o documento.

A petição, subscrita por cerca de 90 dos 250 funcionários do Parlamento, foi entretanto criticada pela comissão de trabalhadores da Assembleia da República, que publicou um comunicado sobre o assunto.

Neste texto, a CT afirma discordar de boa parte do conteúdo da petição por considerar que os problemas laborais que existem na Assembleia são transformados no documento num conflito personalizado com a pessoa do próprio Presidente.

Horários de trabalho, carreiras, remuneração suplementar e outras questões relativas às condições de prestação de trabalho dos funcionários do Parlamento eram objecto da petição agora remetida à Procuradoria Geral da República para inquérito.

Intervenção no IDN

Soares exige mais dinheiro para as Forças Armadas

Mário Soares defendeu, ontem, em intervenção no Instituto de Defesa Nacional, a posição das Forças Armadas no tocante à «falta» que lhes cabe no Orçamento do Estado, frisando que a modernização das FFAA e a definição e execução de uma «política de defesa nacional coerente e eficaz» terão de considerar-se «um verdadeiro investimento de soberania».

Na sessão, que comemorava o 10º aniversário do IDN e assinalava a abertura do curso de Defesa Nacional de 1987, e que registou a presença das mais altas patentes militares, do Primeiro-Ministro e do presidente do Tribunal Constitucional, o Chefe do Estado frisou que cumpre «ao Presidente da República não ignorar e mesmo condenar críticas injustificadas, visando denegrir as Forças Armadas, que ultimamente têm surgido de forma irresponsável».

Mário Soares manifestou-se empenhado em obter «o máximo consenso possível» em torno da «missão eminentemente patriótica» das Forças Armadas e acentuou

que nunca deixará de «estar atento» a essa questão durante o seu mandato.

Portugal-disse o PR, em recado directo para Mota Amaral e João Jardim — tem de continuar a afirmar a sua individualidade própria como nação euro-atlântica e considerar o reforço da coesão dos seus territórios separados pelo mar». Ainda a propósito da questão da autonomia regional, ligada às carências de meios das FFAA, disse Soares que «uma zona tão vasta, diversificada e geograficamente descontínua, justifica e postula um aparelho militar altamente profissionalizado, moderno, dotado dos meios necessários e eficaz, à altura das nossas re-

sponsabilidades nacionais».

Crítica ao Governo?

Noutro ponto, e no que poderá ser considerada uma alusão crítica às posições do Executivo de Cavaco relativamente ao orçamento militar, disse o Presidente da República que «uma política de Defesa Nacional coerente não se improvisa. Exige uma cuidada preparação». Defendeu ainda «uma reflexão actualizada sobre os parâmetros da Defesa Nacional» e exaltou o papel que, nessa matéria, pode desempenhar o IDN.

Usaram ainda da palavra o historiador Borges de Macedo («A Nação como instrumento e projecto de defesa») e o director do IDN, general Pelágio Castelo Branco, que defendeu a análise e desenvolvimento pela sua instituição das «capacidades morais e materiais da nova comunidade» e anunciou a criação de um prémio anual de jornalismo sobre temas de defesa.

Arrendamento Rural

Entretanto, o plenário de deputados deverá discutir ainda esta semana a revisão da Lei do Arrendamento Rural, uma vez que agendou para a sessão de quinta-feira a proposta de lei governamental que visa introduzir-lhe alterações. Ainda hoje está prevista a discussão de temas que têm sucessivamente transitado de sessões anteriores, tais como a actualização dos subsídios dos membros das juntas, o regime de exclusi-

A LIVRARIA C. C. ARCO-ÍRIS

— NOVO ESPAÇO —

E
ED. rolim

CONVIDAM AMIGOS E CLIENTES PARA
UMA SESSÃO DE AUTÓGRAFOS
DE

MÁRIO ZAMBUJAL

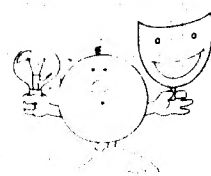
NO SEU ÚLTIMO LIVRO

“À NOITE LOGO SE VÊ”

NA AV. JÚLIO DINIS, 6A - LOJA 23
(AO CAMPO PEQUENO) TEL. 77 26 61

5.ª-FEIRA — DIA 13 — ÀS 18,30 H

CONCURSO



**FAZ DE
Conta**

Nome _____

Idade _____ Profissão _____

Morada _____

Localidade _____

Cod. Postal _____ Telefone _____

Freguesia _____

Concelho _____

Tem Televisor? _____ Nº Licença _____

RECORRER PELA TRAJETÓRIA
PREENCHER COM LETRAS MAIÚSCULAS. Colar num Postal das CTT e enviar para CONCURSO FAZ DE CONTA
APARTADO 4 289 508 LISBOA - CODISA

Lixo da capital vai ter saída

Câmara de Lisboa aprovou aterro do Vale do Forno

Quase três anos depois de ter entrado no Município uma proposta para a sua construção, passados dois Verões em que o destino final das 900 toneladas de lixo que a capital produz diariamente gerou polémica, a Câmara Municipal de Lisboa aprovou ontem o relatório da comissão de vereadores designada para analisar o projecto referente à implantação do aterro do Vale do Forno.

Em 13 de Agosto, o «DL» referiu que a comissão constituída por Lívio Borges, em representação de Nuno Abecasis, e pelos vereadores Rui Godinho, da Aliança Povo Unido, Pires Belo, do Partido Social-Democrata, Pombo Cardoso, do Partido Socialista e do responsável pelo pelouro, o centrista Pinto Machado, tinha concluído pela urgência da utilização do Vale do Forno, através do lançamento imediato do concurso público para a sua execução.

No seu relatório, ontem aprovado por unanimidade pela edilidade, aquela comissão sublinhou ainda ser necessário o estabelecimento de bases de cooperação intermunicipal, que podem revestir várias formas, designadamente a constituição de uma Associação de Municípios de modo a resolver o destino dos resíduos sólidos da área metropolitana de Lisboa.

Depois de, em Janeiro de 1984, os vereadores da Aliança Povo Unido terem apresentado uma proposta tendente à construção do aterro como parte constitutiva do complexo alternativo Beirólas-Vale do Forno, o problema foi sendo esquecido, ganhando acuidade quando a Câmara da Amadora decidiu encerrar a Lisboa a lixeira da Bôba. Posta perante

esta situação, com uma proposta alternativa já estudada, a Câmara de Lisboa apenas se decidiu pela deposição do lixo junto à Estação de Tratamento de Resíduos Sólidos (ETRS) de Beirólas, entretanto posta a funcionar.

Um ano depois, após uma comissão de vereadores não ter realizado trabalho visível, a questão volta a ser posta, quando técnicos camarários alertam para o esgotamento da solução encontrada. «Estamos no limiar, ou rapidamente se fazem opções, ou daqui a seis ou oito meses não temos capacidade para resolver seja o que for», precisou ao «DL» um técnico camarário.

Com o decorrer do tempo, mais uma vez a plataforma de Beirólas foi sobrecarregada com lixo, e assim continuará a ser, pois, segundo apurámos, a primeira fase para receber os detritos só estará concluída dentro de seis meses. Este prazo é optimista se considerarmos o tempo de negociação necessário à aquisição dos terrenos de propriedade privada existentes na área e à cedência dos terrenos do Estado ou, caso estas não se concretizem, ao arranque do processo para expropriação por utilidade pública, a que se seguirá ainda o lançamento dos concursos públicos.

Decisão tardia: perda de 150 mil contos

Para Lisboa, de acordo com o relatório ontem aprovado pela Câmara, o aterro sanitário do Vale do Forno tem um período de duração de 10 a 12 anos, o que, sublinham os técnicos, é uma solução de curto e médio prazo.

Nesse sentido, a edilidade decidiu também manter negociações com as Câmaras vizinhas para a definição das bases de cooperação, tendo solicitado à Assembleia Municipal a adesão à Associação de Municípios para o estudo integrado do sistema de resíduos sólidos com as Câmaras da Amadora, Vila Franca de Xira, Loures, Cascais, Sintra, Mafra e Oeiras.

Segundo o «DL» apurou, a adesão da Câmara de Lisboa à proposta inicialmente formulada pela Amadora, e que recolheu a adesão de todos os outros Municípios referidos, fica-se a dever às reuniões entretanto mantidas pelo vereador Pinto Machado. Do mesmo modo, segundo apurámos, a construção do Vale do Forno vai já decorrer de acordo com o espírito de diálogo que presidiu à constituição da Associação de Municípios, sendo o projecto submetido à apreciação da Câmara Municipal de Loures, concelho confinante com a área de implantação do aterro.

Por outro lado, segundo informou o vereador do pelouro, o Município de Lisboa continua à espera de um parecer do Ministério da Defesa, pedido em meados de Setembro, uma vez que o Vale do Forno está encrustado entre instalações militares.

Este é o único ponto que não está totalmente esclarecido, e da resposta do Ministério de Leonardo Ribeiro de Almeida depende o início de todo o processo.

Segundo o projecto realizado por técnicos camarários, após a impermeabilização do terreno, os detritos poderão ser lançados naquela área até uma altura de cerca de 40 metros. A produção das águas lixiviantes, será diminuída pois ali serão depositados os resíduos inertes resultantes do funcionamento da Estação de Tratamento de Beirólas, entretanto ampliada para tratar 1050 toneladas de lixo por dia. No entanto, as águas lixiviantes serão encaminhadas através de um circuito interno evitando, deste modo, a infiltração do líquido resultante da fermentação. De igual modo, para as águas da chuva serão criados canais próprios de escoamento.

O facto de se tratar de um vale pronunciado aliado ao regime de ventos dominante na zona, de acordo com o projecto, não oferece qualquer perigo para a população, evitando a propagação dos cheiros.

Com um custo orçado, em 1984, de 250 mil contos, a obra a ser financiada pelos fundos da Câmara deverá agora atingir mais de 400 mil contos. Ou seja, entre a apresentação e a aprovação do projecto, o Município lisboeta terá perdido, no mínimo, 150 mil contos, verba a que ainda se deve juntar o preço da edificação junto à Estação de Tratamento de Beirólas das sempre polémicas valas sanitárias...

Reforma Agrária protestou em Évora

UCP de Aguiar ficou sem reserva e sem gado

Centenas de trabalhadores da UCP de Aguiar percorreram ontem várias ruas da cidade de Évora entoando palavras de ordem contra a política agrícola do Governo e em defesa da Reforma Agrária, durante a jornada de protesto contra a entrega de uma reserva daquela UCP.

«Queremos trabalho e pão, desemprego não» e «a luta continua, Governo para a rua», foram algumas das palavras de ordem dos manifestantes recebidos pelos responsáveis da Câmara de Évora e que foram até à cidade «apelar à solidariedade da população para com a luta dos trabalhadores da Reforma Agrária».

A reserva em causa, situada na Herdade de Mascarenhas e Roncão, com uma área total de 200 hectares, 70 dos quais de regadio, foi entregue a Francisco Agostinho Dias por técnicos do MAP, acompanhados de forças da GNR.

Entretanto, e segundo disse à Anop uma fonte do Secretariado das UCP's e Cooperativas Agrícolas do Distrito de Évora, técnicos do MAP entregaram ainda àquele agricultor cerca de um milhar de cabeças de gado ovino, um touro e nove vacas.

Os trabalhadores protestam contra esta entrega, uma vez que, segundo eles, Francisco Agostinho Dias já tinha recebido este efectivo pecuário aquando da entrega de uma primeira reserva que lhe foi feita naquela UCP em Março de 1979.

Na altura, e ainda segundo os trabalhadores que acusam o Governo de «premiar mais uma vez aquele agrário absentista», Francisco Agostinho Dias recebera uma reserva com cerca de 500 hectares e ainda cabeças de gado, designadamente «44 novilhas que não constavam do inventário».

Como vê o MAFA a suspensão da eficácia

A Lei do Processo nos Tribunais Administrativos — Decreto-Lei n.º 267/85 — colocou ao Ministério da Agricultura, Florestas e Alimentação «grandes problemas quanto à sua interpretação», diz o MAFA em documento remetido ao nosso jornal.

Por essa razão, o titular daquela pasta solicitou, nos termos legais, um parecer do Conselho Consultivo da Procuradoria-Geral da República sobre a matéria, o qual veio publicado no «Diário da República», II Série, n.º 186, de 14 de Agosto já deste ano. E em parte baseado nesse parecer (nas primeiras cinco conclusões) e no diploma publicado em 6 de Janeiro de 1986 (Decreto-Lei n.º 4/86), o qual alterava e interpretava o regime de suspensão de eficácia dos actos executados, que o MAFA tem vindo a decidir sobre a entrega de reservas e outras medidas no âmbito da Reforma Agrária.

De acordo com o Ministério da Agricultura, algumas notícias vindas a lume na Comunicação Social, em particular considerando sobre a convocação de uma paralisação geral de um dia para o passado 24 de Outubro, «não correspondem à verdade», razão pela qual o MAFA emitiu um esclarecimento que em parte está acima reproduzido.

O MAFA insiste em alguns aspectos do diploma 4/86, nomeadamente em situações em que a suspensão da eficácia como meio processual acessório destinado a vigorar até ao trânsito em julgado da decisão recurso contencioso, «gera uma instabilidade que não se justifica quando o acto já se encontra executado».

Deontologia é o tema dos debates

II Congresso dos Jornalistas Portugueses: encontro de carácter não sindical

O II Congresso dos Jornalistas Portugueses efectua-se, de amanhã até sábado, nas instalações da Fundação Calouste Gulbenkian. De momento, e segundo o Sindicato dos Jornalistas, estarão presentes nas jornadas mais de 600 profissionais, com trabalhos sobre o tema principal do encontro — «A deontologia». De acordo com a comissão executiva, o número de inscritos ainda aumentará. Para além da presença dos profissionais, há que considerar ainda a de muitos participantes e convidados.

Explicita-se que este II Congresso é uma iniciativa do SJ e visa reunir todos os jornalistas profissionais, sindicalizados ou não, portadores de carteira profissional válida, bem como os

detentores de título provisório. «O congresso visa assumir um carácter sindical?» — perguntámos a um dos elementos da comissão organizadora.

«Não. O congresso não visa as-

sumir o carácter sindical nem substituir-se às actuais formas de organização e decisão dos jornalistas neste campo...»

«Então como definir o congresso?»

«Poderíamos dizer que o seu modo de organização e de funcionamento são independentes do SJ.»

Outros pormenores que conseguimos apurar:

São membros do II Congresso dos Jornalistas, com direito a apresentar comunicações, intervir nos debates e a votar, todos os jornalistas portadores de carteira profissional ou título provisório,

independentemente de serem ou não sindicalizados.

Quem é quem

Por sua vez, são observadores do congresso, podendo apresentar comunicações e intervir nos debates, mas sem direito a voto, os equiparados a jornalistas.

São convidados do congresso (sendo-lhes solicitadas comunicações sobre o tema acima mencionado), jornalistas estrangeiros, com participação em casos em que a deontologia esteve em foco; jornalistas dos países de expressão portuguesa oficial; representantes da FIJ e da OIJ; e representantes de outras organi-

zações internacionais, cuja participação seja entendida com útil.

Refira-se ainda que são assistentes do congresso os estudantes e professores de Comunicação Social. Terão acesso a todas as sessões, mas sem direito a voto, e só poderão intervir nos debates das sessões sectoriais, salvaguardada, porém, a prioridade dos jornalistas.

O tema do congresso («A deontologia») será debatido sempre em sessões plenárias a fim de melhor se organizar a discussão.

Comunicações eventualmente apresentadas e não inseridas no tema, «A deontologia», serão expostas e debatidas em sessões marcadas para um horário não coincidente com o das sessões plenárias.

Em linhas gerais, poder-se-á ainda dizer que o II Congresso dos Jornalistas Portugueses terminará com a discussão e votação, em sessão plenária, de um documento de síntese das conclusões e também de uma proclamação, bem como de moções decorrentes dos debates nos painéis.

Isenção de derrama deu prejuízo de 200 mil contos

Câmara da Figueira da Foz queixa-se do Estado à Alta Autoridade

A Câmara Municipal da Figueira da Foz solicitou à Alta Autoridade Contra a Corrupção a investigação de factos relacionados com a isenção da derrama, no valor de cerca de 200 mil contos.

Aquela deliberação vem no seguimento de uma acção proposta no Tribunal Administrativo do círculo de Coimbra contra o Estado Português para efectivação de responsabilidade civil por «omissão ilícita na liquidação e cobrança de imposto próprio do município, devido pela empresa de celuloses Celbi».

A autarquia considera que «há qualquer coisa de aberrante no facto do investimento do projecto daquela empresa, que originou a isenção fiscal, ser de 2600 mil milhões de escudos e produzir uma isenção de 5000 milhões de escudos».

Assim — adianta — a isenção não é uma

consequência de um benefício fiscal, mas sim um financiamento total do projecto, situação esta de favor, que se não tem aplicado à restantes empresas do País.

Salienta que «é impensável que um investimento parcial produzindo um aumento de capacidade de produção da Celbi em 14 por cento, se traduza na concessão de um benefício fiscal que produz uma isenção de 114 por cento».

No documento enviado à Alta Autoridade e a que a Anop teve acesso, a autarquia afirma que «o despacho de isenção indica que a mesma seria parcial e que não houve por parte da

Direcção-Geral das Contribuições e Impostos o cuidado de tirar as necessárias ilacções implícitas».

Mais grave é ainda — prossegue o texto — o facto de um despacho posterior da Direcção-Geral da Indústria vir dizer que se tratou de um investimento que originou uma reorganização da empresa no seu todo em clara contradição com uma informação anterior.

«Além disso e nos termos da lei uma reorganização ou é total ou parcial, não existindo sequer a expressão no seu todo» — conclui o documento.

O contencioso com o Estado, agora levado à Alta Autoridade, incide sobre a isenção da derrama, imposto municipal sobre a contribuição industrial, que foi concedido à Celbi nos anos de 1983, 1984 e primeiro trimestre de 1985.

Falta de afecto leva à cadeia

Uma grande percentagem dos jovens «que temos nas cadeias nunca tiveram afecto», afirmou num debate o padre holandês Dámaso Lambert, chefe dos capelões das cadeias portuguesas.

O padre Dámaso falava no debate «Respostas da Igreja e do Estado às questões da marginalidade» que ontem encerrou em Lisboa uma série de quatro conferências sobre a marginalidade organizadas pelo Círculo de Espiritualidade e Cultura.

«A marginalidade começa no princípio da vida, quando na nossa sociedade nascem crianças que nunca são amadas», afirmou o padre Dámaso, que reside na cadeia do Linho.

No entender deste sacerdote católico, «muitos jovens chegam à vida do crime para sair do anonimato, numa sociedade que não lhes oferece perspectivas de vida».

PJ investigará concessão de cartas de condução

O secretário de Estado dos Transportes e Comunicações encarregou a Direcção-Geral de Viação de apresentar na Polícia Judiciária um pedido de investigação «às irregularidades nos exames de condução», anunciou ontem a Secretaria de Estado.

«Dada a gravidade de algumas acusações feitas na reportagem exibida no programa fim-de-semana do passado dia oito e tendo em conta que algumas pessoas declararam ter pago determinadas importâncias com vista a influenciar o processo de obtenção de carta de condução, deverá essa Direcção-Geral participar esse facto à Polícia Judiciária», diz o ofício.

Alfândegas apreenderam 200 mil contos de droga

Os aeroportos de Lisboa e das Pedras Rubras no Porto foram cenário nos últimos três dias da apreensão de mais de 200 mil contos de droga, disse a Direcção-Geral das Alfândegas.

As apreensões levadas a cabo por elementos da Direcção-Geral das Alfândegas no Aeroporto de Pedras Rubras renderam 8 kg 100 de cocaína transportados por um passageiro de nacionalidade peruana proveniente do Brasil.

A droga era transportada no fundo de duas malas.

No Aeroporto de Lisboa ocorreram duas apreensões de 9 gramas de heroína pura transportada por um passageiro espanhol proveniente da Índia e a um passageiro colombiano proveniente do Brasil com 2 garrafas contendo 2 kg e 50 gramas de heroína.

Promete Mário Raposo

Meia centena de novos tribunais

O ministro da Justiça, Mário Raposo, disse que «vão ser lançados em 1987 cerca de meia centena de edifícios para os tribunais judiciais, a nível de todo o País».

Aquele membro do Governo falava no final da inauguração do Palácio da Justiça da cidade de Penafiel, uma obra que custou cerca de 170 mil contos.

Na sua deslocação a Penafiel, acompanharam o ministro da Justiça o presidente do Supremo Tribunal de Justiça, procura-

dor-geral da República, secretário de Estado adjunto do Ministério da Justiça e outras individualidades locais.

Na sessão solene, o presidente da Câmara penafielense, Justino do Fundo, agradeceu a presença de tão ilustre comitiva, enaltecendo o trabalho e o empenho postos pelos diversos ministros que ocuparam a pasta da Justiça e que tornaram possível uma obra ansiada há muitos anos pelos penafielenses.

Para Mário Raposo, que inau-

gurou também o Palácio da Justiça da vila de Paredes, «esta obra é o resultado da interacção do poder central com o poder local».

Para além de referir que cerca de 50 municípios vão ver começar as obras dos seus tribunais no próximo ano, o ministro assinou «que é a primeira vez que o Orçamento Geral do Estado destina verbas específicas ao seu Ministério para a construção dos palácios de justiça».

Nos Açores

Multado o mestre do barco formosino

Foi condenado a uma multa de 3500 contos o mestre do barco de pesca da Formosa «Yu-Shin» apressado quinta-feira nos Açores por uma unidade da Marinha de Guerra por andar a pescar sem licença, disse o capitão do porto da Horta.

Tudo o aparelho de pesca que emitia sinais eléctricos aquando da captura da presa foi também apressado e reverterá a favor do Estado, o mesmo acontecendo com a venda de 12 toneladas de atum, que serão vendidas em hasta pública.

O «Yu-Shin», com 228 toneladas e 20 homens chegou quinta-feira ao fim da tarde ao porto da Horta.

Pescava próximo do banco Princesa Alice, sendo na altura interceptado pela corveta «Baptista de Andrade».

Tentou a fuga, pelo que o navio português teve de fazer tiros de aviso para que parasse.

O «Yu-Shin» andava a pescar sem autorização e com artes de pesca sofisticadas, entre as quais baías luminosas, que foram também apreendidas.

Processo contra "o diário" arquivado após explicações à Sorefame

O Tribunal da Boa Hora, em Lisboa, mandou arquivar a acção judicial contra o matutino «o diário» movida pelo ex-presidente do Conselho de Administração da Sorefame Ferreira de Lima.

A decisão do juiz da primeira secção do quinto juízo correcional do Tribunal da Boa Hora seguiu-se à declaração em tribunal, pelo queixoso, de que considera «satisfatórias» as explicações do jornal «o diário» sobre a acção que moveu a este matutino por alegado abuso de liberdade de imprensa.

A acção tinha sido interposta na sequência de um artigo de «o diário» em que se denunciava que a administração da Sorefame tencionava em prestar trabalhadores por um período de cinco anos a «taxas de juro tentadoras».

A notícia incluía uma fotocópia de uma carta da administração da Sorefame a outras empresas em que se propunha, como uma das condições das «transferências» de

trabalhadores, empréstimos às empresas até 600 contos por trabalhador.

Ontem, na primeira sessão do julgamento, o então administrador da Sorefame aceitou as explicações do director de «o diário», que considerou que «a chamada flexibilização no trabalho é um processo perigoso que pode conduzir a despedimentos maciços».

«É nesse contexto de oposição a uma política na qual — pensa «o diário» — os trabalhadores são tratados como mercadoria, que se insere a notícia em causa», explicou o director.

O director do jornal em causa reconheceu que o título da notícia — «Ferreira Lima estabeleceu-se como 'D. Branca' da Sorefame» — tinha sido «pouco feliz» e que pessoalmente não o teria usado.

Ferreira Lima, por seu turno, disse que aquele projecto de transferência de trabalhadores «é inteiramente conforme à ética, nunca tendo sido a intenção de proceder a despedimentos maciços».

Mário Castrim



NO dia seis, quando o menino fez um ano, houve festa rija lá em casa. Convidaram-me e eu fui. O menino estava deitado no seu bercinho de nogueira e, durante todo o tempo que lá estive, não fez senão mamar.

— Está todo bom, não acham? — perguntava a tia, babosa como compete a todas as tias.

— Hum! — resmungava outro familiar de aspecto venerando e prudente — A mim parece-me que ele pode vir a precisar de umas vitaminas renovadoras...

— Ó compadre! — sussurrava-lhe alguém — Essas coisa podem-se pensar, mas não se dizem.

— Está certo, compadre — tornava-lhe o avitaminoso — Mas não se esqueça que é um menino minotauro...

— Minoritário, quer o compadre dizer...

— Ou isso.

— Ou isso, não. Minotauro é touro, touro é pecuária, pecuária é problema e em dia de aniversário não se fala de problemas.

O menino sorria, sorria em seus lençóis cor-de-laranja-amarrotada, num colchão fofo de tantos milhões de contos... de fadas e não só. Em volta dele, burrinhos vindos de todo o País, e uma vaquinha que, sem parar, ruminava ervas exóticas, dólares, na terminologia de Lineu.

— Que grande vaca! — comentavam os vizinhos — Aquilo dá leite em barda para o menino, para a família toda e para os amigos. Só a gente é que não vê nenhum...

Entretanto, começaram a chegar grandes contentores, imediatamente desembarcados e encaminhados para o jardim.

— Por amor de Deus! — gritava a tia babosa — Tenham cuidado com isso que sem isso é que o menino não passa.

Veio a saber-se que eram caixas de fogo-de-artifício, em geral foguetes de lágrimas de todas as formas e feitios.

A certa altura, o menino começou a agitar-se, a fazer força, a ficar congestionado. Não tardou que um odor característico enchesse o quarto. Então, a tia babosa despertou-lhe o alfinete, tirou-lhe a fralda monumentalmente cheia.

— Não há dúvida — Comentava, da porta, um vizinho — Lá eficiente é ele...

ARTIGO DE FUNDO

Emigrantes portugueses em Espanha perderam no "nível de vida"

O nível socioprofissional dos emigrantes portugueses em Espanha é «bastante inferior» ao que tinham em Portugal — diz um relatório da Caritas espanhola divulgado em Portugal.

Comparando o trabalho actual dos emigrantes portugueses em Espanha com o que tinham no país de origem, verifica-se que depois da emigração a percentagem de desempregados aumentou de 3,4 para 26,1 por cento.

Verifica-se ainda que os que eram pequenos agricultores por

conta própria encontram-se agora desempregados (20 por cento) ou são assalariados (17 por cento) e que triplicou o número de empregadas domésticas, das quais metade na situação de «internas».

O mesmo relatório refere que, depois dos marroquinos, os por-

tugueses formam a comunidade com menor nível cultural (55 por cento apenas com a instrução primária) e a sua categoria socioprofissional é também das mais baixas.

Outra característica da comunidade portuguesa é a presença significativa de ciganos, entre mil e quinhentos e dois mil, apresentando, quase todos, índices de pobreza e marginalidade bastante graves.

Muitos deles dedicam-se a

mendicância e quase todos têm um problema comum: o de não serem aceites nem pelos emigrantes portugueses não-ciganos nem pelos ciganos espanhóis.

Em quase todas as cidades onde vivem formam um «ghetto» muito fechado e vários deles são verdadeiros nómadas que percorrem as povoações, vendendo mil e uma coisas em feiras e festas — acrescenta o relatório.

Os emigrantes portugueses,

ciganos ou não, são os mais antigos em Espanha e desde a Galiza a Huelva há um número razoável de povoações fronteiriças onde portugueses e espanhóis se fundiram há muitas décadas, como se pode comprovar pelos apelidos.

Para entrar em Espanha, 52 por cento fizeram-no como turistas, 17 por cento com contrato de trabalho e 27 por cento clandestinamente.

EM)No momento da decisão de partir para o país vizinho, a maioria (52 por cento) eram, em Portugal, pequenos agricultores por conta própria ou trabalhadores agrícolas e industriais.

Ainda segundo o documento da Caritas espanhola, dos portugueses que actualmente residem em Espanha, 48 por cento emigraram antes de 25 de Abril de 1974 e da descolonização em África.

Câmara de Oeiras promove desratização

A Câmara Municipal de Oeiras deliberou encetar a desratização e desinsectização do concelho, e apoiar o II Curso de Saúde Materna e Planeamento Familiar.

Tendo em conta a melhoria da qualidade de vida dos munícipes, a Câmara de Oeiras vai abrir concurso público para prosseguir a tarefa de desratização e desinsectização do concelho.

A CMO deliberou, por outro lado, comparticipar as despesas do II Concurso de Saúde Materna e Planeamento Familiar através do Centro de Saúde de Oeiras, com um subsídio de 50 contos.

Em sessão da Câmara o executivo decidiu ainda apoiar a Escola Primária 4, de Oeiras, no pagamento do gás necessário ao aquecimento das instalações.

Câmara de Cascais na "luta contra a pobreza"

A Câmara Municipal de Cascais deliberou aprovar a sua participação financeira e técnica no projecto piloto de «Luta Contra a Pobreza» da responsabilidade do Núcleo Territorial de Segurança de Cascais, anunciou fonte autárquica.

A Câmara de Cascais considera que o projecto «Luta Contra a Pobreza» aliás uma componente de financiamento externo (CEE) a um projecto já iniciado e a ser generalizado a outras situações semelhantes no concelho.

Aquela edilidade deliberou apoiar a população do Bairro das Marianas concretizando entre outras acções, a solução do problema dos esgotos a céu aberto, colocação de mais 6 pontos de abastecimento de água e de mais 6 contentores de lixo, construção de balneário, lavadouro público e da habitação-tipo para centros de trabalho e formação.

Decidiu ainda atribuir um subsídio de 1 milhão de escudos à obra do colector pluvial no Bairro 25 de Abril com vista ao prolongamento da rede de saneamento à zona norte do bairro.

Para a construção do colector pluvial e passagem de peões em Matarraque, a Câmara de Cascais vai adjudicar a obra a uma firma da especialidade, por deliberação do executivo, pelo valor de 1 925 976 escudos.

Por último, foi decidido atribuir um subsídio para a obra da cobertura do Pavilhão dos Desportos de Cascais no montante de 3 348 980 escudos.

Meda quer conhecer resultado de sindicância

O vereador permanente da Câmara Municipal de Meda Luís Lopes, afirmou à Anop estranhar a demora na publicação das conclusões da sindicância realizada à actividade daquele órgão autárquico anterior ao actual mandato.

Luís Lopes disse ter sido solicitada pelo actual executivo uma inspecção às acções de gestão desenvolvidas por seus antecessores, nomeadamente o executivo anterior, presidido pelo democrata-cristão Antero Sobral.

Esta inspecção promovida pelo Ministério da Administração Interna, decorreu no primeiro trimestre deste ano.

Luís Lopes considerou necessária a publicação das conclusões para apuramento de responsabilidades.

Fornos de Algodres investe na habitação social

Mais de 56 mil contos vão ser despendidos pela Câmara Municipal de Fornos de Algodres para construção de habitações sociais — disse à Anop José Felício, presidente do Município.

O projecto prevê a edificação de 24 fogos, tendo, para o efeito sido aberto concurso público.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E SEGURANÇA SOCIAL Secretaria de Estado da Segurança Social AUMENTO DE PENSÕES

FORAM AUMENTADAS AS PENSÕES EM 13%, o que excede o nível de 9% da inflação prevista para 1987, aumentando assim o poder de compra dos beneficiários reformados.

Para os valores mínimos de pensões foram aplicadas taxas de aumento superior a 13%.

Com efeito, o valor mínimo de pensão de invalidez e velhice do regime geral é fixado em 11.500\$00 (+ 15%) e o das pensões do regime especial

dos agrícolas em 8.500\$00 (+ 13,3%), enquanto o valor das pensões dos regimes não contributivos e equiparados sobe para 7.500\$00 (+ 15,4%).

Esta actualização anual completa as melhorias resultantes do aumento extraordinário do mês de Setembro.

Os novos valores entram já em vigor em 1 de Dezembro e abrangem o subsídio de Natal.

	SITUAÇÕES ANTERIORES			NOVA SITUAÇÃO	TAXA CRESC.
	OUTUBRO 1985	DEZEMBRO 1985	SETEMBRO 1986	DEZEMBRO 1986	*
REGIME GERAL					
Pensão Mínima	5 500\$00	6 900\$00	10 000\$00	11 500\$00	15%
PENSÕES ACIMA DAS MINIMAS	10 000\$00	12 200\$00	—	13 786\$00	13%
Exemplos	15 000\$00	18 300\$00	—	20 679\$00	
	17 500\$00	21 350\$00	—	24 125\$00	
REGIME ESPECIAL					
TRABALHADORES AGRÍCOLAS	4 800\$00	5 900\$00	7 500\$00	8 500\$00	13,3%
REGIME NÃO CONTRIBUTIVO OU EQUIPARADO	4 600\$00	5 700\$00	6 500\$00	7 500\$00	15,4%
Objectivo para a inflação em 1987					9%

EM VIGOR A PARTIR
DE 1 DE DEZEMBRO





S. Martinho na Golegã

Um "baco" à dimensão ribatejana (com cavalos, água-pé e castanha)

Texto e fotos de Carlos Gil

Não se sabe bem se algum dia S. Martinho chegou mesmo a beber um copo de vinho, mas que ficou com a fama, lá isso é verdade. Todos os anos em 11 de Novembro o povo vai dizendo que «Pelo S. Martinho mata o teu porco e prova o teu vinho...» O monasta que foi discípulo de S. Hilário, foi bispo de Tours e nasceu na Polónia, possivelmente não teve culpa de se ver ligado ao velho culto báquico, a não ser pela coincidência de a data que lhe é atribuída no calendário estar unida à época do tratamento e da prova do vinho novo e, como diz Moreira das Neves, por uma questão fonética, pela rima de Martinho com vinho, como acontece com outros santos.

José Malhoa que não era ribatejano, mas frequentador habitual das casas de José Relvas em Alpiarça e Carlos Relvas na Golegã, pintou **Festejando o S. Martinho**, com um forte espírito temático de grande bebedeira. O ensejo das festas em honra de S. Martinho, embora espalhado por todo o País, existe com foros de grande tradição na região ribatejana, mais propriamente na Golegã, desde pelo menos meados do século XVIII. Vinho, cavalos e touros são uma constante da paisagem ribatejana tradicional. Todos os anos por esta altura a Feira Nacional do Cavalo, na Golegã, atrai condos, dons e pleubeus, aliás mais plebeus que condos, à maior manifestação do Cavalo realizada em Portugal.

Se a Feira de S. Martinho na Golegã é o ex-libris tradicional da antiga **Venda da Galega**, nome da estalagem de onde, segundo os cronistas, teria derivado o nome actual da vila da Golegã, também é verdade que a agradável vila onde nasceu o benfiquista Bento não é apenas a Festa do Cavalo, a prova da

água-pé acabada de sugar às vinhas soalheiras da lezíria ribatejana, ou a castanha assada que aqui e ali desprende uma bem característica fumarada que se eleva acima da multidão compacta. Para além da festa popular e do desfile selecto e muitas vezes emproado dos nobres cavaleiros, existe uma outra Golegã, suave e tranquila, obviamente a visitar noutra data, a que poderemos chamar a capital cultural ribatejana. Dela falaremos mais à frente.

Longe vai o tempo em que o lugar da actual vila da Golegã era apenas importante por ser localizada junto à estrada principal do País que então ligava Lisboa ao Porto. Essa importância veio a decair no reinado de D. Maria I com a criação da nova estrada Lisboa-Porto, por Leiria e Pombal. Dizem alguns autores que a vila da Golegã «teve a sua origem no tempo de D. Afonso Henriques, quando uma mulher natural da Galiza e que residia em Santarém, veio estabelecer-se com uma estalagem no local, então muito frequentado pela passagem de via-

jantes que transitavam de Santarém para Tomar e Coimbra».

Mas nos meados do século XVIII, já existia a Feira de S. Martinho na Golegã que nasceu por um imperativo de necessidade pelo facto da região ser nessa época um centro agrícola importantíssimo no distrito de Santarém. A existência de muitos criadores de cavalos, as condições excepcionais desta região agrícola, trouxeram à Feira da Golegã o privilégio de ser o local ideal para apresentação e transacção dos mais belos exemplares equídeos.

A Golegã hoje é considerada a «Meca» do cavalo e um ponto de reunião, talvez o mais importante e mudano, de aficionados, nobres e populares. Em 1974 e 75 a Feira do Cavalo não se realizou por motivos mais que conhecidos, ligados obviamente ao fervor revolucionário popular que nessa época servia para contestar realizações que muitas vezes estavam mais perto de um certo **show-off** de gentes abastadas, do que de verdadeiros certames de apresentação de produtos de competência internacional.

Se hoje a Feira do Cavalo continua a ser palco de desfile de gentes abastadas, no fundo os felizes possuidores dos cavalos, também é certo que a ocorrência popular ao certame ronda vários milhares de visitantes que se acotovela na disputa dos melhores lugares gratuitos do Largo do Arneiro. Afinal, dizia-me um velho amigo e frequentador assíduo destas coisas, o cavalo é um animal popular que tal como a terra não per-

tence a quem o trabalha, por vezes com que dificuldade! Cabe recordar aqui uma velha e verdadeira história passada com um português, criado de uma casa nobre em Inglaterra, que sem o saber deu nome a um célebre cavalo de puro sangue inglês. Farto de ser tratador de um belo cavalo castanho e talvez pago abaixo de cão, lá ia dizendo enquanto penteava e esfregava o pelo suave do animal: «**Ai, o filho da...**» Numa tarde de Ascot em 1815 o cavalo de Sir W. Maxwell foi o primeiro e o elegante público inglês, até talvez o rei, ouviram o nome do vencedor, «**Filho da Puta...**»

A festa do cavalo na Golegã é muito mais do que um desfile de amazonas ou elegantes cavaleiros que logo pela manhã exibem as **passages** ou **cabriolas**. É muito mais do que ver o conhecido e popular cantor José Cid, vestido de vermelho, a rigor. A Feira da Golegã é também o lugar para se transaccionar um belo exemplar com ferro de uma coudelaria famosa (o tradicional leilão de cavalos tem lugar amanhã), que pode custar alguns milhares de contos, embora cavalos deste preço não vão habitualmente ao leilão público, mas transaccionam-se à mesa de um bom restaurante ou num salão de uma casa solamga. No leilão de amanhã, os cavalos ali presentes não irão além dos trezentos ou quatrocentos contos.

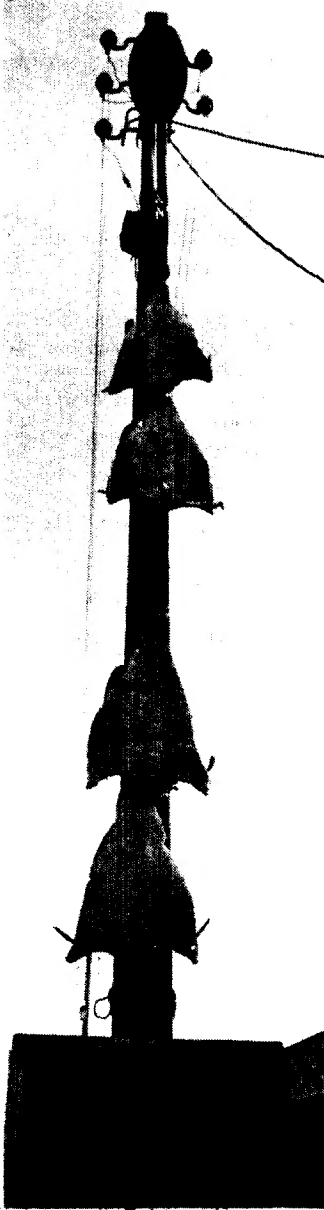
Há quem faça negócios mais modestos, como o João Paulo, com 11 anos, ainda na primária, que nos intervalos da escola procura nas margens do Tejo os marmeleiros de onde arranca os

rebolos para vender aos cavaleiros, por 158\$00 o molho. As pequenas hastes servem para fazer chibatas com que os cavaleiros controlam a montada.

Numa barraca da Câmara, alugada por 33 escudos o metro quadrado, por semana, Natália Pombo, da Azinhaga da Golegã, vende bonecas de pano que aprendeu a fazer em África com sua avó.

Os comes e bebes, espalhados pelo largo da feira, arremedados em restaurante ou barraquinha de petiscos, completam o ambiente organizado para os visitantes que, a pé, ou em cima do cavalo, fazem honras a S. Martinho. Junto à Igreja Matriz, que D. Manuel I mandou erguer na Golegã, há também quem faça da gastronomia um acto de bom humor. Lá está o letreiro que diz, **Coma um boi e pague um bife**.

Enquanto os milhares de visitantes fazem jus ao prazer da pinga, ou embebedam os olhos com o fulgor e a beleza de um **Sultão um Vendaal ou Terramoto**, outros não perdem um riquíssimo programa cultural. É obrigatório visitar na Golegã, pelo menos, três lugares de interesse excepcional; o Museu Carlos Relvas, a Igreja Matriz e o Museu Municipal Escultor Martins Correia. E se o leitor é praticante de turismo económico, pode ficar quase no centro da vila, no parque de campismo, junto à aprazível lagoa de Al-verca. Mas este riquíssimo espólio cultural dá para outra reportagem. Se **um bom cavalo não tem preço**, como se diz, uma boa visita pelos campos infundáveis das coisas do espírito, é inestimável.



Conferências na Faculdade de Letras

assinalam abertura do ano

A transmissão da História ao grande público através dos «mass media» foi tema de análise na Faculdade de Letras de Lisboa, no âmbito de um colóquio subordinado ao tema «As condições de trabalho da produção historiográfica», integrado num ciclo de iniciativas relacionados com a abertura do ano lectivo do curso de História.

António Valdemar, redactor do «Diário de Notícias», falou da transmissão da História ao grande público através dos «media», a partir da relação jornalista/historiador do presente e dos critérios subjacentes à orientação ideológica a «vés da relação entre jornal estatal/ jornal partidário».

Por sua vez, Cecília Conde e Cunha abordou o «Ensino da História na escolaridade pré-universitária — o seu reflexo nos manuais escolares produzidos e adoptados». Esta especialista falou das barreiras estabelecidas entre as propostas pedagógicas e os indivíduos a quem estas são dirigidas, da inadequação da linguagem e do corpo conceptual e da inadequação da linguagem e do corpo conceptual e da inadequação estrutural de ordenamento das matérias.

O professor Votorino Magalhães Godinho encerrou a sessão com uma intervenção sobre o «Ensino e a produção da História nas Universidades». Magalhães Godinho falou sobre a Universidade como realidade institucional própria, da integração da Universidade no sistema de poderes, do sistema hierárquico regulador da entrada no quadro científico, das consequências do tipo ideal de saber e dos ideais e realidades subjacentes ao sistema de transmissão do saber aos alunos.

A organização do colóquio foi da responsabilidade do grupo «Dialogar a História» e da revista «História e Crítica». No mesmo âmbito, realiza-se hoje um magusto com animação de música popular portuguesa, no átrio da Faculdade; para depois de amanhã está apazado uma conferência sobre a «A interdisciplinaridade em Ciências Sociais» com as presenças dos professores Ferreira de Almeida e Mesquita Lima e dos doutores António Hespanha, Luís Ramalhos Guerreiro e David Justino. No dia 14 há um concerto na Aula Magna e no dia 15, a finalizar, uma visita de estudo.

Abertura do curso de História

Destacadas deficiências do ensino superior

A mulher do Presidente da República, Maria Barroso, disse na abertura solene do ano lectivo do curso de História, da Faculdade de Letras de Lisboa, que o «combate pela tolerância contra o fanatismo deve constituir um objectivo permanente» dos estudantes.

Maria Barroso, que representava na cerimónia o Chefe de Estado, realçou as diferenças da actualidade da Faculdade de Letras relativamente ao tempo em que a frequentou e de que guarda «a memória de um combate constante pela afirmação do espírito crítico contra o dogmatismo».

Enaltecendo a validade do curso de licenciatura em História, Maria Barroso defendeu que «o caminho do futuro constrói-se com a memória do passado e da sua lição».

Abordou depois a importância da educação nas sociedades modernas.

«Educar bem é investir num futuro melhor. Como alguém afirmou, o saber fazer, mesmo quando humanizado pelo saber ser, já não chega como objectivo educacional do nosso tempo, o que importa é saber evoluir», adiantou.

«Para isso — considerou — há que estarmos atentos e vigilantes, tendo a coragem de mudar o que não deixa evoluir e atrasa a chegada do futuro.»

Na sessão solene, a necessidade e a urgência de adequar a história ao real, como foi afirmando na ocasião, foi outro tema desenvolvido pelos restantes oradores.

Em nome da comissão organizadora da sessão falou Maria de Lurdes Rosa, que chamou a atenção para a simultaneidade da drástica diminuição do «numerus clausus» nas universidades esta-

tizadas e a larga abertura nas universidades privadas.

A oradora denunciou ainda a «multiplicidade de critérios no interior, mesmo das universidades do Estado», a «ambiguidade de uma Lei de Bases que parece reduzir o mercado de trabalho dos licenciados em História à docência a partir do unificado, agora chamado de terceiro ciclo do Básico, senão mesmo apenas ao Complementar».

Por outro lado, Maria de Lurdes Rosa sublinhou ser necessário dar resposta em simultâneo quer aos problemas imediatos respeitantes ao estabelecimento de condições mínimas de trabalhos nas nossas universidades, quer a uma igualdade de acesso à docência para os licenciados pelas várias universidades (clássicas, Nova e outras).

Para a resolução destas questões, Maria de Lurdes Rosa pre-

conizou reunir todos os interessados — universitários, professores, sindicalistas, doutorados e grupos que se têm vindo a pronunciar neste sentido — para em conjunto «pensar as respostas concretas a esta situação».

Os restantes oradores, presidente do concelho directivo e representantes do conselho pedagógico e científico da Faculdade de Letras de Lisboa, chamaram a atenção para os cortes orçamentais sobre aquele estabelecimento universitário, que conduzirão a faculdade a «tempos pouco tranquilos».

A sessão solene foi organizada pelas revistas «Dialogar História» e «História Crítica». Iniciações culturais e recreativas preencherão até domingo a semana de celebração do início do ano lectivo da licenciatura em História.

Histórias da música à mesa da Trindade



NO CENTENÁRIO DE LISZT, COM HAGANAUER

Integrado nas Comemorações do 1.º Centenário da morte do inesquecível compositor, o pianista Haganauer tocará Liszt, na Cervejaria da Trindade, quinta-feira, dia 13 pelas 18.30 horas

A entrada é livre.



1836-1986 Cervejaria da Trindade • 150 anos de Convívio

com o apoio da **Rádio Comercial**

O COMPLEMENTO NECESSÁRIO DA SUA INFORMAÇÃO

LEIA NO NÚMERO DE NOVEMBRO:

- O RESTAURO DOS PALÁCIOS DE LENINEGRADO
- "Reconstruiremos todos os lugares belos"
- RAIOS LASER ao serviço da ciência
- A República da Geórgia
- No colorido das Feiras Moldavas, o espírito alegra-se com a abundância

À VENDA



Assinaturas (pagamento adiantado por cheque ou vale de correio): 1 ano (12 números) — 200\$00
 • 2 anos (24 números) — 350\$00 • 3 anos (36 números) — 500\$00 • Preço de capa — 50\$00
 • Distribuição, assinaturas e vendas de números atrasados: Central Distribuidora Livreira (CDL) — Avenida Santos Dumond, 57, 2.º — 1000 Lisboa • 77 98 25 - 77 98 28

TERÇA-FEIRA, 11 DE NOVEMBRO DE 1986

Com 81 empresas e até ao dia 19

Portugal participa oficialmente na Feira Internacional de Luanda

Portugal participa, a partir de ontem, pela primeira vez a título oficial, na Feira Internacional de Luanda (Angola), com um conjunto de 81 empresas e a presença do próprio secretário de Estado do Comércio Externo.

O secretário de Estado, Caldeira da Silva, permanecerá em Luanda durante uma semana, representando o Governo português. As empresas nacionais que ocupam o pavilhão português da FILDA manterão os seus «stands» em exposição até ao dia 19, data do encerramento do certame.

Caldeira da Silva terá uma reunião de trabalho com o ministro angolano da Energia e dos Petróleos, Pedro Van-Dunen-Loy, prevendo-se que discuta problemas relacionados com as trocas comerciais entre os dois países, em particular a importação de ramos petrolíferos angolanos.

Em 1984 e 1985, as empresas portuguesas que estiveram na FILDA fizeram-no a título particular, apesar de no primeiro daqueles anos terem tido o apoio do ICEP — Instituto do Comércio Externo de Portugal.

Em 1983 este Instituto organizou uma mostra de produtos portugueses em Luanda em que participaram 84 empresas nacionais.

Na terceira edição da Feira participam 150 empresas angolanas, sendo as restantes estrangeiras, num total de 450. O certame é organizado pela empresa estatal de Comércio Externo FICOM — Feira Industrial e Comercial de Luanda.

Com a realização da Feira de Luanda o governo angolano pretende mostrar as potencialidades económicas de Angola e permitir aos empresários realizar contactos no domínio comercial.

As empresas angolanas, presentes no certame, provêm de quase todas as províncias de RPA e pertencem à indústria alimentar, têxtil, petrolífera, das pedras preciosas, madeira, café, agropecuária e ao sector dos serviços.

Até 1976, o saldo da balança comercial portuguesa com aquele país africano manteve-se desfavorável a Portugal em 1.4 milhões de contos. A partir desse ano, passou a ser positivo.

As exportações portuguesas para Angola são constituídas fundamentalmente por têxteis e vestuário, produtos agroalimentares,

químicos, materiais de construção e óleos derivados de produtos petrolíferos, enquanto Portugal importa sobretudo petróleo e café.

Nos seis primeiros meses deste ano, as exportações nacionais para Angola atingiram 6.6 milhões de contos, enquanto as importações ascenderam a 6.2 milhões de contos.

Em 1984, as exportações nacionais para este país africano totalizaram 22.7 milhões de contos, valor que no ano anterior foi de 26.4 milhões. Naqueles anos, as importações de produtos angolanos por Portugal cifraram-se em 5.5 e 13.9 milhões de contos, respectivamente.

A FILDA/86, terceira edição da Feira Internacional de Luanda, com seus 450 expositores, foi inaugurada ontem de manhã pelo presidente da República, José Eduardo dos Santos.

Acompanhado de membros da direcção do partido, do governo e de responsáveis do Ministério do Comércio Externo, o chefe de Estado percorreu, demoradamente, os pavilhões, onde expositores nacionais e estrangeiros apresentam amostras da sua produção.

Na ocasião, o chefe de Estado angolano recebeu explicações pormenorizadas sobre os artigos presentes e dialogou com os expositores, apercibendo-se das suas realizações.

Um dos objectivos da «Filda-86» é a promoção dos produtos angolanos, capazes de entrarem nos circuitos do comércio mundial, elemento bastante importante para o aumento das exportações, como meio de contribuir para a melhoria dos saldos das balanças comercial e de pagamentos.

Por outro lado, a presença de expositores estrangeiros, na sua maioria potenciais parceiros de Angola, permite uma troca de impressões entre os participantes para o reforço da cooperação económica.

A área total de exposição da «Filda» é de aproximadamente 28 mil metros quadrados, dos quais cerca de 15 500 cobertos.

A nível nacional, estão presentes amostras de todos os ramos da economia, sendo dado ênfase aos produtos potenciais de exportação e aos destinados a substituírem as importações com vista à satisfação do consumo interno.



Entrada do pavilhão português na FILDA/85, cuja montagem e organização esteve a cargo da empresa Vesper. Este ano pela primeira vez, Portugal fez-se representar oficialmente, através do ICEP e com 81 empresas presentes

No plano das presenças estrangeiras, 15 países a título oficial, e outros seis a nível de empresas individuais, marcam presença nesta «Filda-86», que decorrerá até ao próximo dia 19.

União Soviética, Espanha, Portugal, França, República Democrática Alemã e Jugoslávia, os principais parceiros comerciais de Angola, ocupam a primazia entre os expositores estrangeiros.

A URSS, cuja cifra de exportações para a RPA já atingiu este ano o montante de 160 milhões de dólares, organizou uma exposição promovida por 25 empresas de comércio externo.

O pavilhão soviético é o maior de todos os estrangeiros e ocupa uma área de cerca de 1700 metros quadrados, mil dos quais cobertos, onde os produtos da indústria ligeira, de construção de máquinas e automóveis, constituem os principais pólos de atracção

dos visitantes e homens de negócios.

A Espanha, outro dos grandes parceiros comerciais da RPA, está presente com uma exposição de cerca de 1662 metros quadrados, o que pela segunda vez consecutiva constitui o segundo maior «stand» estrangeiro da «Filda».

Produtos da indústria alimentar, tais como vinhos e derivados das pescas, maquinaria, automóveis, indústria aeronáutica e de prestação de serviços, entre outros, são as principais amostras expostas nos «stands» espanhóis.

Para além dos países já mencionados, participam, nesta «Filda-86» a Bulgária, o Brasil, Cabo-Verde, Checoslováquia, Congo, Cuba, Índia, Suécia e Zimbábue.

A Guiné-Bissau, e o Senegal, embora não apresentando qualquer «stand» enviaram delegações para manterem contactos comerciais com os outros expositores.

COTAÇÕES CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)		
COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	48\$90	54\$00
ALEMANHA FED. (marco)	72\$40	73\$60
AUSTRIA (selim)	10\$25	10\$45
BELGICA (franco)	3\$281	3\$531
BRASIL (cruzado)	3\$850	6\$350
CANADA (dólar — notas de 1 e 2)	106\$80	109\$30
(notas de 5 a 1000)	107\$30	109\$80
DINAMARCA (coroa)	19\$20	19\$60
ESPAÑA (peseta)	1\$053	1\$173
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	148\$40	151\$90
(notas de 5 a 1000)	148\$90	152\$40
FINLÂNDIA (marka)	29\$80	30\$40
FRANÇA (franco)	22\$15	22\$85
HOLANDA (florim)	64\$10	65\$20
IRLÂNDIA (libra)	198\$55	202\$55
ITÁLIA (lira)	\$095	\$110
JAPÃO (iene)	\$867	\$922
NORUEGA (coroa)	19\$75	20\$25
REINO UNIDO (libra)	213\$80	218\$30
SUÉCIA (coroa)	21\$20	21\$70
SUIÇA (franco)	87\$00	88\$50
VENEZUELA (bolívar)	6\$10	7\$10

OBSERVAÇÕES:

- 1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- 2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

Com empregos precários na indústria

Governo propõe liberalização dos horários de trabalho

O Governo propôs-se autorizar a liberalização do horário de trabalho nas empresas industriais, permitindo mais de 8 horas de trabalho diárias e a inclusão de mulheres nos períodos de trabalho nocturno, de acordo com um documento oficial.

O implemento destas medidas consta de um ofício recebido pela CGTP-Intersindical, solicitando o seu parecer, no qual o director-geral do Trabalho dá conta de estudos com vista à denúncia das Convenções da Organização Internacional do Trabalho (OIT), visando «suprimir da ordem jurídica portuguesa a regra geral que limita a duração do trabalho a 8 horas diárias e 48 semanais».

O documento prossegue afirmando que, se tal acontecer, haverá possibilidade de, em períodos normais ultra-passar aqueles limites, «com redução equivalente noutras épocas, sem aumento da duração anual do trabalho».

A sugestão governamental foi considerada pelos meios sindicais como uma «tentati-

va de imposição da lei da selva», pondo em causa a «segurança no emprego e importantes regalias conquistadas», como é o direito ao horário de trabalho e pagamento de horas extraordinárias.

Reacções das centrais

Num comunicado à imprensa, ontem divulgado, a CGTP-Intersindical afirma que «o Governo pretende denunciar a convenção nº1 da OIT de 1919», «num país, que é no conjunto da Europa, aquele onde mais se trabalha e menos se recebe», colocando os trabalhadores «à completa mercê do patronato que passaria a pôr e dispor da sua própria vida diária e familiar».

Segundo a sindicalista Odete Filipe, do Conselho Nacional daquela central, a duração e horário de trabalho devem ser encarados «não só na perspectiva das condições de trabalho, mas também na perspectiva das condições de vida do trabalhador, como a

sua disponibilidade para participar na vida social, sindical e política e para os tempos livres».

Odete Filipe afirma ainda que, se a entrada das mulheres para o terceiro turno da indústria é apresentada como fim de discriminações «que constituem privilégio ou prejuízo baseado no sexo», então que «comecem por cumprir as convenções de trabalho» relativas a discriminações de salário, acesso a emprego e promoções.

A UGT vai solicitar uma audiência ao ministro do trabalho para saber das intenções do Governo, afirmou o seu dirigente Rui Oliveira e Costa. Segundo aquele sindicalista, a existir um projecto de liberalização de horários, o Conselho Permanente de Concertação Social será a sede própria para o discutir. Rui Oliveira e Costa acrescentou que matérias desta natureza estão relacionadas com um discurso mais alargado no âmbito do contrato social para a modernização da economia.

Burroughs e Sperry fundem-se na Unisys

A Burroughs, um dos gigantes do mundo dos computadores, anunciou ontem o seu novo nome oficial: Unisys Corporation, resultante da fusão entre a Burroughs e outra empresa da área da informática, a Sperry.

A designação Unisys, foi revelada em conferência de Imprensa realizada em Detroit e transmitida para vários pontos do mundo, foi escolhida entre mais de 31 mil nomes propostos.

A Burroughs, segundo maior fabricante mundial de computadores depois da IBM, anunciou o lançamento de uma enorme campanha de publicidade para divulgar a sua nova designação.

O nome Unisys resulta da fusão das palavras «United», «Information» e «Systems» (sistemas de informação unidos) e foi proposto por funcionários da Burroughs.

O presidente da companhia, W. Michael Blumenthal, revelou ainda que a fusão entre a Burroughs e a Sperry, que se tornou efectiva em Dezembro, está a processar-se «mais rapidamente do que o previsto em relação aos objectivos para 1986».

Formalizado em 16 de Setembro, o processo de fusão iniciou-se após a oferta final da Burroughs de 76.50 dólares por acção, num total de 4.8 mil milhões de dólares, passando a controlar a Sperry.

Por alegado envolvimento em actos terroristas

CEE adopta sanções contra a Síria

A Comunidade Económica Europeia concordou ontem em aplicar um embargo de armas à Síria, integrado num pacote de sanções contra aquele país devido ao seu alegado papel na tentativa de explosão de um avião israelita. Estas medidas foram aprovadas no mesmo dia em que era anunciada a libertação, no Líbano, de dois reféns franceses. Entretanto, a «trégua» bombista chegou hoje ao fim em Paris, onde se registaram três violentas explosões.

O pacote limitado de sanções contra a Síria foi acordado numa reunião realizada ontem entre os 12 ministros dos Negócios Estrangeiros da CEE, embora a Grécia se tenha recusado formalmente a assinar as medidas adoptadas.

A França encontra-se entre os países que sustentaram a aplicação de sanções, apesar de alegações do primeiro-ministro Jacques Chirac, publicadas ontem no «Washington Times», de que os serviços secretos israelitas estariam provavelmente implicados no envolvimento da Síria no caso do atentado de Londres.

A decisão da CEE surge na sequência da acusação britânica de que a Síria estaria envolvida em actos terroristas. O ministro britânico dos Negócios Estrangeiros, sir Geoffrey Howe, tornou pública esta acusação pouco depois do termo do julgamento de Nezar Hindawi,

condenado a 45 anos de prisão por ter tentado colocar uma bomba a bordo de um avião israelita, no aeroporto de Londres.

Segundo as autoridades britânicas, Hindawi foi apoiado nesta acção pelos serviços secretos sírios, através do embaixador de Damasco em Londres. Recordase que na sequência do julgamento, a Grã-Bretanha cortou relações com a Síria.

A reunião de ontem é a segunda realizada para abordar a aplicação de sanções contra Damasco, uma vez que no primeiro encontro a Grã-Bretanha não conseguiu reunir o apoio dos outros países da CEE.

As medidas ontem aprovadas são predominantemente simbólicas, pretendendo sublinhar o apoio dos parceiros à Grã-Bretanha no seu diferendo com a Síria. Para além das medidas ontem

acordadas pelos ministros da CEE, a Grã-bretanha anunciou que vai bloquear a renovação de um acordo de ajuda à Síria pela Comunidade, que deixa de estar em vigor no final deste mês.

No final da reunião, o ministro português dos Negócios Estrangeiros, Pires de Miranda, declarou que «Portugal se associou à declaração feita pelo ministro britânico dos Negócios Estrangeiros que condena todos os actos de terrorismo, o envolvimento directo ou indirecto de países que usam essa arma de política internacional, e concorda na aplicação de algumas medidas em relação à Síria que se podem resumir na não realização de novos contratos para o fornecimento de armas, suspensão de visitas oficiais de alto nível entre a Síria e os países da Comunidade e um maior cuidado nos controlos da Síria nos países da CEE».

Pires de Miranda recordou, contudo, que estas medidas não terão aplicação prática no caso português, já que Portugal não tem relações diplomáticas com a Síria.

Reacções

As medidas adoptadas pela CEE levaram a Líbia a afirmar que as forças árabes não ficarão paradas face às

sanções, enquanto a TASS criticava a posição dos países europeus.

Os Estados Unidos e Israel acolheram positivamente as medidas da Comunidade e o secretário de Estado George Shultz afirmou ter recomendado ao presidente Ronald Reagan novas medidas retaliatórias contra Damasco.

Um alto funcionário do Ministério soviético da Defesa chegou, entretanto, à capital síria, onde deverá manifestar o apoio da URSS a este país. «A URSS sublinha que continuará a fornecer continuamente à Síria todos os meios de apoio na sua confrontação com a agressão imperialista-sionista», disse o vice-ministro soviético da Defesa.

O Irão proclamou também o seu «apoio decidido à Síria» e advertiu a CEE contra adopção de quaisquer sanções.

Reféns libertados

Curiosamente, a decisão dos ministros da CEE foi tomada no mesmo dia em que no Líbano era anunciada a libertação de dois reféns franceses. Os dois reféns chegaram hoje ao Ministério sírio dos Negócios Estrangeiros, onde se encontram também três emissários do governo de Paris.

Cessar-fogo nas Filipinas

Representantes do governo e dos rebeldes das Filipinas deverão assinar em breve um acordo de cessar-fogo, revelaram hoje fontes oficiais em Manila. O acordo «deverá ser concluído na nossa próxima reunião», afirmou o negociador chefe do governo, o ministro da Agricultura Ramon Mitra. Entretanto, em Tóquio, a presidente filipina, Corazon Aquino, declarou que espera permanecer no poder até 1992.

Agente de Israel

O pai de Nezar Hindawi, que foi condenado por tentar colocar uma bomba a bordo de um avião israelita no aeroporto de Londres, foi condenado à morte na Jordânia por ser espião de Israel, anunciou ontem o jornal libanês «As Safir». O jornal, que cita fontes diplomáticas, diz que o pai de Hindawi foi recrutado pelos serviços secretos israelitas quando na trabalhava na Embaixada da Jordânia em Londres, no princípio da década de 60.

Chirac e o apartheid

O primeiro-ministro francês, Jacques Chirac, afirmou ontem que estaria disposto a receber o presidente sul-africano, Pieter Botha, para lhe exprimir a sua condenação do apartheid. Chirac acrescentou que só não o fará para não suscitar o descontentamento dos países africanos. As declarações do governante francês surgem no mesmo dia em que Botha chegou a Paris para uma visita privada de 48 horas.

Congresso do PAIGC

Os anúncios da completa libertação de Vitor Saúde Maria e da desvalorização da taxa de cambio do peso guineense constituíram dois pontos importantes no relatório do Comité Central do PAIGC, ontem apresentado ao IV Congresso do partido pelo seu secretário-geral. No relatório do Comité Central era dado destaque às acções de Saúde Maria e de Paulo Correia.

Acordos de Reiquejavique

O ministro soviético dos Negócios Estrangeiros, Eduard Shevardnadze, disse ontem que a realização de uma outra cimeira entre os dois líderes das superpotências depende da consecução de um acordo sobre as propostas de desarmamento apresentadas pela URSS em Reiquejavique. Shevardnadze atribuiu o malogro do seu encontro da semana passada com o secretário de Estado norte-americano George Shultz ao desejo de Washington «reconsiderar os princípios acordados em Reiquejavique».

Poluição química

A poluição química provocada por um acidente numa fábrica suíça alastrou hoje pelo rio Reno até ao Mar do Norte e funcionários holandeses disseram que demoraria ainda quatro dias para que aquela zona marítima ficasse despoluída. Trinta toneladas de pesticidas, mercúrio e outros produtos químicos foram derramados no rio depois de um incêndio numa fábrica na cidade suíça de Basileia.

Foi um discípulo leal de Estaline

Molotov morre na URSS aos 96 anos

O antigo ministro soviético dos Negócios Estrangeiros, Vyacheslav Molotov morreu com 96 anos. Um comunicado do Conselho de Ministros da União Soviética anunciou ontem que Molotov morreu no dia 8 de Novembro, na sequência de prolongada e grave enfermidade.

Não foi planeado nenhum funeral oficial para aquele que foi o braço direito de Estaline. Um porta-voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros disse a este respeito que «tendo em conta a sua (de Molotov) qualidade de pensionista, o seu enterro será uma questão pessoal para a sua família».

Molotov foi afastado do poder em 1957 por Khrushchev, que acabou por expulsá-lo do Partido Comunista depois de ter substituído Estaline na liderança do partido e do governo.

De acordo com informações reveladas em Julho deste ano, e embora pouco se saiba acerca da sua vida depois do governo de Khrushchev, este antigo líder político que em 1917 ajudou Lenine a concretizar a revolução dos soviets, foi readmitido no Partido Comunista da União Soviética em 1984.

No Ocidente, Molotov era conhecido como «Mister

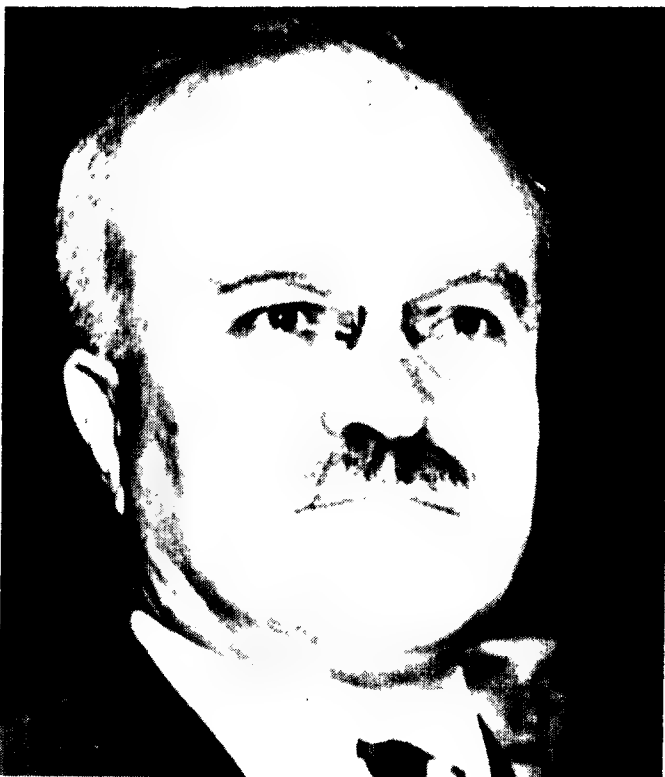
Niet» devido à frequência das suas respostas negativas quando se tratava de alterar um pouco as tácticas negociais do seu país durante as decisivas conferências internacionais no final da Segunda Guerra Mundial.

Nascido em 1890, Molotov foi um dos organizadores da revolução de 1917. Em

1939 foi nomeado ministro dos Negócios Estrangeiros e em 1941 era designado por Estaline para o cargo de vice-primeiro-ministro.

Numa entrevista publicada em Julho de 1986 por um semanário soviético e tida como a única por ele concedida desde que deixou de exercer funções governamentais, Molotov afirmava sentir-se inspirado pelas mudanças que Gorbachev estava a provocar na vida soviética.

O nome de Molotov passou à história devido a uma mistuta explosiva que ele mandou produzir durante a Segunda Guerra Mundial: os «cocktail Molotov», inicialmente uma arma anti-tanque utilizada pelos soviéticos.



CONVITE mita neutrocopia

Comércio de Equipamentos de Escritório, Lda.

Convida V. Ex.^a a comparecer no NOVOTEL nos dias 11, 12 e 13 de Novembro de 1986 entre as 15 e as 23 horas.

Conheça de forma agradável a inimitável gama de copiadoreis

mita

C. Carvalho dos Anjos

Sporting da Covilhã: instalações vão melhorar

O Sporting da Covilhã adquiriu cerca de 12 hectares de terreno, onde vai construir um complexo desportivo, declarou o presidente do clube, José Brito Rocha. O dirigente covilhanense salientou que as instalações do estádio «Santos Pinto», que o clube utiliza, «não têm condições para a prática salutar do desporto», devido à «situação deplorável do

relvado, fraca iluminação e carencia de estruturas gerais de apoio».

Brito Rocha recorda que o Sporting da Covilhã tem actualmente cerca de 200 atletas em várias modalidades, «que necessitam de ser correspondidos com instalações condignas». Parte da área agora adquirida pelo clube, junto à estrada variante da Covilhã, será para vender: e obter verbas para as obras previstas com o complexo desportivo. O presidente do Sporting da Co-

vilhã anuncia estar já a ser elaborado o projecto para o novo estádio e de outras instalações desportivas a integrar no complexo, designadamente para a prática do atletismo e pavilhão gimnodesportivo.

Clube Oriental de Lisboa

Pelas 20 e 30 de 14 do corrente, o Clube Oriental de Lisboa realiza uma assembleia geral extraordinária com a seguinte ordem de trabalhos:

1 — Apreciação e votação de propostas, visando a reactivação

e o funcionamento do Conselho Geral.

2 — Apreciação de outros assuntos de interesse para o clube.

Operário-Camarate

A direcção do Clube Operário de Futebol deliberou considerar como dia do clube, o encontro com o Camarate, a contar para a 5.ª jornada do campeonato distrital da 1.ª divisão, a realizar no seu parque de jogos, no dia 16 do corrente, às 15 horas, pelo que os seus associados deverão munir-se do respectivo bilhete especial.



Marcel de Almeida e Gaspar Ramos: dupla para a água?

**Presidência da "água":
Fernando Martins continua
ou haverá sucessão?**

Foi o próprio Fernando Martins que, ainda em Bordéus, não se escusou a confirmar (para os representantes da Comunicação Social que tinham viajado com o Benfica) que «será difícil continuar à frente dos 'encarnados'», quando terminar o actual mandato presidencial. Então, o comandante «rubro» adiantou que talvez o seu filho (eng. Raul Martins) estivesse na linha de sucessão, «mas tudo dependeria dele próprio e da sua vontade».

Entretanto, outros nomes têm vindo à baila. Desde Roberto Gulbenkian (que já desmentiu qualquer interesse em entrar na vida desportiva) até ao juiz-desembargador dr. Adriano Afonso, que também parece não dispor do tempo livre requerido para dirigir um clube com a dimensão do Benfica. Todavia, a hipótese mais curial, aponta («no caso de Fernando Martins não se recandidatar») para que seja o dr. Marcel de Almeida o eventual futuro homem do leme, ficando a direcção do futebol «encarnado» entregue a Gaspar Ramos. A confirmação só poderá chegar quando, no termos do seu mandato, Fernando Martins anunciar publicamente o seu propósito: se continuar, tudo na mesma. Se (especialmente por razões de saúde) deixar o lugar, é certo e sabido que vai aparecer luta eleitoral.

**PS da Madeira quer apoio
às representações desportivas
das Regiões Autónomas**

O grupo parlamentar do PS/Madeira entregou, na Assembleia Regional, um projecto de proposta de lei a apresentar à Assembleia da República sobre o apoio à participação das Regiões Autónomas nos campeonatos nacionais. Os deputados socialistas, proponentes do projecto, sublinham que o objectivo é «criar condições, no domínio financeiro para a participação dos clubes e atletas das Regiões Autónomas nos campeonatos nacionais das diferentes modalidades desportivas».

O projecto propõe a criação de um Fundo de Apoio à participação das Regiões Autónomas nos campeonatos nacionais, dotado de autonomia financeira que suporte os encargos com as despesas de deslocação por via aérea dos clubes federados entre o continente e as regiões autónomas. Defende (também) um subsídio para a participação de atletas e de

quadros desportivos das Regiões Autónomas em acções de formação ou estágios de âmbito nacional.

As receitas do Fundo seriam provenientes das taxas a fixar sobre cada bilhete de entrada em todas as competições oficiais, das verbas do Totobola e Totoloto, de dotações do orçamento do Estado e (ainda) de subsídios, donativos ou outras receitas atribuídas por entidades públicas ou privadas.

Os deputados socialistas à Assembleia Regional da Madeira sublinham que, com esta iniciativa, pretendem «dar resposta de forma global e definitiva, aos problemas que têm sido levantados com alguma frequência à participação de equipas madeirenses nos campeonatos nacionais de diferentes modalidades, problemas que têm sido resolvidos, caso a caso, pelos organismos responsáveis, sem o eficaz enquadramento político e institucional».

LISBOA/PORTO/LISBOA

**UMA VIAGEM A PREÇO ACESSÍVEL?
É DAR POUCO DINHEIRO POR MUITO CONFORTO!
AGORA, NOVO SERVIÇO LISBOA/PORTO/LISBOA,
COM 2.ª CLASSE MUITO CONFORTÁVEL,
DE GRANDE CAPACIDADE.**



Uma viagem a preço acessível não se traduz apenas no pouco dinheiro que se paga. Revela-se, sobretudo, no muito conforto que se obtém. A 2.ª classe do novo Serviço Lisboa/Porto/Lisboa oferece, nomeadamente, grande capacidade de lugares, espaço muito amplo, ar condicionado, assentos anatómicos, carruagens insonorizadas de pouca vibração e excelente serviço de bar. Um ambiente muito confortável, quase ao nível da luxuosa 1.ª classe, com a vantagem do preço mais acessível. Bastante veloz, este novo material de avançada tecnologia ferroviária apresenta características de elevada segurança, destacando-se as portas de bloqueio automático e o sistema especial de travagem.

Lisboa → Porto 10-25
7-25
Porto → Lisboa 20-35
17-00



Comboio, a opção decisiva.

Benfica: Mortimore contestado

● Quinito afirma não estar na corrida para a sucessão

Depois da entrevista de Júlio Borges (dirigente do Departamento de Futebol Profissional do Sport Lisboa e Benfica) concedida ao nosso colega «Record», em que criticava (em termos muito vivos e bem duros) a actuação de Mortimore à frente do «onze» da «águia», incendiaram-se ainda mais os bastidores do futebol do clube da Luz.

Personalidade de relevo na vida da colectividade, inclusive elementos da sua actual direcção, não se escusam a (publicamente) contestarem as ideias tácticas do treinador britânico, que não tem conseguido dar ao bloco rubro a dimensão espectacularmente atacante a que habituara os seus adeptos. Acusado de jogar sempre «à defesa», episódio que arriscando um nadinha quando o adversário «perde a bola». Mortimore está a ser envolvido numa teia que já comporta o nome de Quinito, o técnico que, regressado de longas paragens, (com petrodólares que lhe permitem esperar sossegadamente pelo correr do marfim) é frequentemente apontado como sucessor de vários colegas no activo, agora com mais incidência em relação ao Benfica, muito embora se saiba que, tirando o esporádico caso de Hagan (despedido a meio do contrato pelo saudoso presidente Borges Coutinho) não é hábito do emblema «encarnado» trocar

de técnico antes da conclusão do mútuo compromisso.

Desta feita, porém, é muito natural que Mortimore, dentro da correcta linha de conduta, que sempre adoptou, seja o primeiro a reconhecer que, embora o «team» continue em pleno na corrida para o título nacional, a massa associativa da Luz não lhe perdoa a eliminação da «Taça dos vencedores das Taças», após um duelo (em Lisboa e em Bordéus) que revelou imensas carências na movimentação «encarnada». O contrato de Mortimore apenas se conclui em Julho de 1988, mas as próprias declarações de Júlio Borges (também extensivas a divulgação na RTP) deixam no ar a questão: poderá o treinador inglês suportar as pressões que desabam sobre si, discutindo os seus métodos e processos tácticos?

De resto, sabe-se (é do domínio corrente) que entre os jogadores benfiquistas existem blocos antagónicos, a requererem um judicioso e diplomático sentido de junção que Mortimore não tem encarado frontalmente. Daí que surgisse ontem, a meio da tarde, o boato de que Quinito (na disponibilidade) estava no pensamento da gerência de Fernando Martins para entrar no conjunto técnico da «águia». Porém, é do próprio Quinito que vem o primeiro desmentido:

Quinito disse hoje não admitir a possibilidade de vir a treinar a

equipa de futebol do Benfica. O antigo treinador do Sporting de Braga falava à Rádio-Azul, (emissora regional de Setúbal) referindo-se à notícia hoje publicada no «Record».

«Fiquei surpreendido, porque a notícia não corresponde à verdade. Não é norma o Benfica rescindir contratos com os seus treinadores, nem eu me referi em nenhuma altura à possibilidade de treinar o clube», disse Quinito à Rádio-Azul.

O «Record» diz hoje, na 1.ª página, ao lado da foto do téc-



Quinito: ele desmente interesse actual do Benfica

nico: «Quinito, hipótese no Benfica». «Notícias destas é o mesmo que meterem golos na minha baliza» acrescentou o treinador, recentemente regressado de países árabes. O técnico admitiu (no entanto) a possibilidade de decidir em breve ir treinar o Sporting de Espinho, onde é periclitante a posição de António Simões.

«É necessário ajudar outros clubes: e, para mim, o mar é importante. É muito possível que a curto prazo me encontre a treinar o Espinho», concluiu Quinito nas declarações à Rádio setubalense.

Aliás (e para além desta confidência de Quinito em relação ao Sporting de Espinho) também se falou em eventual contratação do jovem técnico por vários clubes da 1.ª divisão que, neste momento, estão com vida difícil na tabela pontual. Escusamo-nos a citar nomes, para que se não diga que «a imprensa desestabiliza a vida de colectividões envolvidas na alta competição».

De qualquer modo, um facto é incontroverso: Mortimore está a deixar a sua imagem esfumar-se na admiração de gente importante da sua entidade patronal. Ao mesmo tempo (e quanto a Quinito) é dado assente que dois clubes nortenhos e um da capital não desdenhariam o seu próximo concurso.



Vitor Santos: o jornalismo distinguido



Manuel Marques: um desportista exemplar

Governo condecora gente do desporto

Amanhã, pelas 18 horas, no Lisboa Penta Hotel, várias individualidades vão ser distinguidas pelo Governo, numa cerimónia que terá a presidência do ministro da Educação, dr. João de Deus Pinheiro.

Com a Medalha de Bons Serviços Desportivos vão ser condecorados: José Rocha Xavier (hóquei em patins e hóquei em campo), José Moreira de Almeida e Silva (dirigente), Alexandre António Caldeira Pedrosa do Amaral (dirigente), Associação de Futebol de Castelo Branco (50 anos), Manuel Fernandes (jogador de futebol), António Feliciano (treinador de jovens) e Silvio Bulhosa (dirigente).

A Medalha de Mérito Desportivo vai ser atribuída às seguintes personalidades ou entidades: Futebol Clube Barreirense (clube),

José Holtremann Roquete (ténis), Ana Matilde Ingrid Tyberg Mouzinho Figueiredo (dirigente), João Pedro Nogueira Vinha (esgrima), Manuel Correia Robalo Gouveia (ginástica, a título póstumo), Fernando Vaz (futebol, a título póstumo), Vitor Santos (jornalista), José Castel Branco (dirigente), Manuel Marques (massagista) e Associação de Futebol de Portalegre (75 anos).

Também se processará à assinatura de um protocolo de colaboração na área do associativismo juvenil, entre algumas federações desportivas e órgãos de Comunicação Social e haverá uma reunião de trabalho com as Federações nacionais, dentro do Plano Integrado de Desenvolvimento Desportivo da Direcção-Geral dos Desportos.

Técnicos: movimentação açoriana

Açores: o futebol sem produtividade implica mudança de técnicos. Jaime Graça é o novo treinador do Santa Clara e o Praiense dispensou o treinador Vinuesa, contratando Couto para a sucessão.

PONTA ESQUERDA

Bragança: Desportivo protesta

Alegando que o futebolista brasileiro Silva (Paços de Ferreira) não cumprira o castigo imposto pela Federação, o Desportivo de Bragança protestou o jogo do passado domingo, com os pacenses. Esta atitude é contestada pelo clube do Estádio da Mata Real, que declara «estar tranquilo e sem problema».

«JO-88»: direitos de transmissão

Os organizadores dos Jogos Olímpicos de Seul, que se realizam em 1988, vão exigir a uma estação japonesa de televisão 100 milhões de dólares pelos direitos de transmissão.

Uma delegação de três membros do comité organizador dos Jogos de Seul partiram para Tóquio para uma terceira ronda de conversações com a cadeia japonesa de televisão NHK.

Nas conversações anteriores, a cadeia japonesa considerou «demasiado elevada» a proposta dos organizadores sul-coreanos.

Futebol uefeiro leva uma volta?

A Federação Italiana de Futebol está a estudar a possibilidade de apresentar uma proposta de alteração às competições europeias, de forma a evitar a eliminação prematura das melhores equipas. Esta decisão surge após o afastamento da Juventus (pelo Real de Madrid) na 2.ª eliminatória da «Taça dos Campeões Europeus». O Real bateu a Juventus, por 3-1, (no desempate por grandes penalidades) apesar do nulo a um golo no total de ambas as «mãos».

A Federação Italiana está a elaborar duas propostas para submeter à União Europeia de Futebol (UEFA). A primeira, baseia-se num sistema de ordenação das equipas como «cabeças de série» e a segunda seria a de dividir as equipas por grupos.

Futebol: selecção de juniores apresenta-se para o trabalho

No plano de preparação da selecção nacional de juniores, os elementos convocados por José Augusto e Carlos Queiroz voltam a reunir, esta tarde, na sede da Federação, seguindo depois para o Estádio Nacional, onde terá lugar um treino. Amanhã, no mesmo local (às 9 h 30) efectua-se nova sessão de trabalho. Jogadores convocados com vista ao jogo a realizar com a França, no dia 26:

- Benfica: Bizarro, Ricardo, Abel, Resende, Xavier e Nuno Guia.
- Sporting: Évora, Amaral, Carlos Manuel e Pedro Miguel.
- F.C. Porto: Vítor Baía, António José, Secretário e Fernando Couto.
- Vitória de Setúbal: Hélio.
- Leixões: Tó-Zé.
- Sporting de Braga: August Gama.
- S.C. Vila Real: Paulo Alves.

Farense: recuperação é bem possível

O técnico do Farense, o brasileiro Cláudio Garcia, continua a acreditar na permanência do Farense na 1.ª divisão do campeonato nacional de futebol, ape-

sar de ter voltado a perder, em Portimão: «É certo que cada vez que perdemos pontos a nossa situação piora, mas ainda falta muito campeonato: e com a entrada dos novos reforços, tudo se poderá modificar», diz Cláudio Garcia.

O técnico brasileiro, que foi campeão do Brasil à frente do Fluminense, afirma ainda que a recuperação poderá começar no próximo domingo, frente ao Belenenses, já que a equipa só necessita de uma vitória para que tudo volte à normalidade. Falta um triunfo para que a equipa volte a acreditar em si própria, pois o factor psicológico é importante: e é nesse campo que tem incidido o meu trabalho», declara Cláudio Garcia.

O técnico brasileiro comenta que, no jogo em Portimão, o Farense já demonstrou «outra dinâmica, mas acabou por perder em condições estranhas. Uma equipa que marca dois golos fora de casa não deve perder» (crítica o técnico). No entanto, assim não sucedeu e acabámos por

perder, apesar de jogarmos bem:

«Penso que nos falta um «patrão» a meio-campo, do género do Nivaldo, que põe ordem à equipa e controla a bola quando é necessário».

O Farense já poderá contar

(domingo, frente ao Belenenses) com mais brasileiros: Luisão (ex-Flamengo), Orlando (ex-Manaus) e Nilsson (ex-Olaria) e poderá em breve apresentar o peruano German Leguía, que já está desvinculado do Elche (Espanha).

Penãrol: a queda

O clube de futebol Penãrol (de Montevideo) decidiu cessar a sua actividade e retirar-se do campeonato uruguaio da 1.ª divisão, depois dos seus dirigentes declararem a impossibilidade de pagar aos jogadores profissionais. O Penãrol que, no domingo, venceu o Fénix (1-0) encontra-se em 2.º lugar no campeonato, a três pontos do líder (o Nacional de Montevideo, que já não perde há 14 jornadas).

A medida de paralisar a actividade foi tomada pelo clube devido a ter quatro meses de salários em atraso e prémios por títulos conseguidos na época de 1985, aos seus profissionais.

O futebol profissional uruguaio está a negociar com o

Banco da República uma solução para os clubes. Um dirigente do Penãrol declarou:

«de que nos serve um empréstimo para pagar aos credores se não temos equipa para jogar?» adiantando não ter possibilidade de encontrar uma saída para esta situação. Dirigentes e jogadores estão de acordo em paralisar as actividades devido a crise económica do clube, que tem a totalidade dos seus bens imobiliários destinados a actividades desportivas embargados por credores e a sede social hipotecada. Perante esta decisão a Associação Uruguaia de Futebol convocou para hoje uma reunião de presidentes de clubes.

Interessa a Portugal

Itália: "Squadra azzurra" chama "mundialistas" de Espanha

Três campeões mundiais de 1982 e nove vice-campeões europeus de «esperanças» foram convocados para a selecção italiana de futebol que, no sábado, defontará a Suíça, em Milão, para a fase eliminatória do Campeonato da Europa. A Itália e a Suíça integram o Grupo 2 de qualificação, de que fazem também parte Portugal, Suécia e Malta.

A convocação de um dos três campeões do Mundo em Espanha (o lateral-esquerdo Cabrini, da Juventus) deve-se ao facto de Nela (do Roma), habitual titular da «squadra azzurra» na posição, estar lesionado. Mais um lateral (Bergomi) e o avançado-centro Altobelli são os outros dois «mundialistas» de Espanha que figuram na renovada selecção

italiana de Azeglio Vicini que no sábado fará a estreia como técnico dos «azzurri» em jogos oficiais.

Entretanto, apesar de convocado, Cabrini poderá não alinhar perante a Suíça, no Estádio de San Siro (Milão), já que também não se encontra em perfeitas condições físicas, podendo ser substituído por Francini (Torino), da selecção italiana de «esperanças», que recentemente disputou a final do «Europeu» da categoria com a Espanha.

Da lista de 18 convocados, fazem parte cinco jogadores do Inter (Zenga, Bergomi, Ferri, Matteoli e Altobelli), três do Milão (Bonetti, Baresi e Donadoni) e da Juventus (Tacconi, Cabrini e Serena), dois do Roma (Guianini e Ancelotti), do To-

rino (Francini e Dossena) e do Sampdoria (Mancini e Viali) e um do Nápoles (Bagni). A não convocação de De Napoli (Nápoles), que desde o «Mundial» do México tem figurado como titular no meio-campo italiano, é devida à sua suspensão por uma partida, decretada pela UEFA devido à acumulação de cartões amarelos nos jogos da selecção de «esperanças», para o «Europeu».

Malta: forçada renovação

A suspensão de quatro titulares da selecção de futebol de Malta forçou os seus responsáveis a diversas alterações na lista de convocados para o jogo da fase de qualificação do «Europeu», com a Suécia, a disputar no domingo.

Malta, que disputa o nosso grupo, estreia-se, assim, numa série onde as polémicas prevalecem, após a turma lusa ter defrontado escandinavos e helvéticos desfalcados de jogadores muito credenciados.

O guarda-redes John Bonello e o centro-campista Michael De-gorgio foram suspensos por um jogo pela UEFA, enquanto o centro-campista Carmel Busuattil e o avançado Martin Gregory foram vetados pela Federação de Futebol maltesa, por problemas com os seus patrocinadores. O benefício das mediadas disciplinares recaiu sobre o guarda-redes Pierre Calleja, o defesa Joe Galea, os centro-campistas Joe Camilleri e Christian Laferla e o avançado Dennis Caughy, que assim garantiram a internacionalização. A lista de 16 jogadores convocados é a seguinte:

● Guarda-redes: Raymond Mifsud e Pierre Calleja.

● Defesas: Joe Aquilina, Edwin Camilleri, John Buttugieq, John Holland, Joe Galea e Alex Azzopardi.

● Centro-campistas: Martin Scicluna, Joe Camilleri, Raymond Vella e Christian Laferla. X Avançados: Leonard Farrugia, Dennis Mizzi, Dennis Caughy e Mário Schembri.

Angola: campeonato

O Petro Atlético de Luanda (virtual campeão) derrotou o Primeiro de Agosto, por 1-0, em encontro da 24.ª jornada do campeonato de futebol de Angola. Resultados da jornada: Petro Atlético de Luanda-Primeiro de Agosto, 1-0; Leões de Luanda-MFC de Cabinda, 1-0; Primeiro de Maio (de Benguela)-Petro de Huambo, 2-0. O Sagrado Esperança venceu o Inter da Luanda-Sul por falta de comparação. Classificação dos primeiros: 1.º Petro Atlético de

Luanda, 32 pontos; 2.º Inter de Luanda, 26; 3.º Ferroviário de Huila, Primeiro de Agosto, FC Cabinda e Sagrada Esperança, 25; 7.º Petro Atlético de Huambo, 24.

Guiné: campeonato

A 3.ª jornada do campeonato nacional de futebol da Guiné-Bissau forneceu os seguintes resultados na Série A: Benfica-Bissora, 9-1; Tombali-Quinara, 4-1; UDIB-Mansoa, 3-0. Série B: Canchungo-Gabu, 1-0; Bula-Ajuda, 3-0; Farim-Sporting de Bissau, 1-0 e Sporting Bafata-Ténis, 2-0.

O jogo Estrela Negra (de Bissau)-Estrela Negra de Bolama não chegou a realizar-se por falta de comparência da equipa militar.

Atlético de Madrid: "chicotada"

A direcção do Atlético de Madrid (clube que foi eliminado da Taça UEFA pelo Vitória de Guimarães) e o técnico Vicente Miera acordaram na rescisão do contrato do treinador da equipa principal de futebol.

Segundo um comunicado do clube, a equipa passará a ser interinamente orientada pelo técnico-adjunto, Jesus Martinez

A comodidade dos Expressos

RN RODOVIARIA NACIONAL

começa logo no serviço de reserva telefónica

54 54 39
54 58 26
54 57 75

Em Lisboa, disponha agora do nosso serviço de reserva telefónica que funciona para si todos os dias, das 09.00 às 13.00 e das 14.00 às 18.00.

Marque o seu lugar através da simplicidade e rapidez dos telefones indicados até às 18.00 do dia anterior ao da viagem.

E, para além deste serviço, beneficie da possibilidade de compra antecipada de bilhetes até 6 dias antes daquele em que viajará.

RN RODOVIARIA NACIONAL

UMA GRANDE EMPRESA DE

EXPRESSOS R. N.
a comodidade começa antes da viagem**TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA**
14.º JUÍZO**ANÚNCIO**

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamar o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto dos tais bens no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da 2.ª e última publicação do anúncio.

Execução sumária n.º 12 008, 1.ª secção. Exequentes COMPANHIA DE SEGUROS IMPERIO EP Executados MANUEL ANTONIO TEIXEIRA GUEDES, residente na Rua da Tapadinha, 476, Marco de Canaveses.

Lisboa, 27-10-1986

O JUIZ DE DIREITO

Jose Antonio da Cruz

Pel'O ESCRIVÃO DE DIREITO

Maria Teresa Pena dos Santos

"DL" - 11/11/86 - 2.ª Pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA**17.º JUÍZO ANÚNCIO**

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamar o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto dos tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da segunda e última publicação do anúncio.

Execução de sentença n.º 2215-B, 3.ª secção. Exequentes Comp.º Seguros Imperio Executado João dos Santos Arsenio, residente no Bairro dos Pescadores, 43 - Encerra - Mafra

Lisboa, 21 de Outubro de 1986

O Juiz de Direito

José Albino Caetano Duarte

O ESCRIVÃO DE DIREITO

Maria Fernanda Nunes C. Campos

"DL" - 11/11/86 - 2.ª Pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA**8.º JUÍZO ANÚNCIO****Para citação de credores desconhecidos**

Pelo Juízo de Direito desta comarca, secção da Secretaria acima referida correm editos de vinte dias, contados da data da 2.ª e última publicação do competente anúncio, citando os credores desconhecidos do executado HORACIO FERREIRA DE AZEVEDO CAMPOS, residente na Rua dos Sonhos, 207, Ermesinde - PORTO, para no prazo de dez dias posterior aquele dos editos, deduzirem os seus direitos na execução movida por COMPANHIA DE SEGUROS IMPERIO E.P. com sede na Rua Garrett 56, em Lisboa

Lisboa, 29 de Outubro de 1986

O ESCRIVÃO DE DIREITO,

a) JOSÉ MARIA SIMÕES

O Juiz, de Direito

a) JOÃO MANUEL DA CRUZ

"DL" 11/11/86 - 2.ª Pub.

**PAR ou IMPAR**

	CRIATIVIDADE	QUESTIONARIOS	JOGOS			
A	REPORTAGEM	CINEMA	VOLEI	LIVROS	CONTAS	☐
B	ENTREVISTA	HISTÓRIA	FRASE LOUCA	QUADRO	MAIS OU MENOS	☐
C	IMITAÇÃO	DESPORTO	PALAVRAS	PESO	SPIRIBOL	☐
D	RITMO	CONVIDADO	ERRO	BASQUETE	CAVALO	☐
E	REPRESENTAÇÃO	NATUREZA	SONS	TIRO AO ALVO	ESPELHO	☐

Nome _____ Telef. _____
Morada _____ C. Postal _____

RECORTE PELO TRACÉJADO

Cole num Postal das CTT e envie para:
APARTADO 4 317 - 1 508 LISBOA - CODEX

com uma cruz no quadrado respectivo a conjunto de provas em que deseja participar ASSINALAR MAIS QUE UM QUADRADO ANULA O BOLETIM

Futebol de salão: taça "Otto Glória"

Sem qualquer desânimo, prossegue a actividade da Associação de Futebol de Salão de Lisboa (que, lançada por Eduardo Ramos, é agora presidida por Máximo Forte). Está em disputa o troféu «Otto Glória» (Torneio Início) com jogos que se realizam no pavilhão do Atlético Clube de Portugal.

Entretanto, até 14 do corrente, estão abertas as inscrições para o campeonato nacional da 3.ª divisão: informações na sede associativa (Rua Cidade Liverpool, 6, r/c esq.º, Lisboa. Telefones: 848591 e 834079).

Brasil: país deficitário quer brincar com milhões

Estados Unidos, Colômbia e Marrocos podem ser os grandes rivais do Brasil, na corrida para a organização do Campeonato Mundial de Futebol de 1994, afirmou Octávio Guimarães, presidente da Confederação Brasileira de Futebol (CBF). O dirigente do futebol brasileiro reconheceu que «**todos os países têm direito a apresentar a sua candidatura**», mas salientou que o seu país, tricampeão do mundo, «**tem todas as condições para organizar o torneio mundial**».

Octávio Pinto Guimarães, eleito (em Janeiro) para a presi-

dência da CBF, afirmou que o Brasil deve investir mil milhões de dólares (cerca de 150 milhões de contos) nos próximos oito anos, para cumprir as exigências da FIFA, designadamente quanto a comunicações e estádios. O Brasil pretende organizar em 1994 o Mundial de futebol (44 anos depois de ser a sede do torneio) e os dirigentes brasileiros começaram já a tratar dos projectos de organização. A Federação Internacional de Futebol (FIFA) só em Julho de 1988, em Seul, vai decidir qual o país organizador do Mundial de futebol de 1994.

Xadrez: portugueses nas olimpíadas

Dez xadrezistas portugueses participam, a partir de 6.ª feira, nas Olimpíadas da modalidade, em Dubai, que registam um número recorde de participantes. A União Soviética é a favorita para a conquista de ambos os títulos (masculinos e femininos) à semelhança do que aconteceu na última edição, há dois anos, na Grécia.

A organização recebeu a inscrição de 109 xadrezistas masculinos e de 44 femininos e a União Soviética apresentará a maior delegação, com 28 jogadores, incluindo Garry Kasparov e Anatoly Karpov. A representação portuguesa é composta por seis homens (António Fernandes, António Antunes, António Fróes, Luís Santos, João Sequeira e Jorge Guimarães) e quatro senhoras (Isabel Santos,

Aida Ferreira, Maria Vilas Boas e Isabel Mendes). Acompanham a comitiva portuguesa os dirigentes Horácio Neto e Vitorino Ferreira.

António Fernandes: 4.º em Espanha

António Fernandes foi o 4.º classificado do primeiro torneio internacional Alfonso X, com a participação de 24 jogadores de Portugal, Espanha, Itália, União Soviética e Suécia, que se desenrolou em Toledo (Espanha). O espanhol Miguel Illescas, foi o vencedor do torneio, com sete pontos. António Fernandes empatou na última ronda com o espanhol Alfonso Sorribes e terminou com 5,5 pontos, os mesmos do 5.º classificado, o italiano Fernando Braga.

Na sua agenda

XADREZ: a 30 do corrente, a Câmara Municipal de Figueira de Castelo Rodrigo promove um campeonato aberto, que será dirigido por Luís Pereira dos Santos. Por seu lado, a 28 de Dezembro, idêntica iniciativa vai processar-se em Mantigas, também com o apoio da edilidade local.

BOXE: o Torneio de Abertura organizado pela Associação de Lisboa terá lugar a 14 do corrente, no pavilhão do Sport Lisboa e Campo de Ourique.

ATLETISMO: a Associação Cultural e Desportiva de Santa Marta de Portuzelo, vai realizar, no próximo dia 21 de Dezembro, pelas 15 horas, a

sua 12.ª Corrida de S. Silvestre, na distância aproximada de 8000 metros, com a presença de Rosa Mota, e participação de clubes e atletas de reconhecido valor a nível nacional. **HÓQUEI EM CAMPO:** Congresso federativo a 29 do corrente, pelas 14.30 h. Ordem de trabalhos: Aprovação da acta do Congresso anterior; discussão e aprovação do Relatório e Contas e Parecer do Conselho Fiscal, referente à gerência de 1985/86 do biénio de 1984/86; eleição dos corpos gerentes para o biénio de 1986/88; trinta minutos para apresentação e discussão de qualquer assunto de interesse para a modalidade.

Ténis: "Satélite TAP"

Portugueses deram arzinho de graça

...E já vão dois. O dr. Dargent (presidente da Câmara Municipal de Cascais) entregou o troféu aos vencedores (João Cunha e Silva/Pedro Cordeiro) encerrando o «Open Selecções do Reader's Digest», 3.ª prova do Circuito Satélite TAP Air Portugal, que vem, desde há umas semanas, animando (com a sua presença) uma série de «courts» deste nosso país, à beira-mar plantado.

Disputado nos «rápidos» da Quinta da Marinha, o torneio teve (como agradável consequência) inédita posição no parco panorama tenístico português: a liderança que a dupla nacional passou a ocupar na lista dos melhores pares do «Circuito». Após a vitória alcançada uma semana antes (em Tróia) e com a presença no «Master's» praticamente garantida, os portugueses encaram este «Selecções» como oportunidade de saltarem para a cabeça da tabela, quem sabe se para não mais a deixar. Tal tarefa (porém) não foi fácil de realizar, nomeadamente no encontro das meias-finais frente aos italianos Bottazzi/Parrini, que só baquearam na «negra» por um magro resultado de 7-5 no «tie-break», após empolgante jogo, quer dentro quer fora do campo, dado o público entusiasta que o rodeava. Aliás, muito deve a equipa nacional a este maravilhoso público que «**acolheu no seu seio**» (como diria o Kotter) e acorrendo em bom número, emoludou o «court» que viria a distinguir os acarinhados Cunha/Cordeiro.

Defrontaram (na final) o argentino Mirard e o germânico Vestweber, derrotando-os pelos parciais de 6/2; 4/6 e 6/3. Cunha e Silva esteve em grande plano, quer a servir, quer nas batidas de fundo, quer ainda (e principalmente) nas excelentes respostas ao «serviço» para os pés dos adversários, a revelar-se como o verdadeiro «patrão» da equipa: mas, muito bem secundado por Cordeiro. Nomeadamente, nos compridos e milimétricos «lobs» e em portentoso «smash», a dupla portuguesa teve a sua «arma» mais forte na coesão de grupo e sincronização de movimentos, secundada por elevadíssimo moral. Os adversários, por seu lado, apresentaram-se com uma péssima acção de conjunto e entreaajuda, mais parecendo dois jogadores distintos, cada um a cobrir a metade do seu «court». Muitos «furos» abaixo do seu melhor, Mirard/Vestweber deram uma pálida imagem, perguntando-se muitos dos espectadores

como tinham conseguido atingir a final. Foi neste contexto que o encontro se desenrolou, surgindo a vitória no primeiro «set» com a naturalidade resultante de dois «breaks», nos 2.º e 8.º jogos. A segunda partida foi perdida devido a uma desconcentração momentânea de Cordeiro, que falhou os serviços aos 3.º e 7.º jogos, tendo apenas respondido com um ao 8.º jogo. Na derradeira partida, a situação normalizou-se de novo com um «break» (logo de entrada) ao 2.º jogo, assegurando cada um os seus «serviços» até ao final do «match». De assinalar, como curiosidade, a radiante cara de Pedro Cordeiro no final do encontro, que afirmava uma dupla vitória, após informação do fotógrafo Rui Oliveira (ferrenho «leão»), que o «seu» FC Porto vencera o Sporting por duas bolas a zero...

Na prova de singulares, o sucesso sorriu ao argentino Eduardo Masso (cabeça-de-série n.º 1) que dominou todo o torneio, averbando mais um triunfo, desta feita frente ao alemão Oliver Freund, por um duplo 6/2. O volumoso arsenal de golpes que o argentino possui permite-lhe uma constante variação de ritmo, que confundiu por completo o este-reotipado jogo de Freund, que não possui nem regularidade nem jogo de pés para actuar ao fundo da linha final como constantemente o fez. Prova disso foram os constantes «amorties» de Masso.

Para além da merecida vitória em pares, os atletas lusos pouco mais fizeram. Nota-se que os jogadores não estão psicologicamente preparados para enfrentarem (sós) o peso do êxito. É que apesar de derrotados (logo na 1.ª eliminatória) tanto o campeão como o vice-campeão nacionais, tiveram todas as possibilidades de seguirem em frente. Vejamos: Cunha e Silva perdeu para o italiano Botta (que estava perfeitamente ao seu alcance), por 7/5, 4/6 e 5/7, e Cordeiro, frente ao dinamarquês Larsen, foi batido por 6/4, 6/7 e 5/7. Já o caso de Seruca foi diferente, pois «apanhou» do poderoso Rios que já o vencera no Jamor, desta vez por 6/2 e 6/3. São (aliás) de lamentar, as cenas produzidas por este portorriquenho que, não contente com a arbitragem, tentou uma agressão, obrigando o juiz-árbitro a suspendê-lo de imediato, com a consequente multa que não foi, no entanto, ainda estipulada quanto ao seu valor.

«Nabisco Open»

Fomos contactados pelo sr. Francisco Carvalho Martins, da Nabisco (que é, como se sabe, a patrocinadora oficial do «Grande Prémio Internacional») que nos informou das alterações da política de «marketing» desta empresa. Como se sabe, publicáramos a 27 do mês passado (sob informação do mesmo) que esta empresa, presente no torneio do Jamor, não acompanharia o resto do «circuito», o que lamentamos.

Tendo tomado conhecimento desse nosso artigo, foi-nos então agora esclarecido que se tinham mantido contactos com a «Soténis», que concluíram no no acompanhamento inte-

Oeiras: ténis mais rico

O secretário de Estado da Administração Local e Ordenamento do Território, Nunes Liberato, inaugurou os campos de ténis do Complexo de Ténis de Oeiras. Este complexo desportivo, da iniciativa do Clube Escola de Ténis de Oeiras é participado pelo Estado, através da Direcção-Geral do Ordenamento do Território.

Intervindo na cerimónia que assinalou aquele facto, Nunes Liberato deu especial ênfase, «**aos critérios que recentemente foram definidos, com clareza, para a participação pública de equipamentos de interesse colectivo, estando a Governo a assegurar os compromissos escritos que vêm do passado, e cujo montante era de tal ordem que não permitiu a inscrição de novas obras no plano de investimentos para o corrente ano**». Mais adiante, aquele governante referiu-se «**ao interesse com que se encara a dinamização de obras desta envergadura, e, em especial, quando as mesmas resultam dum somatório de vontades, como sejam as autarquias e iniciativa privada e se insiram numa correcta perspectiva do ordenamento do território**».

A finalizar a cerimónia foram entregues distinções aos primeiros classificados do torneio de ténis, que ali teve lugar.

«Copa Ibérica»

Tenistas portugueses dominaram a 3.ª jornada da 6.ª edição da «Copa Ibérica», prova para a categoria de veteranos. Os resultados em Vilamoura foram os seguintes: Singulares-homens

gral do «Satélite» e no patrocinador principal do 4.º Torneio que recebe (por isso) o seu nome. Foi-nos indicado (ainda) que a Nabisco «**como empresa que maiores investimentos efectuou em publicidade no ténis, a nível mundial, no ano transacto, está a preparar umas coisinhas de âmbito nacional que a seu tempo serão divulgadas**».

De qualquer modo, o mais importante neste torneio, é o facto de marcar o último passo antes do «Masters» (com os 16 melhores singulares e os 8 melhores pares), revestindo-se, por isso, de especial importância para os tenistas com sonhos largos.

Assunção Ribeiro

(45 anos) — Grupo 2: Joãoalfonso Lino-Telo Mexia, 6-3 e 6-0; Grupo 3: Ballasteros-Mário Vieira, 4-6, 6-0 e 6-2; Grupo 1: Raul Peralta-José Mendonça, 6-4 e 6-3. Singulares-homens (55 anos): Virgílio Coutinho-Antero Simões, 6-2 e 6-2. Singulares-senhoras: Marisol Leon-Jutta Barbara, 6-1 e 6-4. Pares mistos — Grupo 2: Peralta-Padellano/Cruz Silva, 6-4 e 6-0; Grupo 2: Raposo/Pereira-Macário/Marcos, 6-3 e 6-3. Pares-homens — Grupo 1: Mendonça/Abreu-Feu/M. Ferreira, 6-1 e 6-1; Grupo 2: M. Dinis/M. Sousa-F. Carvalho/P. Ferrão, 6/4 e 7/6.

COMUNA
TEATRO PESQUISA
HOJE
As 21.30 h



TOURO

Texto:
ABEL NEVES
Encenação:
JOÃO MOTA 4.º MÊS
ULTIMAS SEMANAS
DOMINGO AS 17H
veja teatro a
preços reduzidos
TERÇA-QUARTA-QUINTA
PREÇO UNICO - 150.00
PR. ESPANHA (T 726 0818)
M 124

Rustavi mostrou em Portugal danças e cantares da Geórgia

Trinta e cinco cantores, instrumentistas e bailarinos constituem o grupo de danças e cantares georgianos «Rustavi», um dos colectivos artísticos soviéticos com maior projecção internacional, que actuou em Portugal desde 24 de Outubro. Depois do Funchal, Porto, Vila Real, Braga, Viseu e Tortosendo o conjunto, no qual veio integrada a cantora popular Nina Bregvadze, levou também a Fátima (dia 7), Lisboa (dia 8) e Almada (dia 9) a cultura musical milenária da Geórgia que mergulha as suas raízes na Cólquida, a terra de Medeia onde, no séc. III aC, Jasão foi em busca do velo de ouro.



Cidade de Rustavi, na República Socialista Soviética da Geórgia

Danças guerreiras, melodias nostálgicas, velhas canções patrióticas e baladas românticas integram o repertório do conjunto «Rustavi» onde os elementos masculinos vestidos, na sua maioria, com fatos negros adornados por cartucheiras, cinto e punhal de prata e de botas altas de cabedal, superam em número as mulheres, trajadas como princesas de lenda: os vestidos predominantemente brancos, são ricamente bordados a ouro e os véus são ornados com diademas preciosos, exactamente como no século XV.

O «Rustavi» já realizou espectáculos no Japão, Canadá, Argélia, Marrocos, Jordânia, Guiné e Síria e, depois da sua actuação em Portugal, pode dizer que já se exibiu em todos os países europeus. Foi distinguido na Alemanha Federal com o prémio Albert Schweitzer, pela elevada qualidade das suas interpretações musicais e coreográficas e pela sua contribuição para a paz e a amizade entre os povos.

Recolha

Ressuscitar canções antigas, cuja recolha é realizada por Abzor Erkomaishvili, o director musical do agrupamento — representante da sétima geração da família Erkomaishvili, célebre pelas suas tradições musicais — é uma

das tarefas prioritárias do conjunto, fundado em 1968, na cidade de Rustavi, por Revaz Mochiladze.

Este colectivo ganhou rapidamente popularidade. Só na Geórgia já efectuou mais de 1500 concertos muitos dos quais gravados para a televisão. Todos os elementos do «Rustavi», que se distingue por um estilo de execução surpreendente, possuem o curso do Conservatório estatal de Tbilissi. Os cantores, que representam as diversas províncias da república, contribuem com a cor étnica da sua voz e o conhecimento das melodias da sua região para tornarem mais diversa a expressão musical do grupo coral.

O grupo instrumental do «Rustavi» é dirigido por Omar Kelaptrishvili, um virtuoso do «salamuri» (flauta pastoril feita geralmente em osso). Para além deste instrumento, conhecido na Geórgia desde o segundo milénio antes de Cristo, os outros instrumentos tradicionais de corda e de sopro tocados pelos elementos do grupo são o «chuniri», «changi», «panduri» e «chonguri».

O grupo coreográfico foi liderado durante 12 anos por Revaz Chokhoneidze que tentou preservar a originalidade das danças antigas dando uma interpretação moderna a alguns elementos coreográficos antigos. A sua direcção está

hoje a cargo de Phridon Sulaberidze que forma com Iamzé Dolaberidze um duo espectacular, nomeadamente na dança «kartuli». Além de bailarino fora de série, Dolaberidze desenha os fatos de «Rustavi», sendo o seu trabalho marcado por um gosto requintado, simplicidade e conhecimento profundo da evolução dos trajes regionais em todo o país.

Dois mil anos de canto polifónico

Desde tempos imemoriais que a música e a dança estão entre os valores mais estimados pelo povo georgiano. As suas ricas tradições de cultura musical remontam às antigas tribos georgianas. Segundo Sargob, rei assírio que viveu o séc. VII antes de Cristo, «na Terra de Mana» — como os assírios chamavam à parte da antiga Geórgia, «cantar faz do trabalho um prazer»; de aordo com o historiador grego Xenofonte (séc. IV aC), a música secular era muito difundida entre as tribos georgianas.

Muitas tribos da antiga Geórgia como as «chari», en-

toavam sempre cânticos antes de irem para a guerra.

As antigas tribos georgianas distinguiram-se pelas suas danças e cantares. Ainda segundo Xenofonte, «os Mosyniks — antepassados dos georgianos — dançavam e cantavam de uma maneira peculiar».

Através de toda a sua história, a Geórgia sofreu numerosas invasões. Mas apesar disso os georgianos preservaram a sua linguagem escrita e falada, religião, arte arquitectónica, danças e canto polifónico, particularidade que a tornou notada na Antiguidade já que os povos vizinhos cantavam sempre a uma voz.

Com uma tradição musical que foi passando de geração em geração, ao longo de dois mil anos, a Geórgia possui numerosos grupos amadores e profissionais que preservam e desenvolvem a música e as danças folclóricas. As tradições corais da música folclórica georgiana prosseguem nas obras musicais contemporâneas que conhecem uma marcha ascendente desenvolvendo-se em cooperação com outras culturas musicais dos povos da URSS.

Cineasta investiga em Lisboa História da Geórgia

Investigar um acontecimento da história da Geórgia ocorrido no século XVII, a fim de escrever o argumento para um filme, é o principal objectivo da deslocação a Portugal de Revaz Tabukachvili, membro da direcção da União dos Cineastas da URSS e presidente da União dos Argumentistas Cinematográficos da Geórgia.

O cineasta chegou integrado na delegação da Geórgia, a república soviética que este ano promove os tradicionais «Dias da URSS» a decorrer desde o passado dia 25.

O facto concreto que o realizador pretende investigar é a condenação à morte da czarina georgiana Kateban e cujo enfor-

camento foi testemunhado por missionários portugueses.

Para examinar os manuscritos onde os religiosos relatam a ocorrência, Tabukachvili empreende pesquisas na biblioteca da Gulbenkian e na Torre do Tombo.

Embora a sua visita tenha «fins científicos», Tabukachvili tem também por missão a filmagem das exposições do grupo de danças e cantares da Geórgia «Rustavi», composto por 25 elementos, que esteve em digressão pelo país até dia 9.

Antologia da poesia em 17 volumes

Uma antologia composta por 17 volumes, que reflecte a evo-

lução da poesia georgiana desde o séc. V até aos dias de hoje, acaba de ser publicada em Tbilissi, capital da república da Geórgia.

Um dos volumes é totalmente consagrado ao poema «O Cavaleiro da Pele de Pantera», escrito no séc. XII por Chota Rustaveli, que figura entre os precursores do Renascimento na literatura mundial.

Este clássico da literatura é extremamente popular entre os georgianos muitos dos quais conhecem de cor numerosos trechos da obra. O dia do nascimento do seu autor é assinalado como «Dia da Poesia» decorrendo os principais festejos em Meskheta, local do nascimento de Rustaveli.

Diversos festivais de poesia são organizados na Geórgia em honra de grandes figuras da literatura nacional como David Guramichvili, Nikoloz Baratachvili, Ilia Tchavtchavadze, Akaki Tsérételi e Vaja Pchavela.

A poesia predomina na literatura do povo georgiano com língua escrita há cerca de dois mil anos. Nesta república de 5 milhões de habitantes, metade dos 2500 livros publicados anualmente são recolhas de poemas. Este ano já foi editada a «Poesia Georgiana Popular», em 12 volumes, e estão a ser recolhidas assinaturas para a edição do «Poema Georgiano», em 5 volumes.

Conimbriga tinha «satélites»

Arqueólogos dizem que romanos deixaram vestígios em 30 terras

Técnicos do Museu Monográfico de Conimbriga identificaram, na área rural envolvente da «opidum», três dezenas de localidades onde afloram indícios de ocupação romana.

Os investigadores andam empenhados, desde 1979, em conhecer a realidade rural da época romana naquela zona, antes que a mecanização da agricultura destruísse os vestígios arqueológicos.

«É preciso trabalhar depressa nesse sentido porque as modernas alfaias agrícolas não respeitam nem falam do que encontram à sua frente» — explicou Miguel Pessoa.

Graças ao trabalho desenvolvido, num raio de dez quilómetros das ruínas de Conimbriga, estão localizados sinais da presença romana, entre outras aldeias, em Fonte Coberta, Ega, Sebal, Condeixa-a-Velha, Anobra e Vila Seca, do concelho de Condeixa e Podentes, Venda das Figueiras e Rabaçal, do concelho de Penela.

É precisamente no Rabaçal que Miguel Pessoa e Salete da Ponte conduzem, há três anos, escavações mais aturadas, «por ser este o sítio que oferecia perspectivas de melhores resultados».

Esses resultados traduziram-se, até agora, em cerca de mil metros quadrados de olival revolvido e na descoberta parcial da parte residencial de uma «vila» romana.

A «vila» é intrigante para os arqueólogos, na medida em que se desenvolvia segundo uma

planta perfeitamente octogonal, considerada invulgar.

Arqueólogos, incluindo professores universitários e outros especialistas, que têm visitado o local, consideram o achado de grande valor dentro da panorâmica da arqueologia romana em Portugal.

«Para se formar uma ideia concreta das relações da cidade romana de Conimbriga com o meio rural que a envolvia, temos de prosseguir as escavações que estamos fazendo com o apoio da Câmara de Penela» — informou Miguel Pessoa.

As pesquisas vão orientar-se, na próxima campanha de trabalhos, no sentido de exumar do solo o que reste das instalações da «vila» destinadas à produção agrícola.

De salientar que a zona, assente no maciço calcário da serra de Sicó, é de agrícola muito pobre, mas adequado à cultura da oliveira e à pastorícia das ovelhas, que ali garantem qualidades específicas ao «queijo Rabaçal», que Miguel Pessoa admite tenha sido já conhecido dos romanos.

A acção deste e outros pesquisadores tem sido muito orientada no sentido de sensibilizar as pessoas da região para a necessidade de proteger e acarinharem as ruínas devolvidas à luz do dia.

Estas não estão ainda suficientemente bem resguardadas para poderem receber, sem estragos, a visita de turistas, pensando Miguel Pessoa que em fins de 1987 possam dispor já de condições para esse efeito.

Novos cursos no Centro Nacional de Cultura

Figuras e acontecimentos de Lisboa serão apresentados pelo jornalista António Valdemar, redactor do «Diário de Notícias» e sócio efectivo da Academia de Belas-Artes, num curso livre promovido pelo Centro Nacional de Cultura.

O motivo central deste curso (que terá início no dia 13 de Novembro e se efectuará todas as quintas-feiras até Dezembro), reside nas «Crónicas do Ocidente» de Guilherme de Azevedo, uma das personalidades da «Geração de Setenta». A polémica «Bom Senso e Bom Gosto», as «Conferências Democráticas do Casino», a introdução do socialismo e do movimento republicano que teve grande expressão no centenário de Camões de 1880, constituem alguns dos temas de que se ocupará António Valdemar. Neste contexto avulta, ainda, a transformação verificada em Lisboa, desde o Romantismo até ao período de Fontes Pereira de Melo, cujo centenário ocorrerá este ano.

Por seu lado, caberá a Manuel Rio-Carvalho orientar um curso, sobre os novos conceitos artísticos surgidos com o virar do século e, depois, com o fim da Primeira Grande Guerra.

Os conceitos de arte nova e de

artes decorativas que continuam periodicamente a ressurgir hoje ainda, sob diversas formas no mobiliário, na pintura, na moda, serão objecto de um curso às quintas-feiras, às 18.30, a partir de 12 de Novembro.

O prof. Rio-Carvalho rege habitualmente cursos sobre História de Arte na Fundação Gulbenkian.

Mantém igualmente colaboração regular como crítico teatral em vários jornais, entre os quais o «Expresso».

Viagem à Índia a preços reduzidos

Quem quiser aproveitar 5 vagas surgidas na viagem que o CNC vai promover à Índia, com partida a 28 de Novembro e regresso a 20 de Dezembro, pode inscrever-se. Beneficiará de um desconto que lhe permitirá participar, por um preço muito especial, num percurso que começa no Sul da Índia, em Cochim e, passando por Goa, Damão e Diu, atravessa o lendário Rajasthan, no Norte da Índia, até Deli e Benares, guiado por Fernando António Baptista Pereira no que diz respeito à parte portuguesa.



Phil Woods (clarinete), Hal Galper (piano), Tom Harrell (trompete), Steve Gilmore (contrabaixo), Bill Goodwin (bateria)

Velho Jazz Novo

JOSE DIANELO

E, de repente, fez-se escuro. A EDP apagou-me a luz, um hábito que ela repete sem me avisar, embora o aluguer (só ele) do contador esteja aceso. As velas saíram da prateleira e vê-se, vê-se diferente, como se via na era da pré-lâmpada. É o fim de alguns frigoríficos, de todos os elevadores, da RTP 1, 2 e privada, do video a cores. Ficam o telefone, as pilhas e as grafonolas a rir-se dos gira-discos. Estou desfalcado!

No domingo passado Phil Woods recordou-me o contrário, que na música a electricidade e os seus apaniguados, os decibéis, não fazem falta absolutamente alguma. O quinteto daquela noite apresentou-se na Aula Magna de Lisboa dispensando todo ou qualquer microfone. Som puro, sem ajudas amplificatórias, como no tempo em que Chet Baker

não existia como trompetista e cantor audível, os 'blues' se diziam alto, um piano requeria atenção e a adrenalina estava sossegada. Em opção complementar ou vice-versa, o repertório foi dominado por uma forma antiga de arranjos (com 'riffs' simples) e de sonoridades (clarinete com trompete assurdinada) embora os cinco fraseados usassem lin-

guagem moderna e os discursos incluísem colagens de citações.

O mundo de Duke Ellington, como orquestrador, mais os «blues», foram as ausências mais presentes, através de referências explícitas, até ao pormenor, de atmosferas recriadas e de muito humor musical assumido em gestos e sons.

Uma grande maravilha!

O jazz a avançar apoiado no seu próprio passado estético. A comunicação, aparentemente simples, mas directa e acústica, volta a atacar!

Jazz é plural, há muitos e coabitam, como há décadas acontece e até descontando o revivalismo puro dum Scott Hamilton, por exemplo. Hoje, jazz é música das gerações da escola de Chicago, da

cena de New York, dos rostos pálidos da Califórnia soalheiranta, de vários individualistas, de emigrados na Europa, de raros europeus, deste inescutível quinteto de Phil Woods. Embora a tocar juntos há anos (desde dois os cinco, até doze três deles) a sua música tem reagido ao tempo e se transformado. Quem lhes conhece o penúltimo disco não os conhece agora, talvez sim quem lhe conheça o último, esse que jamais chegará ao nosso caótico e inconcebível mercado. Em palco, aquela música é provocatória, soa contra a maré em poses e sonoridades porque estes instrumentistas de meia-idade não pararam e escolheram uma opção revivificadora. O Bill Goodwin, utilizando uma bateria que qualquer 'rock' de

oitava categoria desconhece que ainda existe, é um exemplar em utilidade, descrição e conhecimento da causa; o Hal Galper, menos exuberante que em disco, folheou a bíblia do piano-bop e por ele se ouviu muito Red Garland na alternância dos acordes com o fraseado cristal de linhas quebradas — utilizar as cordas do Petrof para sugerir a marcação de guitarra, e como ele o fez com parcimónia e justeza, à la Freddie Greene, foi memorável; Steve Gilmore é um contrabaixista precioso, em que o bom-gosto requintado se alia a uma prática de acompanhante também discreta, sempre presente; os três, quando sós, revelaram um novo jazz de câmara, sem contrapontos e casacas e que atingiu a quinta-essência quando em conjunto com Phil Woods no clarinete e Tom Harrell na trompete sufocada pela surdina. Eles já estão em Itália, mas aqueles momentos ficaram cá, pelo menos até a memória querer. Tom Harrell é o músico que encontrei cujo visual menos corresponde à música que debita. Da escola dos gigantes bop no instrumento, só hoje Hubbard, às vezes, soa como ele, tendo Tom cometido nenhum erro ou inventado qualquer frase mais mal dita ou

mesmo improvisado um discurso menos inspirado. Todo ele, naquela noite um espectáculo, por razões bem diferentes umas das outras. Dizem-me que Madrid ainda está de boca aberta.

Phil Woods é um erudito, desde Hodges a Ornette, passando por Parker cujas influências já se esbatem na convulsão de tudo tocar e agora numa forma individual mais comedida, como sóbrio elemento dum quinteto altamente rodado e coeso. É a nova maturidade, inesperada, até porque a perfeição, outra, já tinha sido atingida em anos recentes com este mesmo quinteto ou quarteto sem trompete.

Até me ia esquecendo do que se passou no mesmo dia à tarde, como primeira parte deste 2.º Lisboa Jazz. Faltou o músico americano mais esperado, por culpa dele, e três portugueses foram substituí-lo. Sem significado, só sons de circunstância e uma série de sacrifícios penosos: público (dezenas) e nacionalidades (duas) que se não entendam.

Voltou a luz, a eléctrica!

O jazz está bom e recomenda-se.

Já tenho saudades das velas e da música de Phil Woods.



Phil Woods e Tom Harrell: a quinta-essência

VESTUÁRIO EM CABEDAL E ANTÍLOPE

CONFECCIONAMOS POR MEDIDA
PINTAMOS E ARRANJAMOS
CASACOS DE CABEDAL
CONFECCÕES STAHL, LDA.

AV. MARQUÊS DE TOMAR, 68-1.º ESQ.

77 11 58 — 1000 LISBOA

Grande Prémio de Festróia para Robert Altman

O Grande Prémio do II Festival Internacional de Cinema, que decorreu em Tróia, foi atribuído à longa-metragem «Fool for Love», do realizador norte-americano Robert Altman.

O júri do Festival decidiu atribuir uma menção especial ao filme «Lenda da Fortaleza Desuram», da autoria de Saerguei Paradjanov e David Abavhidze, da União Soviética.

No ciclo «O Homem e a Natureza», longas-metragens,

não foi atribuído primeiro prémio, tendo sido distinguidos com menções especiais os filmes «Inughuit» de Stephan Julien (Suécia) e «Cartas de um Homem Morto», de K. Lopuchanski (URSS).

Na secção de «Primeiras Obras» o júri deliberou atribuir o prémio a «Schmutz», de Paulus Manker e uma menção especial ao filme «Malayunta» do realizador argentino José Santiso.

O filme «Retour a Dresden», de Martin Duckworth

do Canadá, obteve o prémio de curta-metragem documental. Na secção de animação foi galardoada a película «Question d'Optique», de Claude Luyet (Suíça) e, na ficção, a curta-metragem «Été 84», de Leo Kaneman (Suíça).

O Prémio Tobis para a melhor fotografia de filme português foi atribuído ao filme «Repórter X», de José Nascimento.

A revista «Mulheres» atribuiu o primeiro prémio ao filme «La Femme d'Hotel», de

Lea Pool (Canadá) e uma menção especial a «Dancing in the Dark», de Leon Marr (Canadá).

O secretariado do Cinema e da Rádio atribuiu uma menção especial ao filme brasileiro «Eu Sei Que Vou Te Amar», de Arnaldo Jabor.

O júri que atribuiu o prémio principal era presidido pelo realizador húngaro Karoly Makk e integrava os portugueses Lauro António e Fernanda Lapa.



Mário Ventura no discurso do encerramento do II Festróia

Cinanima - 86 tem genérico oficial

O primeiro filme do Atelier Permanente de Cinema de Animação do Cinanima, Festival Internacional de Cinema de Animação de Espinho, que decorre entre 18 e 23 do corrente, vai abrir todas as sessões do certame.

Produzido pelo próprio festival e concebido por uma equipa de quinze elementos, este filme de curta-duração, em desenho animado, é o genérico oficial da décima edição do certame, o Cinanima 86.

Realizado por Avelino Nunes, que tal como a restante equipa do filme se iniciou nos ateliers paralelos ao Cinanima, iniciativa existente desde 1977, o enredo do filme desenvolve-se numa

«cidade fantástica», junto a um grande rio, típica da ficção científica, donde parte um grupo de aventureiros em férias.

Segundo os seus autores, este genérico pretende comemorar as dez edições do festival «e por isso constitui uma metáfora do percurso iniciado por um grupo de aventureiros, que de uma cidade junto ao mar decidiram avançar com a realização do Cinanima».

Iniciado em Junho deste ano, o genérico do Cinanima 86 ficou concluído há dias, após as filmagens de todo o material nos estúdios da Topefilme, em Lisboa, com a colaboração de Artur Correia e Ricardo Neto, dos poucos portugueses que se dedicam a

esta forma de cinema.

O filme tem música original de Fernando Augusto, ex-estudante de pintura e escultura da Escola de Belas-Artes do Porto, fundador do grupo rock «FM» e também ele um dos diversos participantes nos anteriores ateliers do Cinanima.

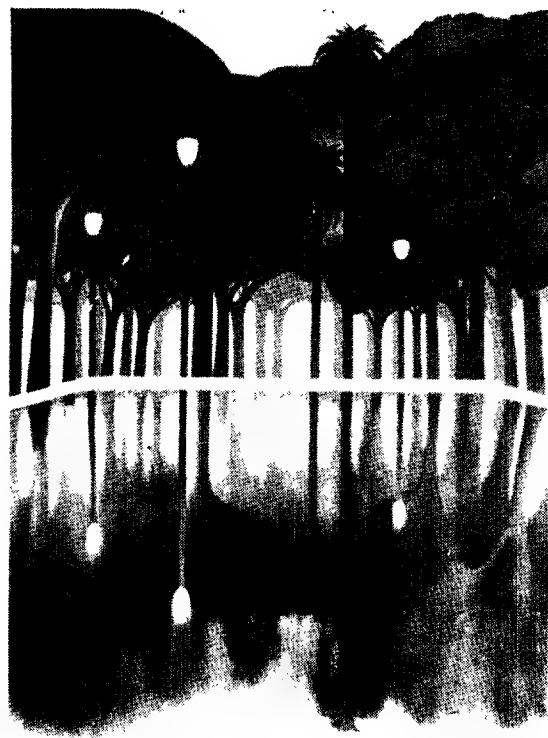
A animação é da responsabilidade de Avelino Nunes, Alberto Lirio, Manuel Fonseca, Agostinho Sousa e João Paulo Noronha e os cenários são da autoria de Manuel Costa (Neno) e Carlos Nuno Lacerda.

De acordo com dados fornecidos pelo gabinete de Imprensa implicou duas mil horas de trabalho e nele foram gastas mais de 1800 folhas de papel e 150 me-

tros de acetato, material utilizado na pintura dos desenhos a animar pelo processo de filmagem «imagem por imagem».

Os anteriores genéricos do Cinanima, em 1982, 1983 e 1984, foram realizados por Artur Correia e Ricardo Neto, Mário Neves e Carlos Cruz, respectivamente.

Os autores do genérico do Cinanima 86 disseram à Anop ter tencionado inscrever o seu trabalho em diversos festivais internacionais do género, designadamente no Festival de Animação de Annecy (França), que se realiza em Junho do próximo ano e é considerado o mais importante certame de animação do Mundo inteiro.



Acrílico sobre tela (100 x 73), «Sem Título», da autoria de Vera Castro, patente na Galeria Ana Isabel

Exposições

● Na Galeria Ana Isabel — R. da Emenda, 111-1.º, uma exposição de pintura de Vera de Castro, até dia 29 do corrente. Patente ao público de segunda a sábado das 14 às 19 horas.

● Esta tarde (18.30), na zona dos congressos da Fundação C. Gulbenkian, inauguração da exposição fotográfica «Monumentos e Sítios do Património Mundial», no âmbito do 40.º aniversário da UNESCO.

● Na Galeria de Arte da Cervejaria Trindade, inaugura-se esta tarde, pelas 19.30, uma exposição de pintura de Carlos Marujo. Até 28 do corrente, esta mostra poderá ser visitada todos os dias, das 12 às 15 e das 19 às 22 horas.

● No Palácio Foz, é inaugurada hoje, às 17.30, a exposição «Aspectos da Cultura de Timor». Paralelamente efectuar-se-á um colóquio subordinado ao tema «Análise histórica da situação política de Timor». Ambos os acontecimentos são promovidos pela Associação Timorense.

● Na Galeria do British Council, Rua Cécílio de Sousa, 65, uma exposição de Pintura do artista britânico Graham Walker, que há cerca de três anos estabeleceu residência em Portugal, onde vive e trabalha desde então. É sócio da Sociedade Nacional de Belas-Artes, onde já participou numa exposição colectiva. Em Janeiro deste ano efectuou uma exposição individual na Junta de Turismo da Costa do Estoril e figurou também na «Primeira Mostra de Arte Contemporânea no Brasil» apresentada na Sociedade Brasileira de Belas-Artes do Rio de Janeiro. Esta mostra de Graham Walker pode ser visitada até dia 21 do corrente.

● Atelier Aberto, na Cooperativa Diferença — R.S. Filipe Neri, 42 - 1.º, com a apresentação dos resultados dos Cursos de Calcografia e Litografia, realizados na cooperativa sobre a orientação de Maria Irene Ribeiro e Monteiro Gil.

O Atelier Aberto pretende dar a conhecer as actividades dos Cursos de Calcografia e Litografia realizadas nas oficinas da Cooperativa Diferença, durante o corrente ano, e facultar a todos um contacto mais directo com as referidas técnicas, tarefa a cargo dos participantes dos cursos: Américo Silva, António Rebelo, Cândida Lobo, Isabel Pena, João Pedro Cochofel, José Américo Silva, Luís Filipe Gomes, Glória Capoulas, Maria Amélia Cabrita, Maria Estela Guedes e Marina.

A dinâmica desta apresentação consiste na conjugação dos resultados obtidos pelos alunos, e as demonstrações que farão, durante o período da mostra, tanto na Calcografia como na Litografia, sempre no horário das 17.30 às 20.00 h.

NOTA: Estando abertas as inscrições para os cursos do próximo ano, os interessados terão oportunidade de verificar suportes, instrumentais e a manipulação das tecnologias. Serão efectuadas visitas guiadas para escolas, com marcações antecipadas pelo tel. 692193.

Alfas Triplex

— T. 806496

Alfa 1

ASES INDOMÁVEIS

(m. 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

UM VAGABUNDO NA ALTA RODA

(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 3

INVASÃO E.U.A.

(maiores 18 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24 h

T. 763319

AS FORÇAS DO UNIVERSO

(maiores 16 anos)
14.15, 16.45, 19.00, 21.45 e 00.15 h

Shopping Center de Lisboa

Amoréiras 1

INVASÃO E.U.A.

(maiores 18 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 h

Amoréiras 2

ASES INDOMÁVEIS

(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Amoréiras 3

UM DIA A CASA VEM ABAIXO

(maiores 6 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

Apolo 70

A VERDADE DOS FACTOS

(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Avila

— T. 539930

COBRA — O BRAÇO FORTE DA LEI

(maiores 16 anos)
15.00, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Avis

— T. 547163

AMANDO E RINDO

(int. 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Berna

— T. 776098

ERA UMA VEZ NA AMÉRICA

(maiores 16 anos)
15.00 e 21.00 h

Capitolio

— T. 372358

MIRONES SEXUAIS

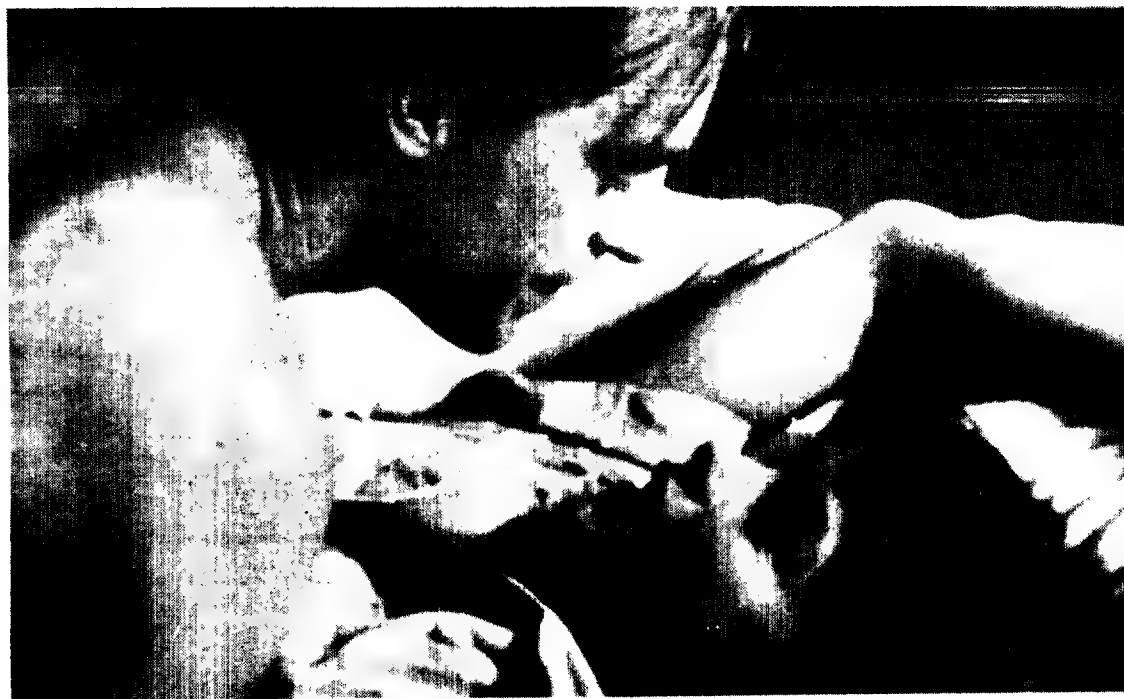
(int. a m. 18 anos)
15.15, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00 h

Castil

T. 530194

O BRAÇO FORTE DA LEI — COBRA

(maiores 16 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h



Uma cena do filme «O PASSAGEIRO DA NOITE», realizado por Alan Rudolph, com Genevieve Bujold e Keith Carradine e música de Teddy Pendergrass. Filme de qualidade em exibição no cinema Quarteto

Cinebloco

— T. 556824

INVASÃO E.U.A.

(maiores 18 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
MASSACRE EM S. FRANCISCO
(maiores 16 anos)
24 h

Cinebolso

A CRIADINHA FRANCESA

(int. a m. 18 anos)
12.30, 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Cine Camões

T. 324194

BASY — O SEGREDO DA FLORESTA PERDIDA

(maiores 16 anos)
14.15, 16.30 e 21.30 h

Cine 222

— T. 579460

NOITES ESCALDANTES

(n/acons. a men. 18 anos)
14.00, 16.30, 19 e 21.30 h

Cine Portela

— T. 2524761

ACADEMIA DE DOUTORES

(maiores 18 anos)
16.00 e 21.45 h

Estúdio Sheza

O ANO DO DRAGÃO

(m. 12 anos)
15.30 e 21.30 h

City Cine

— T. 549999

GINGER E FRED

(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
OS TRÊS DIAS DE CONDOR
(maiores 12 anos)
23.45 h

Condes

— T. 322523

DUELLO IMORTAL

(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Eden

— T. 320768

INVASÃO E.U.A.

(maiores 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estúdio

— T. 555134

A ENCRUZILHADA

(maiores 12 anos)
14.30, 17.00, 19.30 e 21.30 h

Estúdio ACS

— T. 887255

PLENTY — UMA HISTÓRIA DE MULHER

(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio 444

— T. 768078

OPERAÇÃO ORION

(maiores 12 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

Fonte Nova

— T. 7145109

LUA-DE-MEL COM FANTASMAS

(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

ÁFRICA MINHA

(maiores 12 anos)
14.15, 17.30 e 21.00 h

REVOLUÇÃO

(maiores 13 anos)
14.45, 17.00, 19.15 e 21.45 h

Forum Picoas

— T. 541037

NOS — MOZART EM ITÁLIA

(maiores 6 anos)
21.45 h

Gemini

— T. 734009

INVASÃO E.U.A.

(maiores 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Hollywood

— T. 802859

FIX — EFEITOS MORTAIS

(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 19, 21.30 e 23.45 h

LUA DE MEL COM FANTASMAS

(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45, 21.30 e 24.00 h

Imperio

— T. 555134

LAWRENCE DA ARÁBIA

(maiores 10 anos)
14.30, 18.00 e 21.15 h

Las Vegas

— T. 631162

LUA DE MEL COM FANTASMAS

(maiores 12 anos)
14.00, 16.15, 18.45 e 21.30 h

ANA E AS SUAS IRMÃS

(m. 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Londres

— T. 801313

ANA E AS SUAS IRMÃS

(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Mundial

— T. 538743

Encerrado para remodelação

Nimas

— T. 574362

A FÁBRICA DAS LOUCURAS

(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Odeon

— T. 326283

OPÇÃO FINAL

(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Olympia

T. 325309

VAMOS FALAR DE SEXO

A partir das 14 horas
Sessões contínuas
Filme pornográfico
(int. a men. 18 anos)

Pathe

— 821933

OPERAÇÃO ZEBRA

(n/acons. a m. 18 anos)
14.00, 16.30 e 21.30 h

Politeama

T. 326305

COBRA — O BRAÇO FORTE DA LEI

(maiores 16 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Quarteto

T. 771378

O NAVIO FAROL

(m. 16 anos)
15.17, 19 e 21.30 h
SER OU NÃO SER
(m. 16 anos)
23.30 h

A CORTINA RASGADA

(n/acons. men. 13 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
ADOLESCENTE PERVERSA
(m. 16 anos)
23.30 h

NOVA IORQUE FORA DE HORAS

(m. 16 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
O MISTÉRIO DAS AREIAS
(m. 16 anos)
23.30 h

O PASSAGEIRO DA NOITE

(m. 16 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
ENCONTRO COM O AMOR
(m. 16 anos)
23.30 h

Roma

T. 889192

COBRA — O BRAÇO FORTE DA LEI

(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Roxy

T. 548560

CAÇA AS VIRGENS

(maiores 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

S. Jorge

T. 579144

ASES INDOMÁVEIS

(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

A FÁBRICA DAS LOUCURAS

(maiores 12 anos)
14.15, 17.30 e 21.00 h

COR PURPURA

(maiores 12 anos)
14.30, 18.00 e 21.15 h

7.ª Arte

— T. 730715

A COR PURPURA

(maiores 12 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Star

— T. 804210

PAVLOVA — UMA MULHER PARA SEMPRE

(maiores 12 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Terminal

— T. 371573

COBRA — O BRAÇO FORTE DA LEI

(maiores 16 anos)
13.15, 17, 19 e 21.30 h

Tivoli

— T. 570595

UM VAGABUNDO NA ALTA RODA

(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Furim

T. 706666

AMANHECER VIOLENTO

(maiores 16 anos)
15.00, 17.30 e 21.45 h

Voxman

— T. 880808

HOJE NÃO HÁ ESPECTÁCULO

Venon

— T. 368480

O MENSAGEIRO DA VINGANÇA

(m. 16 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Zodiaco

— T. 570151

FIANÇA DE AMOR

(maiores 13 anos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cinetatro

«O Destinado» Taxi
Amadora, às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

AMADORA — Cinestudio

«Vampiros em Fúria»
Amadora, às 15.30 e 21.30 h (m. 16 anos)

AMADORA — Babilonia

«Cobra — O Braço Forte da Lei»
Amadora, às 15.15, 18.30 e 21.30 h (m. 16 anos)

CACEM — Cinestúdio Flores

«Um Mando sem...» e como um Jardim sem Flores»
Amadora, às 15 e 21.30 h (int. 13 anos)

ALGUEIRAO — Cine Teatro Chaby — Descanso

MEM MARTINS — Estúdio Dois Eme — «Gelado de Limão Verde»
Amadora, às 21.30 h (m. 16 anos)

SANTO ANTÓNIO DOS CAVALEIROS — Cine

Farmácias

Lisboa — PERMANENTE — ARCO DO CEGO - ESTE-FÂNIA: Palma, Av. Duque de Ávila, 25-31 (T. 547088); AVE-NIDA DE BOMBA: Avs. de Roma, 56 (T. 845370); CAMÕES - SANTA CATARINA: Combro, C. do Combro, 82 (T. 326059); CAMPO DE OURIQUE: Pinheiro, R. de Campo de Ourique, 135 (T. 68640); CAMPOLIDE - SETE RIOS: Nova, R. de Campolide, 297-C (T. 687475); LUMIAR: Alameda, Al. das Linhas de Torres, 201-B (T. 790942); LUZ - FRENTE AOS MENINOS DA LUZ: Gény, R. Conselheiro José Silvestre Ribeiro, 12-A, ao 218 da E. da Luz (T. 7140342); OLIVAS SUL: Fernandes Borges, R. D. Aleixo Corte Real, lote 388, cruzamento com a R. Cidade de Bolama (T. 311091); PEDROUS: Sociedade Higilux, R. de Pedrouços, 50-52 (T. 610280); PENHA DE FRANÇA: Higiénica, R. Helodoro Salgado, 20-A (T. 844361); PICHELEIRA: Marluiz, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); RATO-MARQUÊS DE POMBAL: Vieira Borges, R. Alexandre Herculano, 28-30 (T. 520536); BRANDOA - AMADORA: Tavares de Matos, R. 8, lote 308 (T. 943220); CARNAXIDE: Central de Carnaxide, Av. de Portugal, célula 13-B, bloco 1, lote B; ODIVELAS: Catela Tavares, R. Prof. Dr. Augusto Abreu Lopes, 29-A (T. 9815446); PONTINHA: Cruz Correia, E. de Santo Elói, 41-A (T. 992453).

REFORÇO — ALTO DE SANTO AMARO: Santo Amaro, R. Filinto Elísio, 29-A-B (T. 637070); **ALVALADE:** Brasília, Av. do Rio de Janeiro, 66-66-A (T. 882368); **AVENIDAS NOVAS:** Fátima, Av. 5 de Outubro, 147-A (T. 763107); **BAIRRO AZUL:** Sáris, R. Fialho de Almeida, 38-A (T. 544000); **BAIXA:** Silva Carvalho, R. dos Fanqueiros, 124-126 (T. 873875); **CALHARIZ-BENFICA:** Rebocho, R. Tenente Coronel Ribeiro Reis, 12-B (T. 743871); **CHELAS:** Coleção VALSASINA: Serra, R. Luís Cristino da Silva, lote 221, loja 133, zona 2, Chelas (T. 853720); **MARVILA:** Freitas, R. Vale Formoso de Baixo, 23-A (T. 381136); **MERCADO DO CHILE:** Corvo, R. Ângela Pinto, 32-B-C (T. 549756); **RADIODIFUSÃO:** EX-EMISSORA NACIONAL: S. Nunes Simões, R. do Quelhas, 1-3 (T. 661275); **BURACA:** AMADORA: Vaz Martins, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO:** Nova, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO:** Matos, T. das Prioras (F. 2519939).

Outra Banda — ALMADA: Magalhães, R. Capitão Leitão, 8-B (T. 2750242). Permanente; **COVA DA PIEDADE:** Atlântico, Av. Rainha D. Leonor, 45-A (T. 2764466). Permanente; **MONTE DE CAPARICA:** Guerreiro, lote 31, U. Moinho (T. 2950727). Até às 19 horas; **COSTA DE CAPARICA:** Higiénica, Av. da República, 23 (T. 2400020). Até às 19 horas; **LARANJEIRO:** Oliveira Sérgio, R. dos Álamos 2-A (T. 2296464). Até às 22 horas; **SE-SIMBRA:** Lopes, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2233028). Até às 19 horas; **LAVRADIO:** Par-

reira, R. D. Silva Cristino, 15-A (T. 2042016). Até às 19 horas; **BARREIRO:** Normal, Av. Alfredo da Silva, 116 (T. 2073035). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA:** Nova Fátima, E. Nacional, 244-A (T. 2040141). Até às 19 horas; **CORROIOS:** Abreu Cardoso, B. Cidade de Setúbal, 1-B (T. 2291192). Até às 19 horas; **CRUZ DE PAU:** Fonseca, R. do Ribatejo, 2-A (T. 2211131). Até às 22 horas; **SEIXAL:** Godinho, L. da Igreja, 51 (T. 2213580). Até às 22 horas; **MONTIJO:** Giraldes, R. Almirante Reis, 45 (T. 2310008). Até às 22 horas; **MOITA:** União Moitense, Av. Dr. Teófilo Braga (T. 239025). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS:** Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 2040250). Até às 19 horas; **ALCOCHETE:** Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 234137). Até às 19 horas; **SETÚBAL:** Marques, R. Arronches Junqueiro, 109 (T. 22783). Permanente; **Soromenho,** R. Machado Santos, 24 (T. 22691). Permanente; **Cunha Pinheiro,** E. da Canarinha, 32 (T. 29215). Até às 22 horas.

Linha de Cascais — ALGÉS: Branco, Av. dos Combatentes da Grande Guerra, 29 (T. 2104953). Permanente; **LINDA-A-VELHA:** Moderna, Av. 25 de Abril, 30-C (T. 4191235). Até às 19 horas; **TIRES:** Guimarães, L. Duarte, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECE:** Carvalho, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO:** Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA:** Luz, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS:** Godinho, Av. Patrão Lopes, 4 (T. 2432039). Permanente; **OELRAS:** Central, R. Conde Ferreira, 29 (T. 2430058). Até às 22 horas; **CARCAVELOS:** Vilar, Av. Maria da Conceição, lote B (T. 2470777). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA:** Godinho da Silveira, A. R. Afonso de Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; **PA-REDE:** Mendes Junqueiro, R. de Luanda, lote 5 (T. 2477838). Permanente; **SASSOEIROS:** Amaral Semblano, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE:** Imani, lote 7-B, Hera (T. 2852121); **MA-DORNA:** Madeira, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA:** Abrantes, Vienda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL:** Suíça, Cruzeiro (T. 260087). Até às 22 horas; **CASCAIS:** Cascais, R. Conde de Monte Real, Bairro das

Porto — DAS 9 ÀS 12 E DAS 14 ÀS 22 HORAS — GARANTIA: R. Fernandes Tomás, 696; **POMBEIRO:** Campo dos Mártires da Pátria, 152; **GUERRA:** R. de Costa Cabral, 43; **INVICTA:** R. do Bonfim, 330; **ALVES DA SILVA:** Av. da Boavista, 1016.

DE DIA E TODA A NOITE — FONTE DA MOURA: R. de Tãnger, 1463; **SERPA PINTO:** R. de Serpa Pinto, 645; **ANTAS:** Av. Fernão de Magalhães, 1076; **SANIL:** R. do Paraíso, 214; **SARABANDO:** L. dos Lóios, 36.

Coimbra — ADRIANA: P. da República, 20-22 (T. 23609); **BARROS:** Eiras (T. 31643); **MIRANDA:** P. do Comércio, 41 (T. 23261).

TEATROS

ABC

Parque Mayer — Tel. 36 67 45

De 3.ª a sábado, às 20.30 e 22.45; domingo, às 16.00 e 21.30

«LISBOA, TEJO E TUDO», de César de Oliveira. Raul Solnado e Fialho Gouveia. Encenação de César de Oliveira. Interpretação: Carlos Miguel, Margarida Car-pinteiro, Henrique Viana, Natalina José, José Camacho e Alexandra Solnado, entre outros.

Estoril — Teatro Mirita Casimiro

Av. Fausto Figueiredo Cruzeiro — Tel. 267 03 20

De 4.ª a sáb., às 21.30, sáb. dom. e dom. 8.ª, às 16 h

«GALILEU GALILEI», de Bertolt Brech. Encenação de Carlos Avilez. Interpretação de João Vasco, Paulo B., Ana Paula e António Marques, entre outros.

Comuna

Av. Calouste Gulbenkian — Tel. 72 60 818

De 3.ª a sáb., às 21.30, domingos às 17.00 h

«O TOURO», de Abel Neves. Enc.: de João Mota. Mus.: de Carlos Mendes. Intérp.: Abel Neves, Alfredo Brissos, Almeno Gonçalves, Cecília de Sousa, João Mota, entre outros.

Maria Matos

Av. Frei Miguel Contreiras — Tel. 89 70 17

De 3.ª a sábado, às 20.00 e 22.45; domingos e feriados, às 16.00

«ISTO É MARIA VITÓRIA», de Henrique Santana, Francisco Nicholson, Rogério Bracinha e Mário Zambujal. Encenação de Ivone Silva. Intérp.: Eugénio Salvador, Ivone Silva, Carlos Cunha e Marina Mota, entre outros.

Teatro Infantil de Lisboa

R. Leão de Oliveira, 1 — Tel. 63 99 74

Sábados e domingos, às 16.00 h

«NO REINO DA FANTASIA». Pelo TIL.

Teatro da Graça

T. de S. Vicente, 11 — Tel. 87 56 26

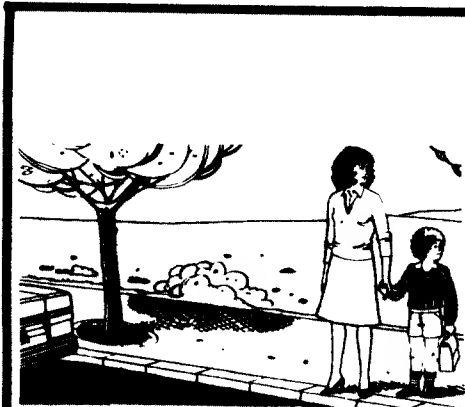
De 3.ª a sábado, às 21.30; domingo, às 16.00 h

«AS LÁGRIMAS AMARGAS DE PETRA VON KANT», de Fassbinder. Intérp.: Elisa Lisboa, Fernanda Alves, Isabel de Castro, Lia Gama, Maria José Pascoal e Sara Lima. Cenografia de Dalton Salem Asseff. Pelo Grupo Teatro Hoje.

Porto — Cooperativa do Povo Português

R. de Camões

Todas as noites a Seiva Trupe apresenta «TODA A NUDEZ SERÁ CASTIGADA», de Nelson Rodrigues. Enc.: de Angel Facio. Intérp.: António Reis, Júlio Cardoso, Alexandre Falcão, Olga Gandra, Rosa Elisabeth, Laura Perry, Josefina Ungaro, Rui Oliveira, Carlos Lacerda, entre outros.



AOS PAIS



«Ensine o seu filho a parar sempre na beira do passeio antes de atravessar a rua»

PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

Teatro ABC

Parque Mayer — Tel. 36 67 45

Sábados, às 18.00; domingos, às 11.00

«FECHA OS OLHOS E ENTRA NA HISTÓRIA», de Alexandra Solnado. Encenação de Agostinho Macedo. Interpretação de Agostinho Macedo, Alexandra Sequeira, Carlos Macedo, Fernando Guerreiro, Francisco António, Henrique Macedo e José Boavida, entre outros.

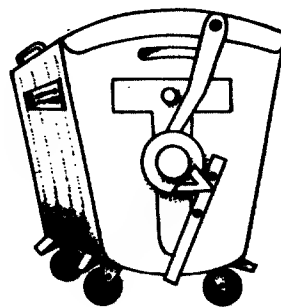
Teatro D. Maria II - Sala Experimental

Rossio — Tel. 37 22 46

De terça a sábado, às 21.45; domingo às 16.30

«JONAS», de E. G. Berreuby. Encenação e interpretação de Domingos Semedo.

CML



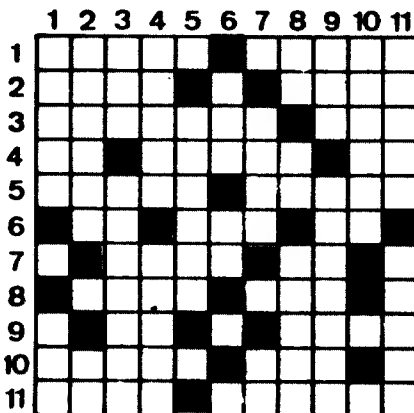
proteja a sua saúde
mantenha
a tampa fechada

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 16 881

HORIZONTAIS:

- 1 Cidade de França. Fértis.
- 2 Em mais alto grau. Freguesia do concelho de Arcos de Valdevez.
- 3 Confirmai. Senhor em inglês.
- 4 Medida itinerária do Japão. Época avançada. Viração.
- 5 O mesmo que átrios. Freguesia do concelho de Idanha-a-Nova.
- 6 Preposição e artigo. Bigorna de aço sem hastes. Moderato.
- 7 Sádios. Compare.
- 8 Aniversário. Época.
- 9 Clima. Assim seja.
- 10 Freguesia do concelho de Mogadouro. Antepassado.
- 11 Aves pernaltas. Persegue.



VERTICAIS:

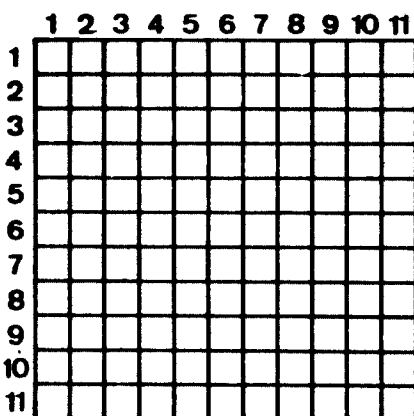
- 1 Desejara. Pronome relativo.
- 2 Ligeira. Antiga unidade monetária da Alemanha.
- 3 Zombar. Murmurar (fig.).
- 4 Peixe do género siluro. Gorgulhos tropicais.
- 5 Dilatados.
- 6 Cidade da Ucrânia. Carta de jogar.
- 7 Passados. Antes de Cristo.
- 8 Quarto. Artigo definido (ant). Nome de flor.
- 9 Cabelos brancos. Sustemos com estacas, ou ligamos a estacas as videiras.
- 10 Unido.
- 11 Corto com serra. Jamais.

Resolvi completamente este problema? Procure, agora em segundo posantempo, o provérbio nele inscrito.

NOVAS MODALIDADE PROBLEMA N.º 14 710

HORIZONTAIS:

- 1 Freguesia do concelho de Armamar. Antes de Cristo.
- 2 Freguesia do concelho de Arouca. Manto oriental de seda bordado a ouro.
- 3 Cupido. Sacrificar.
- 4 Utensílios domésticos. Designação genérica das plantas herbáceas (Bras). Ergo.
- 5 Rio do Estado do Pará. Chiste.
- 6 Punhado. Pequeno simio do Brasil. O mesmo que três.
- 7 Antes de Cristo. Capital do departamento do Calvado, na confluência do Orne e do Odia.
- 8 Fecha u pouco (os olhos). Cidade de Itália.
- 9 Carta de jogar. Rei da Baviera que atacado de loucura foi encasurado no Castelo de Fustenried. Satélite de Júpiter.
- 10 Item. O mesmo que penol.



VERTICAIS:

- 1 Concelho do distrito de Goa (Ex-Índia Portuguesa). Progenitores.
- 2 Freguesia do concelho e distrito de Portalegre. Põe em lista.
- 3 Desgaste progressivo das estruturas do organismo.
- 4 Uma das Cíclades. Além.
- 5 Cachoeiras.
- 6 Antiga cidade da Sarmácia. Suspiros.
- 7 Povoação do concelho de Sintra. Posição afectada.
- 8 Patrão. Aqui.
- 9 Recrutários.
- 10 Acometermos.
- 11 Nome de mulher. Género de palmeiras do Brasil.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 16 880

HORIZONTAIS:

- 1 VAI. E. VEM.
- 2 Im. Filame.
- 3 Ramelas. Leu.
- 4 Iró. Macha.
- 5 Agira. São.
- 6 Tas. Cm. Vara.
- 7 Teima. As.
- 8 Quintal.
- 9 Curro. Ogo.
- 10 Ledo. Amarre.
- 11 Amolareis.

VERTICAIS:

- 1 Viriato. Clá.
- 2 Amarga. QUEM.
- 3 Móis. Urdo.
- 4 DE. Tirol.
- 5 Aceno.
- 6 Fam. Mit. Ar.
- 7 Visas. Maomé.
- 8 El. Cavalgai.
- 9 Malhoa. Ors.
- 10 Mcá. Rau.
- 11 SEU. Ns. TEM.

PROVERBIO: Vai e vem, quem de seu tem.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 14 709

HORIZONTAIS:

- 1 Filipinas.
- 2 Anilanas. Pê.
- 3 Samaritanas.
- 4 Acantaras.
- 5 Lá. El. Iço.
- 6 Impor. Aros.
- 7 Soa. Unas.
- 8 Risadas.
- 9 Anões. Rolha.
- 10 Cusi. Balcia.
- 11 Ou. Seroaras.

VERTICAIS:

- 1 Faselis. Aço.
- 2 Ina. Amornou.
- 3 Lima. Paços.
- 4 Ilção. Seis.
- 5 Para. Ruas.
- 6 Irite. MD. Br.
- 7 Natal. Aarão.
- 8 Asar. Assola.
- 9 Nair. Ler.
- 10 Páscoa. Hia.
- 11 Sés. Os. Caís.

Antena Um

15.00: De mãos dadas, a mulher e a vida; 16.00: A gaita dos sete foles; 17.00: Pequeno jornal; 17.15: Musicomania; 19.00: Informação e música; 20.00: Música portuguesa; 20.15: No estúdio e no estúdio; 20.30: A voz da solidão; 21.00: Movimento; 21.30: Imaginário. Noticiários de hora a hora.

Programa 2

16.00: Música do século XX; 17.00: Integrais; 17.30: Música de bailado; 18.00: «Missa da Coroação», K. 317, de Mozart; 18.40: Música instrumental; 19.30: «La Nativité du Seigneur», de Messiaen; 20.40: Música orquestral; 21.00: Música de tecla; 21.30: Música de câmara; 22.30: Música portuguesa; 23.00: Intercâmbio musical; 00.10: Concerto, para violoncelo e orquestra; 01.00: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média (283, 290 e 397m)

15.00: Dora a hora; 16.00: A feira mágica; 19.15: Musical; 20.00: Conta-corrente; 21.00: Discos pedidos; 22.00: Portugal e a CEE; 22.30: Tempo de desporto; 23.00: Vigésima quarta hora; 02.00: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

16.00: O som da frente; 17.00: Rock em stock; 18.00: Círculo em FM; 19.00: Em órbita; 20.00: Nova geração; 21.00: Jazz; 22.00: As mil e uma noites; 00.00: Morrison Hotel; 02.00: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

Onda Média

15.00: Ré maior; 18.00: Bola branca; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: Fim-de-tarde; 20.00: Conversa de amigos; 21.00: Encontro; 22.00: Luzes da ribalta; 23.00: Bola branca; 23.55: Meditando.

Onda Média Regional-Voz do Alentejo

13.00: Sopa dourada; 14.00: Peça-nos em directo; 15.00: Boa tarde, Alentejo; 18.00: Bola branca; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: Grande bazar; 20.00: Ligação à rede nacional.

Voz do Minho e Voz do Porto

15.00: As boas tardes da Renascença; 18.00: Bola branca; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: Jornal das regiões; 19.30: Ligação à rede nacional.

Voz de Lisboa

15.00: A Rádio da cidade; 18.00: Bola branca; 18.30: Sete colinas; 19.00: Jornal de Lisboa; 20.00: Diálogo; 20.30: Transmissão do terço; 21.00: Música no espaço; 22.00: Vamos aos fados; 23.00: Bola branca; 23.30: As canções da meia-noite; 23.57: Meditando.

TELEVISÃO



18.03 — Sumário

18.07 — Brinca Brincando

«Prof. Baltazar» e «O Patinho Feio», «Feira de Bonecos» e «Terry Toons»

18.50 — Show Bis

19.30 — Telejornal

20.00 — Boletim Meteorológico

20.05 — Direito de Antena

«Ass. de profissionais de Serviços Social»

20.10 — Corpo a Corpo

Episódio 176: — Jalusa diz a Osmar que Eloá corre o risco de ficar sem emprego na Empresa Fraga Dantas. Eloá tenta convencer o seu patrão Alfredo de que alguém (não ela) alterou o relatório. Mas Alfredo não aceita. Wanderley prepara-se para exames de admissão na Fraga Dantas. Vítor é alvo de suspeita acerca do relatório da empresa, no que Eloá não acredita. Osmar vai falar com Vítor.

21.05 — Portugal Sem Fim

«Hawaii»

22.10 — Dempsey e Makepeace

1.º episódio: — Uma nova série policial que reúne o actor americano Michael Brandon e a bonita actriz inglesa Glynis Barber, nos papéis, respectivamente, do Tenente James Dempsey e do sargento Harriet Makepeace.

Jim Dempsey foi deslocado, por razões de segurança, de uma esquadra de Manhattan, em Nova Iorque, e colocado na SI-10 de Scotland Yard, em Londres. O SI-10 é uma unidade policial da elite destinada a combater a grande criminalidade.

Harriet, especialista em vigilância policial e tecnologia informática, foi escolhido para formar equipa com Dempsey. Um forte antagonismo cresce entre ambos, temperada por uma atracção mútua, que nem sempre conseguem

controlar. Harry queixa-se da forma brusca como actuam os polícias americanos e James reage por vezes, com violência, ao que considera a calma irritante e a serenidade dos polícias britânicos! o tenente Dempsey, de polícia de Nova Iorque é enviado para Inglaterra por razões de segurança, pois a sua vida corre perigo devido à investigação de casos de corrupção policial.

Em Londres, onde chega secretamente, é afectado ao SI-10, uma secção especial da polícia inglesa dirigida pelo superintendente Spikings que encarrega de averiguar o desaparecimento de um carregamento de caviar no valor de vários milhões de libras e que já causaram a morte de um polícia do SI-10.

Realizador: — Tony Wharmby

Intérpretes: — Michael Brandon, Glynis Barber, Ray Smith.

00.00 — 24 Horas

00.30 — Remate



14.48 — Agora, Escolha!

16.15 — Notícias

Europa TV

16.25 — O Tempo

16.30 — Tempo dos Mais Pequenos

«Ploom», «Platinots», «A Família Partridge»

17.00 — Countdown

17.45 — Eureka

Análise semanal sobre os progressos alcançados nos campos de saúde, ciência e tecnologia.



Carlos Paião e a professora de música Maria Cristina de Castro, num momento lírico-ligeiro, depois das 18.50 no 1.º canal em Show da Vida

18.10 — Almanaque

Programa sobre acontecimentos históricos. Hoje sobre Vítor Adler.

18.15 — O Tempo

18.20 — O Mundo Amanhã

18.30 — EuroDesportos

19.30 — «Liberdade para Escolher»

O comércio mundial na perspectiva de Milton Friedman

19.55 — EuroReporter

20.00 — Notícias

20.05 — 5.ª Dimensão

22.º episódio

20.30 — Doce e Amargo

17.º episódio

21.00 — Jornal das Nove

21.30 — Cinema Dois

«Tempo de Amar»: — Seymour Moskowitz é empregado de um parque de estacionamento em Nova Iorque; cansado da cidade, pede à mãe algum dinheiro emprestado e parte para Los Angeles à procura de outros modos de vida. Minnie Moore, uma mulher na casa dos trinta, vive em Los Angeles, onde trabalha num museu. Um pouco por acaso, estes dois personagens vão encontrar-se: Seymour salva Minnie de um encontro falhado que tinha acabado em humilhação. É o princípio de uma relação, desde logo marcada pela dificuldade que Minnie experimenta em aceitar a aparência boémia de Seymour.

Realizador: John Cassavetes

Interpretes: Gene Rowlands, Seymour Cassell, Val Avery, Tim Carey, Katherine Cassavetes, Elizabeth Deering, Else Ames, Lady Rowland.

23.30 — É de Ler

Amanhã



18.02 — Sumário

18.07 — Brinca Brincando

18.50 — Show Bis

19.30 — Telejornal

20.00 — Boletim Meteorológico

20.10 — Vamos Jogar no Totobola

20.20 — Corpo a Corpo

21.10 — Lotação Esgotada

«A Grande Evasão»

00.10 — 24 Horas

00.40 — Remate



14.47 — Agora, Escolha!

16.15 — Notícias

16.25 — Europa TV

20.00 — Notícias

20.05 — 5.ª Dimensão

20.30 — Doce e Amargo

21.00 — Jornal das Nove

21.30 — Seiji Ozawa Dirige...

23.05 — É de Ler



AOS CONDUTORES

«Junto das paragens de transportes públicos, abrande a marcha, porque a qualquer momento pode surgir uma criança a atravessar, quer pela frente quer pela retaguarda do autocarro.»

PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

GRUNDIG seleccionou para si...



21.55 —

Dempsey e Makepeace



21.30 — Cinemadois

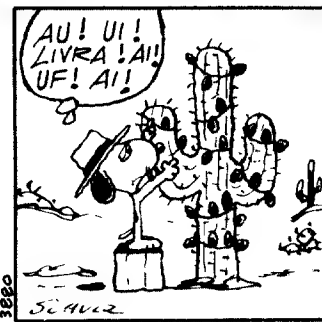
GRUNDIG PORTUGUESA

comércio de artigos electrónicos, Lda.

Rua Bento Jesus Carica, 17
Cruz Quebrada-1495 LISBOA
Telex: 4197570



Corpo a Corpo



TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 h:

BRAGANÇA	10°
VIANA DO CASTELO	13°
VILA REAL	11°
PORTO	13°
COIMBRA	14°
CABO CARVOEIRO	15°
CASTELO BRANCO	15°
PORTALEGRE	10°
LISBOA	14°
ÉVORA	13°
BEJA	13°
FARO	18°
SAGRES	17°
PONTA DELGADA	11°
FUNCHAL	18°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
11.21 3,80 m	04.58 1,70 m
	17.39 1,40 m
Dia 12	
20.01 3,60 m	05.52 1,00 m
12.16 3,90 m	18.23 1,30 m

Armistício e chuva provocaram guerra no trânsito lisboeta

As cerimónias comemorativas do Armistício e a chuva que, desde a madrugada se abateu sobre a capital, provocaram a guerra no trânsito lisboeta. Os habituais pontos de congestionamento ofereceram, assim, dificuldades adicionais para os automobilistas.

Na Avenida da Liberdade, devido às cerimónias comemorativas do Armistício, o trânsito ficou condicionado na faixa central, entre o Marquês de Pombal e o cruzamento que liga à Praça da Alegria e à Rua das Pretas, passando a coluna de trânsito que se dirigia para a baixa a ter como único acesso as faixas laterais. A marcha foi mais lenta, e as bichas foram engrossando.

Segundo declarou ao «DL» um informador da divisão de trânsito da Polícia de Segurança Pública, também o novo viaduto das Amoreiras esteve intransitável até às 7 e 30, altura em que os Sapadores Bombeiros procederam ao escoamento das águas acumuladas por entupimento das sarjetas. Apesar de se terem verificado inúmeros toques, até ao fim da manhã de hoje não se tinha registado, na área de jurisdição da PSP qualquer acidente de que resultassem danos físicos.

Nos acessos à capital, segundo o «DL» apurou junto da Brigada de Trânsito da Guarda Nacional Republicana registaram-se as já habituais bichas agravadas, é certo, pela marcha mais lenta dos veículos que «descobriam» o piso húmido da Marginal, da Estrada de Sintra ou dos acessos do Oeste.

Bombeiros: uma chamada por minuto...

A forte chuvada que, entre as 5 e as 6 horas da madrugada de hoje se abateu sobre a capital, provocou um grande movimento dos Sapadores Bombeiros de Lisboa. «Em 40 minutos recebemos 35 chamadas devido a inundações que se registaram em diversas residências de Lisboa, provocadas pelos fortes aguaceiros que atingiram a capital durante aquele período», declarou uma fonte dos Sapadores.

O mesmo informador revelou que a maioria das chamadas eram motivadas por entupimentos de algerozes e sarjetas, que provocaram «inundações relativamente pequenas», a maioria das quais «ao nível dos segundo, terceiro e quarto andares e em algumas caves».

Durante a manhã, o trabalho dos Sapadores Bombeiros continuou intenso, «mas menor em relação ao verificado durante a madrugada».

Também em Setúbal, os bombeiros foram chamados no ve vezes durante a madrugada para acudir a inundações que ocorreram nas zonas baixas da cidade, «onde muitas sarjetas estão entupidas», segundo declarou uma fonte dos bombeiros locais.

A pluviosidade verificada durante as primeiras horas de hoje é devida à passagem de uma frente fria que atravessou o território do continente, depois de se ter formado durante a noite junto à costa portuguesa.

Segundo informação do Centro de Previsão do Tempo do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica (INMG), foi a zona costeira a mais atingida pelos aguaceiros, com Viana do Castelo a registar 34 mm, seguida de Lisboa, com 32 e o Porto com 22, níveis considerados normais para Novembro, um dos meses do ano com mais pluviosidade.

O INMG prevê para a partir do meio da tarde e noite de hoje uma melhoria das condições meteorológicas, garantindo que amanhã não haverá chuva, embora para o fim da tarde, nas zonas norte e noroeste de Portugal possam vir a ocorrer aguaceiros.

/D/E/C/A/R/A/S/



MARIO SOARES e Maria Barroso enviaram um telegrama de condolências a Lise London, a viúva de Artur London, ex-vice-ministro dos Negócios Estrangeiros, escritor e dissidente do Partido Comunista Checo, que faleceu em Paris. «A vida e obra de Artur London, grande figura agora desaparecida, permanecerá como uma das mais autênticas testemunhas de afirmação da liberdade e dignidade humanas e como um grito de revolta contra a intolerância e a opressão», diz o telegrama que o Presidente da República e a esposa enviaram a Lise London.

DIANA e Carlos, príncipes de Wales, partiram ontem de Londres para uma visita de nove dias a estados árabes. Por motivos de segurança, os planos de voo foram alterados e o herdeiro do trono britânico e a mulher partiram da base aérea de Brize Norton, ao Norte de Londres, a bordo de um VC-10 da frota Aérea, e não do Aeroporto de Gatwick num avião fretado, como fora inicialmente anunciado. O casal visitará o Omã, o Qatar, o Barrain e a Arábia Saudita, numa viagem que é vista como uma tentativa de resolver tensões nas relações com os sauditas e de

promover o comércio com os países produtores de petróleo.

JOSE EDUARDO DOS SANTOS, presidente da República Popular de Angola, poderá deslocar-se Lisboa, embora não exista ainda um calendário determinado para a visita - esclareceu a Embaixada em Portugal daquele país. Em conversa com os jornalistas e não como declaração formal, o embaixador Mawete João Baptista admitiu a possibilidade de o Presidente visitar Portugal em 1987, possivelmente em Abril ou Maio. O embaixador angolano disse existirem bons indícios de o convite do Presidente português vir a ser aceite pelo seu homólogo José Eduardo dos Santos.

JOAO JARDIM desloca-se oficialmente à Comissão das Comunidades Europeias e Banco Europeu de Investimentos, nos dias 17 e 20 - foi anunciado pelos serviços de Imprensa da presidência. Nesta deslocação oficial, o presidente do Governo Regional da Madeira faz-se acompanhar pelo secretário regional do Plano, Miguel de Sousa, e pela directora regional para os assuntos das Comunidades Europeias, Rita

Ferreira. João Jardim vai reunir-se com Jacques Delors, presidente da Comissão das Comunidades Europeias, e com Arnest Broder, presidente do Banco Europeu de Investimentos, entre outras entidades oficiais da CEE.

LUIS CILIA está presente no primeiro Encontro Internacional de Música de Cinema que se iniciou ontem em Sevilha e que se prolonga até ao dia 15. Cília é autor da música de filmes como «O Salto», de Christian de Chalonges, «La Derobade», de Gerard Pion e «Jogo de Mão», de Monique Rutler. Com a partitura que compôs para o filme de Rutler obteve em 1984 o prémio atribuído pelo Instituto Português de Cinema à música original de filmes.

VITOR MARTINS, secretário de Estado Português da Integração Europeia, comparece hoje em Estrasburgo um apertado dia de trabalho no Parlamento Europeu. Vítor Martins começou o dia com um encontro com os deputados portugueses ao Parlamento da CEE, após o que teve também um encontro com os funcionários do seu país que trabalham para o hemisfério europeu.

Trabalho voluntário esteve em debate

Realizou-se no passado fim-de-semana, no salão nobre do Hospital Miguel Bombarda, em Lisboa, o 1 Encontro sobre «Trabalho Voluntário em Portugal», promovido e organizado pela Língua Portuguesa de Higiene Mental. Apoiaram este Encontro, o Secretariado Nacional de Reabilitação, a Direcção dos Serviços de Saúde Mental e a Association pour le Volontariat en Europe, e participaram diversas associações que contam com a colaboração activa de trabalho de voluntários, tais como o Movimento Esperança e Vida, a Associação Comunitária de Saúde Mental, a Cruz Vermelha Portuguesa, a Associação Telefone da Amizade, o Ninho, o Centro SOS Voz Amiga e a Liga Portuguesa Contra o Cancro. As comunicações versaram naturalmente o trabalho voluntário: as suas expressões culturais, o trabalho voluntário na viuvez, junto de mulheres prostitutas, ao telefone, etc..

Mannel Queiró voltou a casa

O deputado do CDS Manuel Queiró, vítima de um acidente de viação ocorrido no dia 14 de Outubro, em Salamanca, regressou ontem a Coimbra, informou um familiar.

A mesma fonte adiantou que Manuel Queiró teve alta no Hospital da Segurança Social de Salamanca e regressou a sua casa, em Coimbra.

Furto na cadeia do Linho

Alguém, ainda não identificado, entrou por meio de chave falsa nas instalações sociais e de recreio dos funcionários da cadeia do Linho, na periferia de Lisboa, de onde levaram a receita da venda dos artigos, como tabaco e bebidas, no montante de 11 mil escudos.

As referidas instalações inserem-se no complexo da cadeia e o caso seria comunicado à Polícia Judiciária que vai averiguar as circunstâncias em que se deu o furto e tentar identificar o respectivo autor.

SETE PONTO SETE

SUPLEMENTO SEMANAL DO DIÁRIO DE LISBOA. SAI ÀS TERÇAS-FEIRAS. NÃO PODE VENDER-SE SEPARADAMENTE DO RESTO DA EDIÇÃO. RESPONSÁVEL EDITORIAL: JOÃO MENDES. CORRESPONDÊNCIA: RUA LUZ SORIANO 44, 1.200 LISBOA. TELEF. 320271/320272. TELEX: 12363

A música de «Around Midnight» ouvida por José Duarte

Pág. 3

Enrico/Aquino: a febre sobe nas Filipinas

Pág. 5



Que bom que é pagarmos estes impostos todos

Enquanto, dia após dia, assistimos na telenovela à reconversão do industrial desprovido de qualquer espírito solidário com os patrícios que emprega, na nossa terra, Rogério Fernandes Ferreira, membro da comissão para a reforma fiscal, afirmava ontem ao «DN» que «o exemplo deve vir de cima».

Ambos os factos têm grande actualidade quando, somado às assimetrias do sistema fiscal e da repartição do rendimento, se junta a sugestão do Governo de flebilidade do horário de trabalho na indústria de acordo, como dizia o ministro do Trabalho, «com as necessidades da empresa».

Na base de tudo, está o rendimento. Um rendimento que pode já existir e tornar-se num capital em potência. Um rendimento que será a remuneração da capacidade inventiva de bem o investir. Um rendimento auferido como pagamento adiantado de quem o alugou.

Qualquer um desses rendimentos tem por objectivo manter vivos os seres que dele dependem, através do que possam com ele comprar. Compras que serão os rendimentos de outros que terão o mesmo objectivo dos primeiros. Assim, diz a teoria, se o rendimento é a base, as compras materializam-no. Ou de outro modo, o objectivo de qualquer homem é gastar.

O mesmo afirmou o secretário de Estado para os Assuntos Fiscais,



em conversa telefónica com o «DL», ao justificar o peso da tributação indirecta no total das receitas fiscais. Segundo Oliveira e Costa, numerosos estudos apontam para o facto das pessoas viverem em função do consumo, pois só têm uma vida, devendo pagar proporcionalmente ao que gastam.

Repartição desigual

A questão complica-se quando se começa a separar o conceito «pessoas» em grupos com características mais marcantes entre si. A partir dessa altura, as pessoas dividem-se em pessoas colectivas e individuais, por sua vez as individuais ainda se subdividem em grupos consoante as suas fontes de rendimento.

Contas feitas, verifica-se existir, em 1986, cerca de 60 por cento da população activa (trabalhadores por conta de outrem) recebe 42 por cento do rendimento nacional bruto. Mais se regista que, no total do rendimento nacional, a parte que é gasta em consumo tem vindo, ao longo dos anos 80, a decrescer, tal

Continua na pag. 3

Cinco teses para uma definição da esquerda

No número de Outono da revista **Risco**, em distribuição, o editor Fernando Pereira Marques publica «Cinco teses para uma definição da esquerda», que aqui reproduzimos, devidamente autorizados pelo autor. Trata-se de um texto que pretende contribuir para a reflexão em curso sobre a renovação da esquerda, e que aqui deixamos como indicador de que a questão nos interessa e nos sentimos interpelados por ela.

A esquerda precisa de se pensar e de se renovar. Eis uma asserção que suscita sempre maior concordância.

No sentido de poder, eventualmente, contribuir para uma reflexão necessária, passarei a arrumar este texto em torno de umas quantas teses, através das quais tentarei expor o que entendo deverá dar consistência e identidade à ideia de esquerda numa sociedade como aquela em que vivemos e no limiar de um novo século.

1 — Uma concepção não mecanicista da História

A História não tem um *sentido* nem um *motor*. É tempo de abandonar a tranquilizante leitura positivista e cientista do processo histórico cultivada pelos avós do marxismo, assim como pelos seus netos e bisnetos religiosamente presos a tal herança teórica.

Não porque seja necessário conduzir uma cruzada contra Marx, em nome de novos catecismos ou da boa

-consciência de epígonos em maré de ajustes de contas com o passado. Trata-se, simples e fundamentalmente, de pensar a evolução social à luz dos actuais conhecimentos que impedem que se conceba essa evolução como um percurso ascendente para o mais perfeito, o mais progressivo, o mais justo.

É complexa e contraditória a mudança das sociedades e os fenómenos que a animam, pelo que é tão redutor e simplista o papel determinante atribuído à luta de classe como *motor* dessa mudança, como mecanicista a concepção de que poderia haver cortes que separariam um presente revolucionário, a começar do Ano I, de um passado que só permaneceria como ameaça que a repressão e o terror eliminariam.

No fundo, e parafraseando Mounier, trata-se de não pensar que o absoluto é deste mundo, de conceber a História à imagem e à medida dos homens e das sociedades que eles fazem e que os fazem, condicionadas pelo relativismo da sua acção. Constatação que tem vá-

rias implicações, nomeadamente a de recusar tanto uma atitude fatalista como o seu inverso, que seria a de uma crença *bon enfant* e algo leibniziana de que tudo vai pelo melhor no melhor dos mundos possíveis, já que uma pulsão norteadora — o tal sentido — guiaria a História. Reforça-se assim o papel e a responsabilidade dos homens, deste modo de facto fautores do seu próprio destino.

2 — Uma concepção não messiânica do papel das classes sociais

Deixemos aqui de lado a questão de saber o que se deverá entender rigorosamente por classe social do ponto de vista sociológico. Atenhamo-nos à sua definição mais banalizada.

No processo de desenvolvimento capitalista e de industrialização, a jovem classe operária emergente parecia reunir em si os necessários elementos de contradição geradores dos dinamismos de modernização: por um lado estava no cerne do modo de produção que se afirmava, por outro «pagava» com a mais-valia o preço da acumulação de capital e do crescimento económico. A sua tomada de consciência desse seu papel e da sua exploração, contribuiriam para o bloqueamento do sistema e a irrupção de uma sociedade qualitativamente diferente.

Talvez não seja demais recordar muito rapidamente que, no entanto, as «revoluções» que até hoje tiveram lu-

gar, tiveram-no em contextos sociais onde o capitalismo industrial não era o modo de produção dominante. Pelo que delas emergiram, sobretudo, sistemas de acumulação e de poder que se distinguiram das sociedades mais industrializadas, por utilizarem a função económica do recurso à força — a que se referia Marx em «O Capital» — de uma maneira mais concentrada no tempo e porventura mais eficaz e brutal.

Dito isto, assim num estilo sinóptico, poder-se-á ainda afirmar que, quer nesses países onde emblematicamente se diz que a classe operária, ou os trabalhadores, estão no poder, quer nos países industrializados onde o movimento operário se tornou, ou tende a tornar, essencialmente um grupo de pressão, será estultícia insistir em delegar nessa entidade algo abstracto, que será o proletariado ou a classe operária, uma função fulcral no processo de transformação social, já que deteria, latentes, projectos sociais e culturais qualitativamente superiores.

Nas sociedades contemporâneas, como aquela em que vivemos, a estrutura de classes e a estratificação existentes, as mudanças tecnológicas, o crescente número de «empregados» e até de inactivos — elemento geralmente não ponderado —, as dependências e interdependências, não só económicas como até culturais, produzem uma conflitualidade mais complexa e diversificada, insusceptível de

interpretações estreitamente economicistas e corporativas. Donde a inadequação de muitos dos modelos analíticos e ideológicos ainda predominantes à esquerda.

Não existe uma classe detentora de uma função de tipo messiânico que em si portaria a certeza de dias radiosos. Existem, seguramente, classes e outros grupos sociais com posicionamentos diversos nos sistemas de produção e de propriedade, com interesses e atitudes críticas convergentes, que animam, ou poderão animar, práticas sociais geradoras de mudança e constituir a base social de novas formas de sociedade.

A tradição do movimento operário constitui uma herança histórica inestimável; o movimento sindical insere-se no âmbito dos movimentos sociais necessários à dinamização das sociedades democráticas e abertas. Um dos desafios com que se depara uma política de esquerda, consiste em saber traçar metas, objectivos através dos quais se satisfaçam reivindicações de grupos diversificados, interesses e aspirações individuais que correspondam a projectos democraticamente sancionados.

Não significa que se pretenda conciliar o inconciliável, ocultar o conflito sob falsas convergências de tipo corporativo. Significa que é preciso saber interpretar a realidade das sociedades contemporâneas através de novos discursos e práticas políticas, superar as liturgias, as encenações esclerosadas e esclerosantes.

Continua na pag. 6

Filme de qualidade

FUI há dias ao cinema Quarteto ver um excelente filme, «O Navio Farol». Infelizmente só vi o navio; o farol ficou para outra altura, quando o filme estiver noutro lado ou eu já noutra onda de espírito. Ou seja, fiquei a ver navios.

O que se passou: ao fim de vinte minutos, o filme começou a tremer, os rostos das personagens contraíam-se de imprevistos tiques nervosos. Por um bocadinho ainda pensei que fosse do balançar do barco, mas depois verifiquei que não podia ser, pois as legendas também saltitavam como feijões mexicanos.

Ao fim de alguns minutos, como a situação não se alterasse, alguns elementos do público, menos fleumáticos que os restantes lusitanos presentes, começaram a chamar a atenção do *marreco* — mas com muita dignidade, a plateia do Quarteto não é a do *piolho*. Finalmente, lá houve um assobiozito ou outro, mas com igual efeito, isto é, sem qualquer efeito: nem o filme parava nem as imagens paravam de tremelicar.

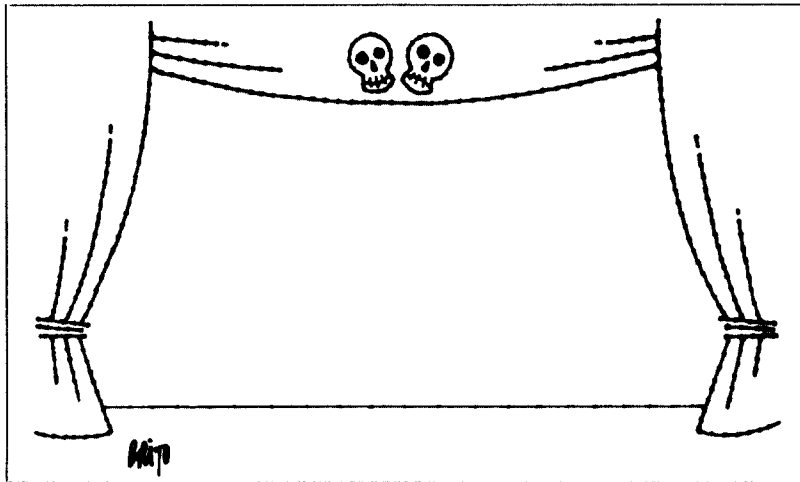
Duplamente incomodado, por ainda por cima ter de me levantar, abandonei o lugar onde era suposto estar confortável (nunca estou, não

há espaço para as pernas) e dirigi-me à cabina de projecção. Bati leve, levemente, como chama quem é *educado*, e lá a porta se abriu. Os fulminantes lançados sobre a minha ousadia pelo projeccionista informavam-me que o estava a incomodar bastante, pelo que me senti bastante incómodo. Civilíssimo, expus-lhe timidamente o meu problema, que se não se importava o senhor fazia-me o favorzinho de pôr a imagem boa, e ele teve a bondade, coitado, de me *informar* que de facto havia uma avaria, mas que só podia ser resolvida no intervalo.

E seria mesmo resolvida? Sim, sim, no intervalo tudo se resolveria.

Enfim, hesitante, lá regressiei ao meu lugar. Já não faltava muito, e já agora... Apetecia-me tanto ver um filme *inteiro* nessa noite...

Quando o intervalo chegou e saí para o bar, todas as pessoas me pareciam atacadas de bichocarpinterite facial. Foi só quando vi a própria bica, tantos anos fiel, a não parar quieta por um segundo, que concluí tratar-se de uma ilusão de óptica, fruto do apaixonante exercício a que me dedicara na sala I do Quarteto.



Regressei ao meu lugar confiante de que o farol do «Navio Farol» iluminaria o meu estado de espírito e apaziguaria a minha sede de cinema. Como já devem calcular, assim não foi. A avaria continuou na mesma, apelo que a reacção possível resultou só uma: tanto eu como mais quatro ou cinco pessoas considerámos *insuportável* continuar a ser espectador naquelas condições. ⁽¹⁾

Batemos à porta do projeccionista, agora com mais firmeza, e ele remeteu-nos para o gerente. Fomos ao gerente, depois de —

heroicamente — termos investido o restante público a fazer o mesmo: pedir o dinheiro do bilhete.

Contudo, o gerente tinha um argumento de peso na manga: se nós víamos metade do filme sem protestar, já não nos podia devolver o dinheiro do bilhete, nem que fosse só metade. Então fez-se farol, perdão, luz, nas nossas humildes cabezinhas: o projeccionista SABIA desde o princípio que a avaria não iria ser resolvida! E o gerente permitiu-se ser bruto, agressivo mesmo. Empurrou-me. Aí, pusemos finalmente *la educacion* de

lado e apelámos para outros argumentos: falámos alto, mesmo para *fazer escândalo*, e confesso envergonhadamente que foi particularmente saboroso. Mas o gerente não se demoveu, até que — iluminado! — me lembrei de o ameaçar com três tiros no porta-aviões:

«Nem queira saber a notícia que vai vir no «Expresso»/revista do próximo sábado!»

E os 275\$00, pressurosamente, lá nos foram devolvidos. Por isso, só por isso, publico este artigo apenas no «Diário de Lisboa».

Notas

⁽¹⁾ Eu disse «quatro ou cinco pessoas»? Disse, mas esqueci-me de dizer que a sala estava cheia. Só «quatro ou cinco pessoas» foram capazes de defender os seus direitos? Falamos de cinema ou quê?

P.S.1) Também no Apolo 70 me aconteceu uma vez: ainda o filme não tinha acabado, estavam já a correr as cortinas. Queixei-me, e responderam-me como se fosse um bicho do mato: «Mas nunca ninguém se queixou...»

P.S.2) É isso. No notário, uma senhora protesta contra a lentidão do serviço. Em vez de lhe darem razão, dois outros esperadores na fila, espertos e entendidos, comentam com um sorriso trocista: «Ó minha senhora, já sabe como estas coisas são.» É isso: cá, já sabemos como as coisas são. Sabemos?

Rui Zink

As trucagens e retoques que também fazem história

Fazer mentir a História, ou melhor: adaptar a História às mentiras e às necessidades do presente eis uma tarefa a que se dedicam, ainda hoje, numerosos regimes, na sua maioria messiânicos. Essa obra de «reescrita» em que os historiadores são supostos colaborar não poupa a imagem. E, se quisermos ter uma ideia da sua amplitude, teremos imperativamente de consultar um trabalho que Alain Jaubert acaba de publicar, em França, nas edições Bernard Barrault (*Le Commissariat aux Archives, les photos qui falsifient l'Histoire*). O livro é uma desmontagem serena e impressionante da maioria das montagens fotográficas destinadas a «falsificar a História».

A medalha de ouro pertence, neste domínio, à URSS. A iconografia leninista, e depois estalinista, está, ali, amplamente ilustrada, em cada caso, pelo «cliché» original acompanhado do ou dos «clichés» manipulados. O objectivo habitual dos «retoques» é o de fazer desaparecer um ou outro personagem, atirado para o caixote do lixo da História. Mas esta modalidade de trabalho censório pode ter razões incomparavelmente mais anónimas: num caso, a braguilha de Lenine era aparente de mais; noutra, era o seu rosto que parecia excessivamente fatigado, e foi

preciso submetê-lo a um «banho de juventude». Noutro caso, ainda, era a beata de Estaline apertando a mão a Ribbentrop que tinha de desaparecer...

Outra fraude menos conhecida e sublinhada por Jaubert no seu trabalho: a substituição da imagem genuína pelo mito cinematográfico. Não citaremos senão

um exemplo, mas há muitos mais: o das escadarias de Odessa durante a rebelião do *Potemkine*: trata-se, de facto, de uma cena inteiramente imaginada por Eisenstein, mas isso não impede os historiadores de estudarem o seu filme como se ele fosse um documento de arquivo. Numerosas revistas soviéticas apresentaram

imagens das filmagens como tratando-se de documentos fotográficos genuínos...

Os soviéticos fizeram émulos, sobretudo entre os países próximos: estão bem representados no livro de Jaubert casos relativos ao culto de Mao, de Kim Il Sung, de Enver Hoxa, de Fidel Castro. Como no caso dessa fotografia

proibida do *líder máximo* junto do obscuro general Pinochet, ainda não ditador, datada de 1971. Mas Hitler ocupa também um lugar destacado, bem como Mussolini. E as notas que situam cada «mentira fotográfica» no seu contexto são notáveis de inteligência e de precisão.

Poucos exemplos de manipulação histórica provêm de democracias modernas, o que talvez seja normal, porque elas não pretendem «ser donas» do sentido da História e aceitam, no essencial, as contradições, salvo em período de crise (veja-se o caso das propagandas de guerra franco-alemãs).

O livro conclui com uma estranha «audácia» do *Figaro-Magazine* que não teve medo de utilizar, em 1982, a fotografia de uma cremação, devida a epidemia, de cadáveres de sandinistas e de «contras» como *prova* do genocídio dos *Misquitos*. Que tal?

J.A.

Nota

Não se conhecendo a intenção de editar o livro de Jaubert em Portugal, aconselham-se os amadores a encomendá-lo enquanto é tempo. A soma de documentos que ele mostra é rara, e, embora, se trate, em alguns casos, de «trucagens» que se tornaram lendárias, são, todos, como se compreende, muito difíceis de encontrar.



Quando anti-semitas, os burocratas soviéticos nunca viram com bons olhos a ligação entre Maiakovski e Lili Brick. A solução que adoptaram é ilustrada pela foto da direita.

Ena Paz! A música de «À volta da meia-noite»

Antes do mais que adiante se lerá, o filme não é um filme musical, é um filme-música. Tudo nele é música: os gestos, as mãos, as pausas e os silêncios de Dexter Gordon, os olhares e carícias entre ele e a belíssima Lonnette, a dança de Bérangère na praia, o fraseado do dialecto afro-americano, os «travellings» na ponte de New York, o tempo de queda de Eddie Michel ao passar-se para o mundo do álcool, onde o sono é profundo e o despertar penoso. Também em várias outras situações a musicalidade é latente, e tudo é filmado a ritmo lento, de balada algo triste, com saborosos salpicos de mordacidade e muita paz. Paz que é abandono, fatalidade, mesmo quando a esperança se instala, mas ninguém acredita nela. Deve notar-se que, no filme, toda a música foi gravada ao vivo, sem recurso aos «play-backs», o que neste tipo de fita é original. Para além dos inúmeros músicos que participam, alguns até como actores, e todos com créditos reconhecidos no jazz, a direcção musical foi entregue a Herbie Hancock, compositor e instrumentista famoso na moderna música norte-americana, tendo as inestimáveis ajudas vindo do próprio realizador, Bertrand Tavernier, do verdadeiro argumentista Francis Paudras, homem que conviveu intimamente com Rud Powell, músico cuja última parte de vida motivou o filme, e de Henri Renaud, pianista francês que trabalha em New York e vive no jazz há décadas. Saiu para o mercado, recentemente, o disco que transporta cerca de metade da música que se ouve no filme. A música que se vê ficou lá.

Vamos ouvir o disco, faixa a faixa, espira a espira, como convém numa obra que merece atenção ao pormenor, embora sem a tensão que peças inovadoras criam. É o caso.

Vem aí «Around Midnight», um filme de Bertrand Tavernier sobre músicos de «jazz», sua vida e seus amigos. O filme fará época e escola, e é, além do mais, um magnífico gesto de amizade pelos que tocam os instrumentos e pelo seu público. Dele falaremos a seu tempo. Hoje, a palavra para José Duarte, que conta a melodia que a fita tem. Como ele diz: «Quando for ver o filme repare como é essencial saber a letra duma canção para sobre ela improvisar, para contar a história, e repare também onde um pianista deve pousar um copo. Tudo isto é música, tudo isto é 'jazz'».

● **Round Midnight** — é o título original do filme, que em francês deu «Autour de minuit» e, em português, eu preferia o por em vez do à. É um famoso tema do pianista e compositor Thelonious Monk que lhe começou por chamar «Round about midnight» e que depois o tempo lhe roubou o «about». Abre o disco, como seria de esperar, e é tratado em tempo bastante lento por Hancock ao piano, Ron Carter em contrabaixo, Tony Williams em bateria e esse inquietante Bobby McFerrin a cantar, sem palavras, gutural, como se de uma trompete com surdina se tratasse. O solo de Hancock é de fraseado adiantado em relação à época em que o filme se passa, aliás uma opção de base que Tavernier e Hancock tomaram.

● **Boby and Soul** — um super-standard muito utilizado jazz, aqui numa versão lenta, muito lenta, que John McLaughlin começa em acordes para, a seguir, Dexter Gordon expor a melodia em tenor. Desfilam depois os solos com McLaughlin a discursar clássico, como habitualmente lhe é estranho, Dexter sóbrio e cansado, Hancock discreto, para Dexter retomar uma coda parafraseada.

● **Bérangère's Nightmare** — um tema de Hancock para o filme, é uma peça de ambiente, de efeitos à viola, de pandeireta, onde o ritmo é dominante e o pianista procura sonoridades raras.



● **Fair Weather** — a autoria desta melodia é discutida. Paudras afirma que o compositor é Bud Powell e possui uma versão em que o trompetista Kenny Dorham toca e canta as palavras que, ele diz, serem do próprio Bud. No disco a autoria é de Dorham, a secção rítmica muda para Pierre Michelot em contrabaixo e Billy Higgins à bateria, mas Hancock ao piano. Quem toca trompete e canta é Chet Baker, essa frágil figura que, em solo, exhibe a sua típica sonoridade limpa, fria, sem vibrar, como Miles quando jovem. A cantar Chet é como a trompetar, muito fiel a si próprio: pacífico.

● **Una noche con Francis** — tema de Bud cuja rítmica corresponde ao espanhol do título, é compasso bem latino-americano, vivo como nenhum outro deste lado do disco que, com ele, acaba. A secção rítmica é a mesma da faixa anterior e Dexter é reforçado por outro tenor, o de Wayne Shorter, e pelo vibrafone de Bobby Hut-

cherson. No desenvolvimento em solos, Dexter é aqui muito Dexter, orador notável e dialoga, bate-se com Shorter. Mais acordados, a paz mexe-se.

● **The Peacocks** — é uma composição do «histórico» Jimmy Rowles, pianista maltratado pela fama. Fui reouvi-lo em 77, quando o descobri, com Stan Getz. Dexter sai e fica Shorter em soprano com o mesmo trio a acompanhar. Shorter é um bom soprano, instrumento «inventado» por Bechet, recuperado por Coltrane e continuado por Lacy. Os solos de Hancock e Shorter são muito interiorizados, desenvolvidos com originalidade, modernos, como o era a música de Powell então. Tudo se passa e flutua no ambiente de balada que o tema é.

● **«How long has this been going on?»** — música e palavras dos Gershwin, serve a peça no filme para evocar o encontro afectivo e musical de personagens lendárias do jazz: Billie Holiday e Lester Young. Sempre com o mesmo trio de apoio, Dexter e Lonette McKee cantam o tema, ele sempre a comentar, ela muito segura, impecável. Dexter canta em tenor como Lester cantaria.

● **Rhythm-a-ning** — outro famoso tema de Thelonious Monk. Este passa-se em New York e Dexter ombreia com Freddie Hubbard em trompete e são acompanhados por Ron Carter em contrabaixo, Cedar Walton em piano e Tony Williams em bateria. Tempo médio, quase rápido, expressão mais forte, «drumming» vivo, Dexter aproveita para, em solo, citar uma melodia de «Oklahoma», (citações são a sua marca pessoal), Walton contagia-se e cita «And the angels sing», Carter sola a cumprir o tempo, Hubbard dá entrada a um curto solo de Williams e repetem o tema para acabar. É o tema mais jazz do disco.

● **Still Time** — melodia de Han-

cock para a qual volta a formação inicial de quarteto, o das cenas de Paris. É uma balada, portanto escovas para Higgins e grande concentração em solos que são de Hancock (lírico, a lembrar Bill Evans) e de Dexter em soprano. Lá que é soprano é, embora a contracapa afirme tenor, agora se é Dexter ou Shorter fica para a enésima vez que vir o filme.

● **Minuit aux Champs-Élysées** — melodia do tal Renaud, tudo se passa em duo entre Hancock ao piano, sempre acústico, e Bobby Hutcherson em vibrafone. Os discursos improvisados interligam-se, são simultâneos e, ora um está a comandar a improvisação, ora é o outro. Boa peça, sem ritmo evidenciado, só sugerido pela dinâmica dos intervenientes. Romântico.

● **Chamis Song** — a melhor melodia do disco ou não tivesse sido inventada por Hancock em colaboração com Stevie Wonder. Piano, bateria e contrabaixo, Hancock, Williams e Carter e a voz de McFerrin, tal como em «Round Midnight», ele que sabe desdobrar-se em tantos registos e efeitos. É a canção do filme e fica na memória, como convém.

Acabado que está o disco, fica o apetite para o que nele falta, as outras doze músicas, a saber: «As time goes by», «Society Red», «Now's the time», «Autumn in New York», «I cover the waterfront», «Watermelon man», «It's only a paper moon», «Tivoli», «Put it right here», «I love Paris», «I love a party» e «What is this thing called love». consta que vão ser editados na etiqueta Blue Note.

Quando for ver o filme repare de como é essencial saber a letra duma canção, para sobre ela improvisar, para contar a história, e repare também onde um pianista deve pousar um copo. Tudo isso é música, tudo isso é jazz.

José Duarte

A genuína consciência em paz é a dos impostos pagos

Continuação da pág. 1

como a parte dos salários no rendimento nacional. Por outras palavras, existe uma relação entre a evolução dos salários e ordenados e a evolução do consumo e que o crescimento dos rendimentos da empresa e propriedade não se tem vindo a aplicar em consumo.

Parece, pelo menos polémica como adequada a Portugal, a aplicação imediata, sem quaisquer contrapartidas, da «moderna fiscalidade» que tende a valorizar a tributação sobre a despesa e a reduzir a que é sobre rendimentos.

O papel do Sistema Fiscal

A normalidade que se vem construindo afirma existir uma relação de palavras mágicas entre preços a salários, em que os salários terão

de superar os primeiros para que tu do melhor.

Contudo, a análise poucas vezes é feita no sentido de quantificar os montantes retirados ou atribuídos a cada um dos grupos em presença, isto é, se por acaso não haverá grupos privilegiados e grupos desprotegidos que contribuem, as mais das vezes sem consciência, para os primeiros.

A proposta de lei do Orçamento prevê a continuação, pelo menos mais um ano, da estrutura fiscal consensualmente considerada injusta, em que a tributação relativa ao trabalho é cerca do dobro da incidência sobre rendimentos do capital e propriedade e em que simultaneamente são feitos vários incentivos à actividade empresarial através da redução de taxas da Contribuição Industrial ou retirando rubricas à matéria colectável das empresas.

Segundo conversa tida com o

presidente da Comissão para a Reforma Fiscal, Paulo Pitta e Cunha, a eventual injustiça decorrente de um peso da tributação sobre o que se gasta deveria ser compensada com transferências compensatórias, o que poderá esbarrar nos montantes já bastante elevados das despesas públicas, despesas de difícil redução imediata.

A própria comissão ainda não procedeu a cálculo da valores precisos, indicadores de eventuais injustiças. Deste modo, o peso de 70 por cento da tributação indirecta no total das receitas fiscais poder-se-à constituir noutro factor de má redistribuição de rendimento.

Parece, pois, que a saída da crise terá de ser feita por conta e esforço dos que não são proprietários, sem que para tal recebam sequer dividendos de participação nos lucros, que se esperam sejam reinvestidos para criar mais emprego.

O trabalho deve ser flexível

Há poucos dias, o ministro do trabalho, Mira Amaral, afirmou que a precariedade do emprego é preferível ao desemprego e o ministro das Finanças, Miguel Cadilhe, veio mostrar as conclusões de um inquérito em que os portugueses estariam na disposição de aceitar sacrificios salariais no sentido de contribuir para a recuperação da empresa.

Ontem, Mira Amaral sugeriu a formalização da flexibilidade dos horários de trabalho na indústria, denunciando a Convenção da Organização Internacional do Trabalho relativa à jornada de trabalho. Segundo as suas declarações, as alterações permitiriam um acréscimo de competitividade, uma vez que se laboraria quando houvesse tra-

balho, permitindo uma redução do horário em alturas de baixa produção. Mira Amaral defendeu o trabalho feminino em turnos nocturnos, igualizando em direitos homens e mulheres. Nada foi acrescentado quanto a ordenados iguais.

A legitimação de uma situação como essa levaria forçosamente ao pagamento a preço normal o que antes eram «horas extraordinárias», representando uma transferência da parte dos salários para os rendimentos de empresa. Outro factor a acrescentar aos mecanismos, por lei ou de facto, existentes de envenenamento de uma justiça social, factores a compensar, espera-se, através da Reforma Fiscal que se diz entrar em vigor em 1988, mas que se deveria estender aos pilares mais sólidos desta sociedade como é o caso da «capacidade empreendedora».

João Almeida



Jerry Rubin, Daniel Cohn-Bendit, Joschka Fisher (da esquerda para a direita)

Dany o Vermelho e os rinocerontes

Um curiosíssimo «enlatado» que valeria a pena passar em Novembro, se a RTP o negociasse a tempo e horas: dezoito entrevistas feitas por Daniel Cohn-Bendit a antigos «enraivecidos» dos anos 60, durante uma viagem através do mundo...

Lembram-se daquela peça de Ionesco, *Rinoceronte*, que conta a luta de um homem sensível contra o «sistema» dirigido por rinoceronte? Para se impor, ele tem de se blindar de tal modo que, no fim da peça, está também transformado em rinoceronte: Eis a impressão que deixa a série *Amamo-la tanto, a Revolução!*, realizada por Daniel Cohn-Bendit e Steven de Winter (1).

Durante uma viagem através do mundo, à procura dos seus antigos camaradas revolucionários dos anos 60, Dany le Rouge recolheu dezoito surpreendentes entrevistas. Em quase todos os casos, os antigos *enraivecidos* acabaram por pactuar com a sociedade. Recorrendo às armas que ela oferece e, evidentemente, correndo o risco de se transformarem em rinocerontes.

Exemplos? O mais flagrante será o de Jerry Rubin. Antigo estratega dos «hippies», autor de *Do It*, a

Bíblia dos movimentos alternativos, ele queimava em público as notas de banco e pregava a contracultura. Hoje, criou um clube para quadros dinâmicos, os Yuppies (Young Urban Professionals), gaba os méritos do cartão de crédito e prega a saúde corporal. A sua resposta à pergunta de Cohn-Bendit «deixaste de lutar contra o Estado?» resume perfeitamente a peça de Ionesco: «Pois, agora já não luto contra o Estado. Já não vale a pena, já não é esse o bom combate. Agora é preciso que também eu seja Estado».

Rubin não foi o único a mudar: nos anos 60, Bobby Seale, presidente dos Panteras Negras, queria reunir um exército negro: «Marcharemos contra esse poder racista, dizia ele, e diremos a este poder de merda: mãos no ar, bandidos, isto é um assalto: Viemos buscar o que nos pertence!» Hoje, montou uma fundação para o emprego dos jo-

vens e acaba de publicar... o seu primeiro livro de cozinha.

Por seu turno, os ex-terroristas das Brigadas Vermelhas de Itália, Valerio Morucci e Adriana Faranda, presos pelo assassinio de Aldo Moro, renunciaram a guerrear contra o Estado. Para Adriana Faranda, a palavra *Revolução* esvaziou-se de sentido. «Creio na possibilidade de uma evolução da sociedade, diz ela, mas não acredito de modo nenhum nas transformações radicais». Em França e na Alemanha, o mesmo fenómeno. Michel Chemin que, estudante, considerava «atirar com pedras do passeio aos polícias é um acto lúdico», tornou-se jornalista no *Libération*: «Eu queria chatear os patrões, reconhece. Agora já não, porque me tornei patrão eu próprio!» Quanto a Joschka Fisher o *squatter* dos anos revolucionários, acaba de ser nomeado ministro do Ambiente do Hesse, na R.F.A.!

É ainda Dany Cohn-Bendit que parece menos marcado pelos anos. Primeiro, fisicamente, continua com um ar de miúdo traquinas. No plano das ideias, ele continua a acreditar no igualitarismo, apesar de ter acrescentado, também, alguma água ao seu vinho. Ele reconhece que «os grandes mitos revolucionários desmoronaram-se e confessa, com uma gargalhada, que o slogan «Eleições, armadilha para parvos» (*Elections, piège à cons*), de Maio 68, é o mais *parvo* dos slogans então inventados. Ele próprio é candidato Verde à Câmara de Frankfurt...

No entanto, Cohn-Bendit continua muito sensível às críticas por

«traição», e mantém que «tudo é ainda possível», o que é um pouco mais prudente do que o «tudo, já» reclamado há vinte anos. Depois de Praga — diz ele — depois de Santiago, depois dos cravos murchos de Portugal, depois dos afogados do mar da China, depois do Cambodja e do horror do terrorismo, depois de tantas provas, de tantos fracassos, de tantas decepções, a revolução desertou do imaginário dos nossos contemporâneos. Tivemos de submeter-nos ao formalismo democrático.»

Quer dizer que se tornou «reformista», como tantos outros? Cohn-Bendit fica mal disposto com a pergunta: «Não podemos aceitar tudo; entre o reformismo impotente contra que nos erguemos tantas vezes e a nossa actual prática política, o fosso talvez não seja muito fundo, não tanto como desejaríamos, mas temos de demonstrar que governar não significa esquerçar, e que o parlamentarismo não é sinónimo de oportunismo».

A série feita para a televisão, espantosa pela transformação dos protagonistas entrevistados vinte anos depois, parece uma ilustração perfeita do ditado «aos vinte anos prepara-se a revolução, aos quarenta entra-se nas fileiras».

Os guerrilheiros latino-americanos prepararam o regresso da democracia, os ecologistas alemães fizeram-se eleger para o Bundestag, os maoistas franceses, como Serge July, tornaram-se patrões, as feministas ganharam uma colecção de batalhas... tudo isto cheira a «recuperação».

De facto, responde Cohn-Bendit, «O Estado e a sociedade não nos recuperaram. Fomos nós que nos impusimos. Eles foram obrigados a aceitar, com a nossa participação, um novo tipo de consenso. Continuo espantado com a capacidade de transformação dos seres humanos. Tome-se o caso dos brigadistas italianos que raptaram e depois mataram, Aldo Moro, em condições horríveis.

Vou encontrar dois deles a cumprirem penas de prisão perpétua e dou com dois seres de gentileza extrema. Não se pode, de facto, dividir as pessoas em *boas* e *más!*».

Finalmente, transformando-se de Dany o Vermelho em Dany o Verde, o *enfant terrible* de Maio 68 não renunciou a nenhum dos seus ideais. Desde há sete anos que vive na mesma comunidade de sete adultos e três crianças. Milita nas «redes alternativas», movência de oposição organizada em torno dos problemas específicos da vida quotidiana, e no jornal ecológico-pacifista que dirige, chamado *Plafers-trand*. De facto, debaixo das pedras da calçada, estava a praia...

Alain Woodrow

Nota
1) *Nous l'avons tant aimée, la Révolution*, é uma série de quatro filmes feitos para a TV, e que um canal francês está a passar exactamente durante este mês de Novembro. Eis um «enlatado» de excepção, que a nova TV de Carlos Pinto Coelho bem poderia negociar. Apesar de tudo, não são tão poucos como isso, os portugueses hoje quarentões que viveram, por procuração ou afe directamente, os «anos loucos» do final da década de 60...

Na quinta-feira

TER-ESGREVER

Enrile/Cory Aquino — braço de ferro nas Filipinas

«Se fosse necessário, pedir-vos-ia que viessem novamente para a rua»: ao deixar as Filipinas, a presidente Corazon Aquino fez questão em invocar o «poder popular» que em Fevereiro passado a levou ao exercício do seu cargo. Mais do que um apelo emotivo, a promessa de Cory constitui uma resposta ao cenário erguido pelo seu ministro da Defesa para justificar um eventual golpe. E poucas alturas seriam teoricamente tão propícias à sua execução como esta.

Corazon Aquino partiu ontem para o Japão, onde permanecerá até quinta-feira. Ao realizar esta visita, a presidente mais não faz, afinal, do que insistir naquela que tem sido a sua posição face aos rumores sobre a preparação de um golpe: minimizá-los. Na declaração lida, pelo porta-voz presidencial Teodoro Benigno, poucas horas antes da sua partida, Cory afirmava mesmo que não deixará que as Forças Armadas sejam destruídas por um «punhado de elementos descontentes, se é que realmente estão a preparar alguma coisa».

A confiança da presidente parece não ter sofrido com a intensificação, nestas últimas semanas, das críticas que lhe são dirigidas pelo ministro da Defesa, Juan Ponce Enrile, e aparentemente ela assenta no pressuposto de lealdade do homem sem o acordo do qual um golpe estaria condenado ao fracasso: o general Fidel Ramos, chefe de Estado Maior das Forças Armadas filipinas.

Tanto em Manila, como em Washington, Fidel Ramos é considerado como o «homem chave» na disputa entre a presidente e o mini-

stro da Defesa, uma vez que só ele parece contar com o apoio efectivo dos militares. Apesar de não esconder alguma insatisfação perante medidas adoptadas pelo governo de Aquino, Fidel Ramos tem tentado manter as Forças Armadas afastadas do conflito e até agora as suas declarações não permitem duvidar da sua lealdade para com a presidente.

No entanto, este pressuposto parece ser excessivamente frágil para só por si justificar a conduta confiante de Cory: à semelhança de Enrile, Ramos foi um dos homens do ex-ditador Marcos; liga-o ao ministro da Defesa uma amizade de anos; e ao contrário deste não precisa de justificações prévias para as suas acções...

Com 58 anos, o general Fidel Ramos aparece como um homem para quem duas questões têm prioridade sobre todas as outras: o estado das Forças Armadas e a guerrilha comunista. A deterioração destas durante os últimos anos do regime de Marcos parece ter sido o factor que o decidiu a juntar-se, em Fevereiro, aos rebeldes. Os seus colaboradores consideram que actualmente só uma

«cedência» à guerrilha comunista por parte de Cory o levará a apoiar um golpe. Mas apesar de ter sublinhado que é à presidente que compete avançar com propostas de combate à guerrilha, Fidel Ramos declarou que Corazon Aquino tende a subestimar a «ameaça comunista».

A aparente confiança de Cory no chefe de Estado Maior das Forças Armadas é acompanhada por uma outra não menos perigosa: a de que os Estados Unidos permanecerão fiéis às suas declarações de apoio «inequívoco» ao governo da presidente. As constantes referências de Cory ao apoio norte-americano levaram, aliás, um oficial filipino a afirmar: «o que Aquino não entende é que Washington quase nunca diz que apoia um golpe de direita até ao momento em que este se concretiza; a sua política é sempre a do facto consumado».

Para além destes dois «aliados», Cory parece não duvidar do seu prestígio junto do povo filipino. Acresce que este dificilmente aceitará a liderança de homens como Enrile, «manchados» pelos anos de serviço a Marcos, e que o «poder popular» que a levou a presidente em Fevereiro se voltará a exercer caso se concretize uma tentativa de golpe.

Ambição pessoal

Mas sejam quais forem as fontes que alimentam a confiança de Corazon Aquino, a verdade é que ela tem em Juan Ponce Enrile um opositor que dificilmente desistirá de atingir a sua meta: a presidência.

Por detrás das críticas por ele feitas a Cory, esconde-se uma ambição pessoal alimentada durante os anos de Marcos e que esteve na base da sua «deserção» quando, em Fevereiro, acompanhado por Fidel Ramos, se barricou em Camp Crame num movimento que contribuiu decisivamente para a queda do ditador e a ascensão de Aquino.

Era a desforra do filho ilegítimo, «expulso» da corte de Marcos por ser casado com uma mulher que despetou os ciúmes da então primeira dama, Imelda, mas era também o gesto de quem sabia que com Marcos pouco mais poderia ser do que ministro da Defesa, cargo que desempenhou durante quinze anos, e do político que ao pressentir o desmoronamento da ditadura tentava assegurar um lugar no regime que se lhe seguiu.

Segundo a classificação de um diplomata em Washington, Juan Ponce Enrile «não quer só a essência do poder. Ele quer também todos os seus atributos». E esta é a sua opor-tunidade. Na verdade, se a nova Constituição proposta por Aquino for aprovada no referendo nacional de 2 de Fevereiro de 1987, Enrile perderá a justificação oficial da sua acção com a reafirmação de um dado que é já hoje inquestionável para a presidente ou seja, que o seu mandato é válido até 1992.

Uma ambição como a de Enrile dificilmente se ajusta a um compasso de espera de seis anos e ele não esquece que em 1992 terá já 69 anos.

Foi talvez por isso que o ainda

ministro da Defesa abandonou nestas últimas semanas a sua posição cautelosa. No princípio de Novembro apareceu, pela primeira vez desde Fevereiro, ao lado de apoiantes de Marcos num início anti-comunista em Manila. Aí pronunciou um discurso contra a presidente, nomeadamente no que respeita aos esforços desta em alcançar um cessar-fogo com a guerrilha protagonizada pelo Novo Exército do Povo, braço armado do Partido Comunista das Filipinas.

Segundo Juan Ponce Enrile, Cory tem sido excessivamente branda para com a guerrilha. Mas para Enrile o que está em causa neste domínio não é o modo como são conduzidas as negociações com vista a um cessar-fogo, mas sim a existência de um qualquer acordo com a «subversão».

Legitimidade do poder

O ministro da Defesa tem sustentado ainda que a presidente perdeu toda a sua legitimidade quando em Março passado anulou a Constituição promulgada por Marcos em 1973 e dissolveu a Assembleia Nacional. Para Enrile, a legitimidade só será reposta com novas eleições presidenciais, reivindicação que é apoiada pelo vice-presidente Salvador Laurel.

No entanto, Corazon Aquino considera que a sua legitimidade lhe vem do «poder do povo» demonstrado em Fevereiro quando mais de um milhão de civis se juntaram aos militares no movimento que levou à queda de Marcos e também expresso nas urnas durante as eleições que disputou com o antigo ditador antes da revolta. A seu favor a presidente tem ainda o facto do governo que lidera ter sido reconhecido internacionalmente.

As críticas de Enrile têm sido ignoradas por Cory que, no entanto, lhe prometeu que iria assumir uma posição mais dura para com a guerrilha e rever a substituição dos cerca de 1.600 governadores e presidentes de Câmaras. Mas este gesto apaziguador parece ter um óptimo destinatário: o general Fidel Ramos. Na verdade, a presidente sabe que Enrile, por si só, conta apenas com o apoio de alguns oficiais mais exaltados, oriundos do grupo de resistência do ministro da defesa. Segundo algumas fontes, ele conseguiria reunir, no máximo, cerca de 700 efectivos das tropas de combate.

Juan Ponce Enrile está também consciente desta sua fraqueza e sabe que a última acusação que dirigiu ao governo de que faz parte, corrupção, pode-se virar contra si próprio. Recentemente, o Departamento norte-americano de Justiça confirmou que está a investigar a participação de Enrile no desvio de fundos de apoio às Filipinas entregues pelos Estados Unidos ao governo de Marcos.

As arremetidas do ambicioso ministro da Defesa são assim intercaladas por gestos ou declarações contraditórias. Pouco depois do comício já citado, Enrile afirmava que não deviam atacar Corazon Aquino «porque ela é a nossa presidente» e ontem estava presente no aeroporto de Manila quando Cory embarcou para o Japão. Por seu lado, a presidente parece querer mantê-lo no executivo e tem classificado as suas discordâncias como uma «desavença familiar».

Um jogo que faz lembrar o do «gato e do rato», mas onde está ainda por definir quem é o primeiro e quem é o segundo. Uma certeza, porém: a distribuição dos papéis não será decidida por nenhum dos dois protagonistas da disputa em curso nas Filipinas.

Noémia Ribeiro



Cory Aquino recebendo honras militares antes da sua partida para Tóquio. À esquerda, Juan Ponce Enrile

Cinco teses para uma definição da esquerda

Continuação da pág. 1

3 — Uma concepção não providencial do papel do Estado

A questão do Estado encontra-se no cerne dos debates sobre a transformação do sistema e o modelo de sociedade. Debates que ficam desde logo viciados quando têm lugar em torno de dois pólos extremos: o do estatismo de tipo leninista que delega no Estado, enquanto gestor económico, político e produtor de ideologia, uma função iluminista e providencial; o da apologia neo-liberal de uma autoregulação do mercado e da sociedade, o Estado limitando-se a ser como que gestor dos assuntos correntes.

Nos países post-coloniais e/ou subdesenvolvidos, as circunstâncias sociais e históricas favorecem que *élites* (militares ou de outro tipo) se afirmem através de formas autoritárias de poder, com discursos e conteúdos diversos. Mas nos países ocidentais e industrializados — ou em vias disso, como o nosso — essas formas autoritárias de regime, — a exemplo das do chamado «socialismo real» —, correspondem cada vez menos ao nível de desenvolvimento, às estruturas económicas e culturais, às instituições existentes.

Segundo certas teses, Reagan, por um lado, e Thatcher, por outro, teriam ressuscitado as virtudes do liberalismo post-keynesiano, as quais seriam potenciáveis numa perspectiva não-conservadora. Todavia, o que parece ter acontecido num e noutro caso, foi sobretudo a redução do papel do Estado no âmbito da política social, e o livre curso de lógicas económicas susceptíveis de incidirem negativamente sobre as condições de vida e de trabalho de camadas de assalariados ou mais desfavorecidas.

Nada de muito novo nem de muito original, já que, em termos substanciais, nesses países, pelo seu nível de desenvolvimento e pela sua complexidade, o Estado não pode abdicar de gerir, de intervir, de ser mediador, que mais não seja para viabilizar políticas necessárias à manutenção de certos equilíbrios que correspondem aos interesses de grandes forças económicas e dos principais grupos de pressão.

Em meu entender, a questão que se põe é a de que as funções do Estado decorrentes dos próprios níveis de desenvolvimento, por um lado, e as que lhe sejam acrescentadas numa perspectiva de racionalização e de transformação qualitativa do sistema, por outro, devem corresponder, não a modelos pré-determinados de carácter dogmático, mas à definição de um projecto político que deverá adequar-se às situações concretas de cada contexto social e histórico.

Como se sabe, uma lógica económica predominantemente de mercado pode muito bem coexistir com a estatização de importantes sectores da economia e da sociedade (1). Do mesmo modo, uma economia e uma política socialmente niveladora, equilibrada e próspera, pode dispensar essa estatização (2).

Julgo ser possível afirmar que os elementos que exprimem transformações qualitativas nas sociedades e, por consequência, nas condições de vida e de trabalho dos cidadãos, na eliminação de injustiças e assimetrias, são função não tanto de quem gere mas de como se gere, não em última instância do estatuto jurídico da propriedade, mas dos níveis de participação de quem trabalha quanto às formas como produz e dos objectivos por que o faz. Tudo



isto, inserindo-se numa acção global em que deverão intervir desde instrumentos de natureza fiscal a medidas culturais contribuindo para a transformação das mentalidades.

Tratar-se-á, portanto, de recusar a tal concepção providencial do Estado que produz novo tipo de dependências e de passividades, impulsionando, em contrapartida, a solidariedade, a participação, a responsabilidade, através das instituições e da acção cívica dos cidadãos. E isto no plano da produção, como nos outros planos.

Nesta ordem de problemas, poder-se-á suscitar ainda o da crise do Estado-Providência. Esta questão não é susceptível de se esgotar na economia deste texto, nem teria a pretensão de o fazer (3). Todavia, e na linha do que deixei escrito atrás, penso, como Rosanvallon (4), que os bloqueamentos com que em determinadas situações se depara o Estado, por força das cliagens existentes entre o ritmo de crescimento das despesas públicas referentes às políticas sociais, os mecanismos de redistribuição e o crescimento da produção nacional, não exprimem tanto um problema económico-financeiro quanto sociológico e cultural.

Como no que diz respeito a outros aspectos atrás aflorados, tal questão coloca-se de maneiras diferentes conforme os contextos sociais, donde será apressado retirar uma filosofia geral e definitiva. Julgo, porém, que uma esquerda realista e criativa, não pode iludir tais realidades escondendo a cabeça como o avestruz, antes as deve enfrentar para daí reformular propostas e programas de acção.

4 — Uma concepção democrática e pluralista de organização do poder

A superação das mitologias messiánicas para as classes, e providenciais, para o Estado, implica logicamente a recusa de toda a organização do poder que não se caracterize pela abertura, pelo pluralismo e pela representação democrática.

A livre expressão da diversidade de culturas políticas e a mediatização dos

diversos projectos sociais em presença, obrigam à institucionalização da representação partidária. É potenciando a própria conflitualidade, e não sufocando-a, que as dinâmicas de mudança se tornam possíveis e a sociedade viva.

Neste sentido, não só há que defender o papel dos partidos e as regras da representação democrática, como há que reforçá-los e enriquecê-los. A instituição parlamentar deverá ser vivificada, enquanto uma das principais vias de visibilização do poder e da sua fiscalização. Por outro lado, dever-se-á combater a atrofiação e o gigantismo burocrático-administrativo, descentralizando e suscitando, o mais amplamente possível, que os cidadãos organizados assumam funções que se podem e devem libertar da tutela do Estado.

Num artigo, já por mim referido, da autoria de Rosanvallon, este sublinha a necessidade da «cultura crítica», que caracteriza a esquerda, se ter de tornar «cultura de Governo».

A interpretação que faço desta asserção, que me parece pertinente, é de que a esquerda não pode ser discurso crítico fora do poder e gestora da inércia quando Governo. Tem, portanto, de se munir dos instrumentos teóricos e técnicos necessários a uma acção tão competente quanto inovadora, que não esconda sob um pseudopragmatismo a sujeição às pressões do *statu quo*, prosseguindo objectivos, traçando metas, rompendo rotinas, associando ousadia programática ao sentido do Estado.

5 — Uma concepção humanista da política e da sociedade

Hoje, como sempre, e talvez mais do que nunca, quando a barbárie continua a campear pelo mundo sob os mais diversos rostos, há que valorizar e reforçar os valores que deram substância às grandes aspirações democráticas e liberais. Os valores da liberdade, da igualdade e da fraternidade que se concretizam nos direitos fundamentais do homem e do cidadão, e que são indissociáveis dos princípios da tolerância, do diálogo, da convivência, da igualdade de oportunidades e da justiça social.

Assim o exige o reacender de certos

fanatismos religiosos, a proliferação da violência terrorista como pretensão via de expressão política, a permanência da arbitrariedade dos Estados e da existência nestes de uma dimensão oculta onde se movem serviços secretos, «mafias», diversas. Assim o exige, ainda, a acumulação a Leste e a Oeste de enormes arsenais e a contínua produção de meios de destruição.

Nesta linha de questões, cabe também à esquerda contribuir para a emergência de novas formas civilizacionais, combater o fascínio por aquilo a que Rosanvallon chama a «cultura política do enriquecimento», que se associa ainda a uma cada vez mais generalizada tecnocratização da política, *latu sensu*, e ao progressivo esvaziamento da sua dimensão humanista.

Não quero dizer com isto que se menospreze o saber técnico necessário à governação das sociedades contemporâneas, mas sim realçar a dimensão cultural que deverá ter essa governação. Não basta gerir, impõe-se transformar, de forma a que os cidadãos não se limitem a produzir e a consumir, mas também possam pensar e crescer, numa sociedade equilibrada, do urbanismo ao meio ambiente, do económico ao social.

A talhe de foice, poder-se-á aqui abordar outro assunto que, sobretudo com a emergência do PRD e do «e-nismo», suscitou certa controvérsia. Refiro-me à questão da ética e da política.

Em torno dela produziram-se ultimamente fartos discursos, aparentemente virtuosos, mas de facto mistificadores. Ética e política são categorias distintas. O que não significa que a política, enquanto actividade, não seja norteadora por regras e normas morais, mas sim que estas correspondem à especificidade dessa actividade. Por outras palavras, a política não se pode pensar como uma moral, porque através dela não se procura fazer o bem, antes se visa o necessário e o possível, com maior ou menor grau de exigência, segundo parâmetros de eficácia ou pressupostos socialmente aceites.

É ainda uma actividade de homens e mulheres que, sobretudo quando dela fazem carreira, deverão ser movidos por projectos, por ideias, por uma vontade de intervir e construir, mas inevitavelmente por motivações pessoais de realização, de competição, pela «honrada ambição» como dizem os espanhóis para a carreira militar. A política não é caminho para a bem-aventurança.

Aliás, a melhor resposta a esses discursos das «boas almas» renovadoras e democráticas tem sido dada pela forma como o seu partido rapidamente se mostrou um «partido como os outros», e os seus políticos tão bons, ou melhor dizendo e colocando-me na mesma óptica de valorização, tão «maus» como os demais. E ainda a procissão vai no adro.

Conclusões

Os partidos comunistas nos países da Europa Ocidental entraram num irreversível ocaso social e político. Poder-se-á argumentar que os exemplos de Itália e Portugal constituem excepção. Mas a verdade é que o PC italiano há muito se libertou da maior parte da sua carga dogmática marxista-leninista e se integrou nas instituições democráticas, as mitologias que ainda lhe restam caindo progressiva e inelutavelmente. Quanto ao PC português, tenderá ao atrofamento na exacta medida em que a sociedade se for modernizando e, com esta, a esquerda que neste processo activamente se insira.

Por outro lado, o movimento sindical vê esbater-se o seu protagonismo, pela

difficuldade, ou incapacidade, em dar resposta às novas problemáticas e atitudes políticas, aos novos anseios e mentalidades. E, assim, vê passar ao lado a conflitualidade portadora de dinamismos sociais transformadores que já não é meramente reivindicativa e corporativa, mas que tem a ver com problemas e questões qualitativamente diversas, relacionados com a uniformização de modos de vida e de consumo, as incidências das novas tecnologias, os desequilíbrios geradores de insegurança e de tensão que não se situam estreitamente no campo da produção.

Continuam, obviamente, a existir assimetrias sociais profundas, desemprego, inflação, e ainda outras manifestações de tão propagada crise, particularmente visíveis numa sociedade como a nossa. Mas os próprios exemplos da governação socialista — aqui, e não só — têm demonstrado que concepções tradicionais, mais ou menos marcadas por um pragmatismo incaracterístico, podem minorar os efeitos dessa crise, mas não atacam as suas causas profundas. Tanto mais que são muitas as interdependências, e é cada vez mais difícil desinsinuar as realidades nacionais do seu envolvimento europeu e mundial.

A esquerda tem de deixar de continuar a empurrar, qual Sísifo, o lastro das suas mitologias, sementeiras, em última instância, de desencanto. Poder-se-á então perguntar porque insistir em designá-la de socialista?

Acredito que existem referências que, apesar de desvirtuadas, contêm conotações históricas positivas relacionadas com determinadas fases decisivas do percurso da humanidade. Socialismo é uma delas. Razão de sobra para a fazer renascer mais límpida, mais clara, mais actuante. Aqui e agora.

Fernando Pereira Marques

Notas

(1) Veja-se o caso da Itália onde são completamente estatizados a energia eléctrica, os caminhos-de-ferro, os correios, telefones, a maioria dos bancos, e participados maioritariamente pelo Estado a empresa nacional de hidrocarbonetos (ENI), de reconstrução industrial (IRI), de exploração mineira (IFIM), a RAI-TV, etc. Aliás, os resultados da gestão deste enorme sector têm sido tão desastrosos que são os socialistas e, em parte, os comunistas e os sindicatos, a defender a necessidade de dinamizar a iniciativa privada e de incentivar a participação desta nas empresas estatais.

A ENI, a IRI, a ESIM (indústria manufatureira) reagrupam um milhão de empresas, empregam 700 000 pessoas — cerca de 55% das empresas industriais — e têm um índice de negócios de cerca de 100 000 bilhões de liras.

Em contrapartida, os planos de privatização parcial de cerca de onze grandes empresas na RFA, que o governo pretendeu levar a cabo após a sua reeleição em 1983, suscitaram a oposição não só do SPD como também a do presidente da Baviera e membro do SU, Franz Josef Strauss. Na verdade, o ministro federal das Finanças pretendia reduzir a participação do Estado na Lufthansa de cerca de 80% para menos de 65%. Strauss, que é membro do conselho de administração dessa empresa e presidente da Airbus-Alemanha, teme que a colocação no mercado das acções destas empresas prejudique a capacidade concorrencial da aviação civil europeia face aos EUA.

(2) Na Suécia, cerca de 90% das empresas são propriedade privada, pertencendo os restantes 10% ao Estado ou a cooperativas. As empresas estatais estão agrupadas num *holding*.

(3) Vd., entre outros contributos, o artigo de Manuel Villaverde Cabral, «O Estado-Providência e o Cidadão», Risco, n.º 1, Primavera de 1985.

(4) Vd. Pierre Rosanvallon, «A esquerda hoje», Risco, n.º 3, Outono/Inverno, 1985-1986.

Dos medos do ano 1000 às crenças do ano 2000: A palavra com Pierre Riché, professor de História Medieval em França.

QUAL é a reacção de um especialista da história da alta Idade Média, à leitura deste livro, resolutamente virado para o futuro?

Pierre Riché: Pois bem, é um livro interessante, divertido, sedutor. O mais frequente, os autores deste género de ficção reservam as suas previsões para o ano 2000. É mais temerário, mais audacioso, de reflectir sobre o que está para além do ano 2000. Mas eu poderia perguntar-vos porque me escolheram a mim, um medievalista para o julgar...

Com a chegada do ano 2000, podemos dizê-lo, o fim do milénio exacerba os sentimentos de medo e de dúvida. Este período será propício ao regresso dos «medos do ano mil»?

Podemos considerá-lo. Nos Estados Unidos, uma seita quer construir uma «arca da aliança» a fim de preparar o fim do mundo em Maio de 2000. O regresso do cometa Halley não foi considerado como inquietante?... Esse paralelo com o ano mil deve primeiramente ser precisado. É preciso chamar a si a esses pretensos «terrores do ano mil». O que inquietou, era, como o notaram os autores, «a crença na magia dos números», esse *algarismo do círculo*. Isso podia igualmente ser ligado a uma leitura do Apocalipse de João anunciando, com a prisão por mil anos do diabo, a vinda do anticristo, a chegada do fim do mundo.

Esse texto foi longamente comentado, em particular por Santo Agostinho, que o meteu em guarda contra a análise dos fundamentalistas cristãos que compreendiam essas revelações ao «pé da letra». De facto, é preciso distinguir entre esta crença do fim do mundo e os medos enjendrados por esta crença que se espalhou para além do ano mil. Tem que se recordar que Michele na sua «História da França», é responsável, por uma boa parte da propagação da lenda. Ele explora o tema a partir de uma crónica autêntica da Idade Média (escrita, de facto, no Séc. XVI), que relata os terrores supostos do ano 2000.

Desde 2180, anunciaram B. Stableford e D. Langford, a crise que sacudiu o fim do séc. XX é banida. É isso um optimismo forçado?

O fim da crise? Não me abalançarei em prever. É arbitrário; podemos imaginar que ela não se extinga no ano 2000. Mas de que crise se trata? Será preciso compará-la com aquela que começa no meio do séc. XIV, marcada pela Guerra dos Cem Anos e que termina com o nascimento dos Estados modernos um século mais tarde.

O «corte» adoptado pelos autores parece-lhe arbitrário?

O que podemos dizer, olhando para o primeiro milénio, é que os grandes acontecimentos não surgiram com o ano mil. Há uma continuidade histórica até 1050; é com o

16 de Junho de 2011. Pela primeira vez depois de 1945, uma bomba atómica explode: a cidade libia de Sabha é riscada do mapa. Em Janeiro de 2079, a poeira nuclear abate-se sobre Buenos Aires. É um princípio de um cenário do fim do mundo? Não, porque a sabedoria vai prevalecer. O primeiro século do terceiro milénio será a aurora do desarmamento geral. A «Era da Crise» vai brevemente acabar. Brian Stableford e David Langford, dois cientistas ingleses, respectivamente biólogo e físico de formação, não regatearam os «efeitos especiais».

O «Terceiro Milénio», na história do mundo do ano 2000 ao ano 3000, parece uma tentativa exaustiva do género. Em quarenta capítulos, enriquecidos de espantosas fotomontagens, o seu livro programa o futuro em quatro eras cheias de ruído e de furor.

A «Era da Crise», o fim da corrida aos armamentos e o acontecimento de fusão nuclear, que baixa

os custos da energia e a faz excedentária. Apesar do desespero, legado do anterior milénio, a recessão apaga-se no progresso de uma economia controlada com a «Era do reerguer», entre 2180 e 2400, a ONU é consagrada ao seu papel de árbitro pelas grandes potências. Com o fim dos conflitos Leste-Oeste, e sob o impulso da ONU, a gestão ecológica do planeta torna-se pouco a pouco realidade. Não sem dificuldade, a planificação da economia mundial põe fim à escassez alimentar: a cultura em grande escala de campos de plancton, a produção de carne sem animais (uma experiência!), a criação de proteínas comestíveis e de sopas de algas, substitui vantajosamente os antigos alimentos. Livres de escassez, mestres de uma lua verdejante, os homens da «Era da Mudança» partem à conquista do sistema solar. Já há bastante tempo que os micro-mundos, onde residem milhares de terrestres, colonizam o espaço. Entre 2400 e 2650, a tecnologia do

rejuvenescimento venceu a morte precoce... não sem ter despertado o medo do tédio. No ano 3000, a Terra não é mais que uma recordação para os longínquos povos das estrelas, *homo sapiens* aperfeiçoados, que conquistaram a sua autonomia depois de terem beneficiado de uma modificação da sua anatomia. Mas, com a criação do «novo mundo», que fechou o milénio, uma inquietação se tornou presente: «É agora o fim do progresso?» habilmente construído e não sem humor, alimentado por todos os sonhos da ciência-ficção, desenvolvido a partir das novas aberturas da ciência e da tecnologia contemporâneas (genética, robótica, telemática, etc.) esta *história do mundo futuro* é terrivelmente optimista. Ela seduzirá os que sonham com a idade do ouro e confortará, nas suas crenças, os difamadores da tecnologia.

Bernard Lefort

Le Troisième millénaire

De Dorian Stableford e David Langford, Aubier, 223 p.

Quem tem medo do ano 3000?



As aeronaves eram muito utilizadas na agricultura, no século XXV. Na foto: aspergindo aglomerantes sobre as areias movediças do Sara

fim desse século que o mundo ocidental adquire outro aspecto. Aí, há uma aceleração da História. Uma outra começa com a «revolta» da Igreja contra o sistema feudal. A conquista de Inglaterra por Guilherme, o Conquistador, em 1066, foi um acontecimento considerável. Como a criação das primeiras escolas urbanas logo confiadas aos monges, donde o início do renascimento das cidades e das primeiras heresias. É portanto somente depois de 1050 que um outro século começa.

Será necessário então deslocar os limites do ano 2000?

Creio com efeito que na segunda

metade do séc. XX, e não antes, se produziu o mesmo tipo de aceleração da História. Ela começa com a explosão da bomba atómica. Mas a aceleração é igualmente assinalada pela conferência de Bandung em 1955, que anuncia o fim da colonização do mundo começada com o séc. XIII, e o lançamento do primeiro Sputnik em 1957. Faltaria também lembrar acontecimentos como o Vaticano II, em 1963, que põe fim à latinização da Igreja romana, ou os primeiros passos do homem na Lua, ou mesmo Maio de 68, e mencionar a extensão do uso dos computadores. Na minha opinião, até aos anos 60 nós éramos as

crianças do séc. XIX; hoje, já entramos no séc. XX.

Que pensa do afastamento das ameaças de guerra anunciado nos princípios do terceiro milénio depois de uma guerra nuclear desastrosa?

É preciso desejar, como os autores, que as guerras não sejam catastróficas. Quanto à sua ideia de paz definitiva, é preciso dizer que é um velho projecto. A «Paz de Deus», no fim do primeiro milénio, era pedida pelos bispos que, defronte da carência do Poder Real, reuniram assembleias de paz. O segundo concílio de Latrão, em 1139, proscreveu mesmo o uso da balestra,

como arma demasiado mortal. Sempre se quiseram entrar as guerras...

Com o prolongamento espectacular da duração de vida, o fim das fomes, a abundância da energia, o ano 3000 é anunciado como o triunfo do progresso. Isso espanta-o?

Não, porque o progresso é para mim uma realidade. O homem evolui não obstante as crises. Entre um homem pré-histórico, um homem da Idade Média temendo a noite, e o homem actual, há uma evolução da consciência. Deste ponto de vista, estou bastante próximo de Teilhard de Chardin, para o qual há um progresso contínuo, até ao ponto «Omega».

Em contrapartida acho que os autores se interessaram mais pelo aspecto científico, técnico, da evolução, que pelo aspecto cultural; o ponto de vista é mais estritamente científico que humanista. O homem parece-me esmagado e vítima das suas próprias técnicas, e subestima-se o seu papel, como não se vê bem o jogado pela mulher.

Entre o autor de ciência-ficção e o historiador não haverá um laço profundo que será o do imaginário?

Em suma, você quer dizer-me que a História, como o historiador a conta, não corresponde forçosamente à realidade dos acontecimentos do passado... É verdade, o historiador, poderemos dizê-lo por capricho, é um pouco artista. Mas eu creio que a «História não se pode passar do historiador». Os nossos ancestrais positivistas eram utopistas enquanto julgavam que a partir de uma análise científica do passado podiam fazer história científica. Mas a História não pode ser científica no sentido de uma análise de laboratório. Eu não direi ao contrário, que a História é antes de tudo subjectiva... tudo depende da honestidade do historiador; é dizer a necessidade de uma visão sem o «priori» e sobretudo sem ideologia — o que acontece por vezes. Acrescentarei que se ele pudesse atrasar o tempo, reviver a época carolíngia, o historiador deste período seria, talvez, desiludido pelo seu trabalho...

Imagine que estaria no lugar desses «historiadores» do ano 3000, que diria você?

Ah! eu recuso pôr-me no seu lugar. Podemos evidentemente imaginar que a conquista do espaço é uma coisa importante, mas então, é preciso pensar como um homem do séc. XIV que começa a ouvir falar de Marco Polo e de Magalhães, consciente da esfericidade da terra e que, desde logo, pode imaginar ir até outros mundos... Eu creio sobretudo na capacidade de adaptação do homem, na sua inventividade, na sua força de reacção ao acontecimento. Mas ele não pode prever o futuro; os acontecimentos escapam-lhe. O que ele pode fazer é servir-se dele para progredir. Posto que a História não é racional, que há sempre uma dimensão que escapa. Deste ponto de vista, a reflexão histórica permite ser um pouco menos nervosa face aos acontecimentos: ela permite mostrar que o que acontece é importante, mas relativo. Ela tem um papel de descrédito.

B. L.

A deontologia a nada é estranha

● Congresso da OIJ, ou o jornalismo à escala planetária

Numa altura em que os jornalistas portugueses se preparam para, em conjunto, discutir questões ligadas à deontologia da profissão — o seu II Congresso começa amanhã prolongando-se até sábado — é de toda a actualidade e interesse, creio, recordar o que foi, nas suas linhas gerais, o X Congresso da Organização Internacional de Jornalistas, realizado em fins do mês passado em Sófia, Bulgária, e ao qual assisti como convidado.

De resto, o Sindicato dos Jornalistas Portugueses foi aí eleito para uma das 30 vice-presidências da OIJ e, mais do que isso, passou a integrar o Bureau da Presidium, de 13 membros apenas, o que pode vir a revestir-se da maior importância para todos os profissionais nacionais da comunicação social. Há, na verdade, que estar batento.

A OIJ, constituída há 40 anos com base em várias organizações de jornalistas com reduzido número de membros, não parou de crescer e é hoje, de longe, a maior e a mais representativa associação de jornalistas profissionais do mundo. Agrupa mais de 250 mil jornalistas de diferentes convicções políticas e filosóficas e de crenças religiosas de 120 países de todos os continentes e mantém relações estreitas com a ONU e dentro desta, nomeadamente com a Unesco, Ecosos e OIT. O seu prestígio internacional, moral e político, é grande. A sua actividade reparte-se por todos os campos que têm a ver com o exercício da profissão e os resultados obtidos têm sido notáveis — desde a formação profissional às condições de trabalho, desde os estudos e documentação às questões de índole social, desde as denúncias das injustiças e perseguições de que os jornalistas são vítimas por todo o mundo à solidariedade manifestada, no concreto, nas mais diversas ocasiões e situações. No que a Portugal respeita, por exemplo, quando o governo da AD, em 1981, quis encerrar a Anop, a OIJ mandou um representante seu ao nosso país — Gerard Gatnot, que estará de novo entre nós no II Congresso — e desencadeou um forte movimento internacional em defesa da agência portuguesa.

Defesa da paz

Mas falemos do X Congresso da OIJ, realizado em Sófia. Aí estiveram representadas 101 organizações de jornalistas de todo o mundo, tendo ainda assistido, como observadores, 37 outras organizações e 55 convidados.

O modo como os trabalhos do Congresso foram organizados dá, desde logo, uma ideia das preocupações centrais da OIJ. Durante os quatro dias de duração da reunião, os congressistas puderam participar em três grandes secções de discussão, a saber: *Meios de comunicação e paz*, presidida por A. Palmer (EUA) e I. Laptev (URSS); *Nova ordem internacional de informação e comunicação*, presidida por Charles Chikerema (Zimbábue) e K. Vikram Rao (Índia); e *Novas tecnologias nos meios de comunicação social*, presidida por Luis Soarez (México) e S.Q. Ham-moudi (Irake).

Foram quatro dias de intensos debates tendo, no final, sido aprovados três documentos: um apelo, uma declaração de solidariedade e um texto de orientação para os próximos quatro anos.

Da leitura dos três documentos resulta claro que a preocupação número

um da OIJ é a defesa da paz, campo onde as responsabilidades dos jornalistas são tremendas. Aliás, já no relatório sobre as actividades do Secretariado Geral do OIJ distribuído logo no início dos trabalhos a todos os congressistas se podia ler:

«Conscientes de que a responsabilidade na luta pela preservação da paz não depende somente dos estados e dos governos, mas também da opinião pública mundial, um crescente número de pessoas das mais diversas profissões, convicções políticas e filosóficas vêm juntando-se ao movimento de massas pela paz e contra a guerra nuclear. Nesta situação o jornalista não pode ser apenas testemunha indiferente dos acontecimentos».

Hoje está claro que no jornalismo não pode existir uma fronteira entre posição política e profissionalismo. Pelo contrário — conforme vai crescendo a influência geral dos meios de comunicação de massas, vai diminuindo cada vez mais essa fronteira. Por esta razão, uma das principais orientações das actividades da OIJ desde o último congresso, foi e continuará a ser no futuro, a tarefa de mobilizar os jornalistas para a luta pela paz e o desarmamento, para o entendimento entre as nações e para evitar a guerra nuclear. Todos os que integram a profissão devem coadjuvar este esforço e, em primeiro lugar, com o seu trabalho, com uma informação verídica e honesta de toda a opinião pública, desmascarando a todos os que instigam a carreira armamentista e criam uma psicose de ódio.»

Criadores de opinião

Ora bem: o Apelo aprovado no final do Congresso tem exactamente esse sentido. Os jornalistas presentes em Sófia pediram aos seus camaradas de profissão de todo o mundo para que unissem esforços «na luta pela paz, contra a ameaça de um conflito nuclear, pela autodeterminação, a democracia e o progresso».

O documento vai mais longe, contudo: «É preciso tirar conclusões do encontro de Reiquejavique», diz expressamente. E isso, acrescenta, «exige intensificar os esforços dos países socialistas, de todos os estados da Europa, de todos os estados e nações do mundo para parar a colocação de novas armas nucleares na Europa, para retirar os mísseis já existentes e destruir todas as armas nucleares, para aumentar os esforços no sentido de reduzir a corrida armamentista e caminhar-se no sentido do desarmamento e da paz».

Ora, «a situação complicada e perigosa que vivemos impõe-nos a nós, jornalistas, uma grande responsabilidade, pois muitas vezes nós não somos apenas aqueles que exprimem, mas também aqueles que criam a opinião pública. Os «mass-media» podem e devem contribuir de um modo significativo para a salvaguarda e reforço da paz, para criar

um clima de confiança entre os países e os povos».

O documento apela ainda aos jornalistas de todo o mundo para, sem excepção, «empreenderem esforços comuns mais activos em favor da solução dos problemas da fome, da produção de novos tipos de produtos alimentares, da protecção do meio-ambiente, da salvaguarda dos recursos existentes de energia e da valorização de novas fontes».

Novas Tecnologias

A questão da paz constitui, pois, a prioridade das prioridades da OIJ. Porém, o documento de orientação aprovado não esquece outras questões que interessam aos jornalistas de todo o mundo.

As novas tecnologias, que não são neutras — bem pelo contrário... — foram objecto de longos e participados debates, tendo-se concluído que «ao jornalismo democrático não é indiferente em que mãos se encontram as novas máquinas e tecnologias e com que finalidade são utilizadas — se a favor dos povos e dos jornalistas, ou contra eles».

«Nos países em desenvolvimento» — lê-se no documento final — «a implantação dos êxitos do progresso científico e tecnológico traz problemas económicos, financeiros e técnicos e mostra a falta de quadros nacionais devidamente preparados. As corporações transnacionais, as agências e monopólios de informação capitalistas aproveitam estas dificuldades para impor as suas concepções de fluxo livre de informação, para abusar dos êxitos técnicos com o fim de violar os direitos soberanos dos Estados, para intervir nos seus assuntos internos, desvalorizar os seus patrimónios culturais e espirituais, para divulgar, premeditadamente, informação que beneficia a propaganda imperialista».

O Congresso considerou também que

«o movimento jornalístico internacional deve lutar activamente por utilizar os satélites espaciais para fluxos de informação que contribuam para firmar a amizade, a confiança e a boa vizinhança, para um amplo intercâmbio de valores culturais, para um enriquecimento espiritual».

Contactos entre jornalistas

Outra direcção apontada neste X Congresso da OIJ foi o desenvolvimento de esforços para a implantação de uma nova ordem internacional de informação. Nesse sentido foi manifestado todo o apoio à POOL dos Não Alinhados e apostou-se forte na ampliação da rede de escolas de jornalismo da OIJ — neste momento estão em funcionamento escolas de formação profissional em Praga, Budapeste, Havana, Hanoi, Sófia, Berlim.

A actividade editorial da OIJ vai ser igualmente reforçada.

Importância especial foi igualmente dada ao «desenvolvimento de relações ainda mais estreitas entre os sindicatos de jornalistas de todos os países».

«A situação internacional impõe ampliar os contactos entre jornalistas dos Estados de diferentes regimes sociais» — diz também o documento de orientação. «Estes contactos foram interrompidos pela 'guerra fria', atizada pelos currículos imperialistas agressivos. Os diferentes posicionamentos dos jornalistas sobre alguns problemas não devem ser obstáculo a um intercâmbio regular de opiniões para acções conjuntas com o fim de desanuviar a situação mundial de criar condições normais para que todos os jornalistas possam cumprir com as suas obrigações profissionais. Os jornalistas podem e devem encontrar-se para analisar os problemas mundiais que interessam a toda a humanidade: a salvaguarda da paz, a ecologia, a alimentação e a luta contra a fome; a salubridade, a ciência, a técnica assim como a libertação dos estados da dívida em crescimento imposta pelo imperialismo, problemas em que a colaboração não só é possível como também necessária».

Neste sentido, o Congresso recomendou ao Secretariado Geral da OIJ que «tome iniciativas e colabore na organização de encontros criativos entre jornalistas de diversos países e regiões».

Estes foram, pois, alguns dos pontos essenciais dos trabalhos do X Congresso da OIJ. A paz, a nova ordem internacional de informação, a formação profissional dos jornalistas, as novas tecnologias — eis alguns tópicos que têm muito a ver, sem excepção, com a deontologia dos jornalistas, pois esta a nada é estranha... A tal deontologia que vai ser debatida a partir de amanhã pelos jornalistas portugueses, reunidos no seu II Congresso, a decorrer na Fundação Calouste Gulbenkian.

Ribeiro Cardoso

Mensagens Pessoais

Senhora

Para consultório c/apresentação, prática de fichas, arquivo, bancos, impostos. Oferece-se

Contactar: Alice Martins
Travessa da Palmeira 16-r/chão
Dt.º 1200 — Lisboa

«Cliper»

Pede-se a Henrique Espírito Santo — Produtor de Filmes, o favor de se pôr em contacto com o «cliper» através do telefone 2519454.

Trompette

— Trompette vende-se — telef. 4192121 (depois das 19 h)

Casaco de lontra

Casaco de lontra com gola de raposa. Casaco de cabedal, verde seco, estado novo. Ambos são compridos. Agradece. Tel. 847622 das 10 às 22 horas.

Ex-soldado procura

Ex-soldado clarim da CART 2516, que esteve em Cabinda, Maiombe, Angola, de 1969 a 1971, deseja contactar ex-companheiros. Sou Osvaldo da Silva Cruz. R. da Benta 36-A, 2430 Marinha Grande.

Afinidades

Tenho 24 anos. Sou anarquista individualista linha Max Stirner e procuro contactar com leitores/as para fins de amizade/troca de ideias. Escrevam para: Carlos F.P. Calvão — Rua Washington n.º 68-3.º Dt.º — 1100 Lisboa

Inglês/alemão

Universitário. Inglês fluente falado/escrito assim como bons conhecimentos de alemão procura part-time ou full-time como professor, tradutor, expediente escritório, recepcionista ou outras tarefas. Respostas ao tel. 239 25 66

Grândola

Vende-se prédio, situado na Rua Jacinto Nunes, 19-21 (Rua Comercial). Contactar José Godinho Pinto — Rua Martim Afonso de Sousa, 56 — 7160 Vila Viçosa. Tel. 98319.

Vocalista

Fernando José Ribeiro dos Santos, morador na Rua Laureano de Oliveira, 8-1.º — Moscavide 1885 Lisboa — vocalista com bastante prática oferece-se para conjunto de baile. Resposta para a morada acima indicada ou para o telefone 251 94 54.

Regulamento

Cada leitor poderá enviar-nos, até à quarta-feira de cada semana, as suas «mensagens pessoais», que o «Sete Ponto Sete» publicará gratuitamente na edição seguinte. Cada mensagem não deve ter mais de 60 palavras (incluindo a identificação), e nem o «Sete Ponto Sete» nem o «Diário de Lisboa» podem ser os destinatários das respostas, quer dizer: cada mensagem deve mencionar a morada ou telefone do seu autor. Dactilografe ou redija muito legivelmente o seu texto, e envie-o para «Mensagens Pessoais», «Sete Ponto Sete», «DL», Rua Luz Soriano, 44, 1200 LISBOA.

